

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
MESTRADO EM GESTÃO DO TERRITÓRIO

EVERTON DE DEUS

PERCEPÇÃO AMBIENTAL DOS MORADORES DAS MARGENS DO ARROIO
PILÃO DE PEDRA EM PONTA GROSSA-PR

PONTA GROSSA
2019

EVERTON DE DEUS

PERCEPÇÃO AMBIENTAL DOS MORADORES DAS MARGENS DO ARROIO
PILÃO DE PEDRA EM PONTA GROSSA-PR

Dissertação de Mestrado apresentada para a obtenção do título de mestre, no Programa de Pós-Graduação em Geografia, Mestrado em Gestão do Território, da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).

Orientador: Prof. Dr. Almir Nabozny

PONTA GROSSA
2019

D485 Deus, Everton de
Percepção Ambiental dos moradores das margens do arroio Pilão de Pedra em Ponta Grossa-PR / Everton de Deus. Ponta Grossa, 2019.
109 f.

Dissertação (Mestrado em Gestão do Território - Área de Concentração: Gestão do Território: Sociedade e Natureza), Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Orientador: Prof. Dr. Almir Nabozny.

1. Percepção ambiental. 2. Geografia humanista. 3. Arroio Pilão de Pedra. I. Nabozny, Almir. II. Universidade Estadual de Ponta Grossa. Gestão do Território: Sociedade e Natureza. III.T.

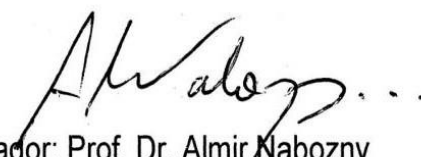
CDD: 918.162

TERMO DE APROVAÇÃO

EVERTON DE DEUS

“PERCEPÇÃO AMBIENTAL DOS MORADORES DAS MARGENS DO ARROIO PILÃO DE PEDRA EM PONTA GROSSA - PR”

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-Graduação em Geografia – Mestrado em Gestão do Território, Setor de Ciências Exatas e Naturais da Universidade Estadual de Ponta Grossa, pela seguinte banca examinadora:


Orientador: Prof. Dr. Almir Nabozny
UEPG


Prof^a. Dr^a. Alessandra Izabel de Carvalho
UEPG


Prof^a. Dr^a. Jeani Delgado Paschoal Moura
UEL

Á todos os moradores das margens do Arroio Pilão
de Pedra do município de Ponta Grossa,
Paraná.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que me abençoa todos os dias e age para tornar a minha vida melhor, por meios que ainda desconheço e não compreendo.

A minha mãe Roseli, meu padastro João, meus irmãos Jefferson, Juliane e Thalita, a minha tia Soely, minhas primas Danizany e Camila, às minhas afilhadas Mayumi e Nathally e a toda minha família. Vocês que sempre me apoiaram, incentivaram e acreditaram no meu potencial.

A minha companheira Marcelli, pela parceria, incentivo e carinho nos diferentes momentos, nossas conversas foram essenciais para a construção deste trabalho. Meus mais sinceros sentimentos de gratidão pelo companheirismo nesta jornada e por tornar as coisas mais claras, você foi e é uma grande parceira!

A Maria Inês e Everson, pelo apoio e ajuda que sempre prestaram a mim e a Marcelli, para que juntos possamos construir nossas vidas, estendo meus agradecimentos aos novos familiares que ganhei.

Ao meu orientador professor Almir, por ter aceitado o desafio de orientar meu trabalho, por compartilhar seu conhecimento e amizade, pelos livros emprestados, pelas leituras recomendadas, pelas correções e sugestões, pela ajuda no trabalho de campo, e por toda ajuda para a concretização desse trabalho.

Aos amigos do Grupo de Práticas de Pesquisas Qualitativas pelas discussões e pelas reflexões sobre este trabalho.

Ao amigo Leonardo meu coorientador de Iniciação Científica, o qual trabalhou comigo no campo durante as entrevistas, registrando as fotos presentes neste trabalho.

Aos moradores do arroio Pilão de Pedra que despenderam alguns minutos de suas vidas e generosamente compartilharam suas experiências ao morar nas margens do arroio.

RESUMO

Este trabalho tem como questão central compreender a percepção ambiental dos moradores das margens do arroio Pilão de Pedra, o qual está inserido na área urbana da cidade de Ponta Grossa – PR. As pesquisas são sustentadas pelo trabalho de campo com entrevistas qualitativas (18), registros fotográficos e caderneta de pesquisa. É discutido o desenvolvimento dos estudos sobre Percepção Ambiental dentro do contexto de estabelecimento de um subcampo de estudos na ciência geográfica na segunda metade do século XX, a Geografia Humanista. Este trabalho foi desenvolvido dentro dos preceitos epistemológicos da Geografia Humanista, na corrente de estudos sobre a Percepção Ambiental de base fenomenológica, para compreender a percepção sobre o mundo vivido e experienciado pelos moradores, e que constituem o seu *lugar consciente da morada*. Para isso, discute-se o contexto em que o arroio Pilão de Pedra está inserido durante o crescimento da área urbana da cidade de Ponta Grossa, e como os moradores das margens do arroio Pilão de Pedra se percebem nessa espaço-temporalidade. A partir das entrevistas se estabeleceu categorias para a compreensão sobre a percepção ambiental dos moradores. Pondera-se que os moradores das margens do arroio Pilão de Pedra percebem o ambiente de maneiras distintas, a “invisibilidade” do arroio para algumas pessoas decorre da interpretação de uma fraca influência nas suas experiências diárias no mundo vivido; o ambiente é percebido em um contexto espacial e de localização vantajoso para o acesso a serviços do centro da cidade, o deslocamento a pé é valorizado; o ambiente é adjetivado como: tranquilo, sossegado e de boas relações interpessoais e sem infraestrutura urbana devida à percepção da ausência de serviços públicos. Finalmente o arroio é percebido como a manifestação do mau cheiro, entre outros aspectos negativos e interpretados como decorrentes da urbanização.

Palavras-chave: Percepção Ambiental. Geografia Humanista. Arroio Pilão de Pedra.

ABSTRACT

The question at the core of this paper is understanding the environmental perception of the people who live on the banks of the *Pilão de Pedra* stream, which is located within the urban area of Ponta Grossa – PR. The surveys are supported by the fieldwork with qualitative interviews (18), photographic records, and survey notepad. We discuss the development of studies on Environmental Perception within the context of establishment of a subfield in geographical science in the second half of the 20th century, the Humanistic Geography. This paper was developed within the epistemological precepts of Humanistic Geographic, in the line of studies about Environmental Perception of phenomenological basis, in order to understand how the local residents perceive the world which they experience, constituting their *conscious place of living*. Thus, we discuss the *Pilão de Pedra* stream in the context of the urban growth of the city of Ponta Grossa, and how the residents of the banks of the stream perceive themselves in that space-temporality. Based on the interviews, we established categories for understanding the environmental perception of the residents, pondering that the residents of the banks of the *Pilão de Pedra* stream perceive the environment in different ways: the “invisibility” of the stream for some people comes from the interpretation of a weak influence on their daily experiences in the world; the environment is perceived in a spatial context as an advantageous location for accessing services available downtown, valuing the walking distance; the environment is described as calm, peaceful, with good interpersonal relationships, and without urban infrastructure due to the perceived lack of public services. Finally, the stream is viewed as a manifestation of bad smell, among other negative aspects interpreted as consequences of urbanization.

Keywords: Environmental Perception. Humanistic Geography. Pilão de Pedra Stream.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Esquema de Assimilação da Realidade e Conduta.....	36
FIGURA 2 – Pintura de Ponta Grossa atribuída a Jean-Baptiste Debret (1827).....	45
FIGURA 3 – Expansão do perímetro urbano de Ponta Grossa e legislação.....	50
FIGURA 4 – Localização da nascente do arroio Pilão de Pedra.....	53
FIGURA 5 – Encaixe do arroio Pilão de Pedra na falha geológica.....	58
FIGURA 6 – Divisão dos bairros dentro da Bacia Hidrográfica do Pilão de Pedra.....	59
FIGURA 7 – Percurso realizado no pré-campo e no campo.....	70
FIGURA 8 – Referências ao ambiente feita pelos moradores.....	75
FIGURA 9 – Croqui com a disposição espacial dos locais citados nas entrevistas.....	92

LISTA DE FOTOGRAFIAS

FOTOGRAFIA 1 – Nascente do Arroio Pilão de Pedra (1905).....	52
FOTOGRAFIA 2 – Canalização do arroio Pilão de Pedra.....	54
FOTOGRAFIA 3 – Localização da antiga pedreira.....	60
FOTOGRAFIA 4 – Construção de condomínios na margem esquerda do arroio Pilão de Pedra	62
FOTOGRAFIA 5 – Loteamento Ecopark Pilão de Pedra (vista da margem direita do Arroio	62
FOTOGRAFIA 6 – Loteamento Ecopark Pilão de Pedra (vista da margem esquerda do arroio.....	63
FOTOGRAFIA 7 – Área na margem direita do arroio desocupada.....	64
FOTOGRAFIA 8 – Leito do arroio Pilão de Pedra.....	64
FOTOGRAFIA 9 – Carreiro de ligação entre as ruas próximas ao arroio.....	90

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Segmentos de auxílio para a compreensão das entrevistas.....	77
QUADRO 2 – Núcleo comum identificado nas entrevistas.....	79
QUADRO 3 – Singularidades identificadas nas entrevistas	88

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO (A NASCENTE)	11
CAPÍTULO 1 – DO HOMEM MEIO À PERCEPÇÃO AMBIENTAL NA GEOGRAFIA HUMANISTA	17
1.1 A GEOGRAFIA PRÉ-INSTITUCIONALIZAÇÃO	18
1.2 A GEOGRAFIA CLÁSSICA	21
1.3 A GEOGRAFIA HUMANISTA E SUAS ORIENTAÇÕES.....	24
1.3.1 A Percepção Ambiental na Geografia Humanista	31
1.3.2 A Percepção Ambiental na Geografia Humanista praticada no Brasil.....	38
1.3.3 A Fenomenologia como base nos estudos de Percepção Ambiental na Geografia Humanista	40
CAPÍTULO 2 – PONTA GROSSA E A URBANIZAÇÃO DO ESPAÇO: O ARROIO PILÃO DE PEDRA – UM CONTEXTO AMBIENTAL (A CANALIZAÇÃO)	44
2.1 O ARROIO PILÃO DE PEDRA E OS FUNDOS DE VALE EM PONTA GROSSA-PR	51
2.2 O ARROIO PILÃO DE PEDRA–ASPECTOS FÍSICOS	56
2.2.1 O Arroio Pilão de Pedra Hodiernamente	61
CAPÍTULO 3 – PERCEPÇÃO AMBIENTAL DOS MORADORES DA MARGEM DIREITA DO ARROIO PILÃO DE PEDRA EM SEU TRECHO NÃO CANALIZADO (PERTO DA FOZ)	68
3.1 O PRÉ CAMPO	69
3.2 O CAMPO E AS ENTREVISTAS: PERCEBENDO E PERCEBIDO	71
3.3 PROPOSTA PARA A COMPREENSÃO DAS ENTREVISTAS	75
CONSIDERAÇÕES FINAIS	95
REFERÊNCIAS	99
APÊNDICE A – Roteiro para entrevista aberta com os moradores das margens do arroio Pilão de Pedra em Ponta Grossa-PR.....	104
APÊNDICE B – Tópicos guia para um diálogo	106
APÊNDICE C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	108

INTRODUÇÃO (A NASCENTE)

A história de um riacho, mesmo daquele que nasce e perde-se no musgo, é a história do infinito. Essas gotículas que cintilam, atravessaram o granito, o calcário e a argila; elas foram neve sobre a fria montanha, molécula de vapor na nuvem, branca espuma sobre a crista das ondas; o sol, em sua trajetória cotidiana, fê-las resplandecer com reflexos os mais brilhantes; a pálida luz da lua vagamente irisou-as; o raio fez delas hidrogênio e oxigênio, em seguida, de um novo choque fez escorrer como água esses elementos primitivos. Todos os agentes da atmosfera e do espaço, todas as forças cósmicas trabalharam de concerto para modificar incessantemente o aspecto e a posição da gotícula imperceptível; ela também é um mundo como os enormes astros que se movem nos céus, e sua órbita desenvolve-se de ciclo em ciclo por um movimento sem repouso. [...]. Em todos os tempos a transparência da nascente foi o símbolo da pureza moral; na poesia de todos os povos, a inocência é comparada ao claro olhar das fontes, e a lembrança dessa imagem, transmitida de século em século, tornou-se para nós um atrativo a mais. (RECLUS, 2015. p.29-30).

A presente pesquisa interpreta a percepção ambiental dos moradores das margens do arroio¹ Pilão de Pedra no espaço intraurbano da cidade de Ponta Grossa-PR no ano de 2018, em seu trecho não canalizado. Ao debater sobre a percepção ambiental dos moradores das margens do arroio, pretende-se trazer à luz questionamentos sobre o perceber, sentir, (re)produzir, experienciar e o viver nessa espacialidade singular da cidade de Ponta Grossa. Portanto, a adjetivação ambiental à percepção dos sujeitos na pesquisa se configura pelo espaço vivido dos moradores, a escolha do trecho do arroio é um ponto de partida (situação inicial do pesquisador), mas o espaço da experiência é aquele nominado pelos sujeitos enquanto moradores de um lugar.

No decorrer de suas vidas, as pessoas se defrontam com valorosas experiências cotidianas, pequenos momentos capazes de transformar um dia aparentemente monótono em uma data que ficará guardada na memória para o resto de suas vidas, até mesmo aqueles momentos negativamente impactantes, mas que fazem parte da construção da memória consciente de cada indivíduo desse planeta.

As reflexões deste trabalho estão voltadas para o ser humano e a sua

¹ 1“Denominação dada aos pequenos rios no sul do Brasil. Exemplo o arroio Chuí (Rio Grande do Sul)” (GUERRA, 2010, p.65). B: Termo regional, com ocorrências nos estados do sul do Brasil (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul), referentes a cursos de água de pequena extensão (IBGE, 2010). Também o arroio é considerado uma toponímia com origem na língua espanhola, possuindo em termos correlatos em outras regiões do país, a exemplo de córrego no Estado de São Paulo.

relação com o ambiente. Desde seus primeiros anos de vida, o indivíduo passa a interagir com os estímulos recebidos a todo o momento, essa capacidade de perceber e ser percebido confere ao ser humano uma posição única entre os animais, é o único a interpretar a natureza e dessa forma produzir conhecimento científico. O conhecimento é culturalmente repassado e reproduzido, indo além de uma opinião simplista a respeito de uma questão/algo, as pessoas estão permanentemente mergulhadas em um ambiente atulhado de informações provenientes de várias fontes, levando a interpretações próprias e diversificadas.

Os estudos desenvolvidos dentro da Geografia Humanista têm suas bases assentadas na Fenomenologia, portanto esse trabalho buscou na Fenomenologia e nos trabalhos desenvolvidos sobre essa sustentação filosófica o entendimento necessário para realizar os trabalhos de campo e as reflexões subjacentes. E essa capacidade de perceber e ser percebido confere ao ser humano um lugar único no Planeta, é o ser capacitado a ler e interpretar o Planeta e assim produzir conhecimento. Esse conhecimento produzido e teorizado sobre a percepção ambiental é amplo e concentra-se nas seguintes correntes/tradições segundo Vasco e Zakrzewski:

Existem diferentes correntes/tradições teóricas que procuram explicar a origem das percepções que o ser humano possui de seu espaço vivido. Segundo a corrente empirista, a sensação e a percepção são causadas por estímulos externos que atuam sobre os sentidos e sobre o sistema nervoso humano, que provocam sensações ou uma associação de sensações, originando diferentes percepções. A corrente intelectualista defende a ideia de que a sensação e a percepção dependem do sujeito do conhecimento, sendo que o exterior é apenas um estímulo a mais para a sensação: sentir e perceber são fenômenos que dependem da capacidade do sujeito (ser ativo) para decompor um objeto (externo, passivo) em suas qualidades simples (a sensação) e de recompor o objeto como um todo, dando-lhe organização e interpretação – a percepção. A corrente fenomenológica considera a intencionalidade da consciência humana e se preocupa em descrever, analisar e interpretar os fatos que acontecem, propondo a não separação entre sujeito e objeto. (VASCO; ZAKRZEWSKI, 2010, p.18).

As três correntes destacadas: empirista, intelectualista e fenomenológica fazem parte de um quadro geral e que frequentemente os pesquisadores se debruçam sobre a percepção ambiental. Isto posto, em evidência, esse trabalho está inclinado a pensar sobre a percepção ambiental a partir da corrente fenomenológica, entendendo essa perspectiva como fornecedora de elementos teóricos para a análise da intencionalidade, firmada nas experiências vividas pelos moradores das

margens do Arroio Pilão de Pedra.

De acordo com Lima (2014), Edmund Husserl (1859-1938) lançou as bases modernas da Fenomenologia, que mais tarde foi seguida por Martin Heidegger (1889-1976), Jean-Paul Sartre (1905-1980), Maurice Merleau-Ponty (1908-1961), entre outros. A Fenomenologia se coloca ao estudo das percepções humanas a partir do que é a essência dos fenômenos. Tem por objeto “aquela coisa” que se exterioriza ou se apresenta, tais como se manifestam os fenômenos, “as coisas constituem aquilo que é rigorosamente dado, aquilo que eu encontro e que é, para mim, originalmente presente” (LIMA, 2014, p.12). A partir de argumentos contrários ao positivismo científico, de acordo com Ribeiro (2009), o filósofo Husserl lidera a retomada da humanização da ciência, o que significa uma nova relação sujeito-objeto, analisando de maneira inseparável o ser humano e o mundo, perante duas linhas, a identificação do fenômeno e a sua essência.

Conforme Ribeiro (2009), Husserl intencionava fazer da Fenomenologia uma ciência exata, através da aplicação restrita do método fenomenológico, no entanto, enfatizava que diferentemente do que pregam as ciências cartesianas, a realidade não está fora da consciência perceptiva do ser humano. Merleau-Ponty também fez contribuições à Fenomenologia a partir da perspectiva existencialista, “os existencialistas buscam penetrar no contexto do mundo vivido, a partir do qual a experiência é construída” (RIBEIRO, 2009, p.46).

Pensando assim, “a consciência é vista como engajada (ou comprometida) no mundo, o que pode ser comprovada pelo estudo da percepção e do comportamento, além do espaço vivido” (AMORIM FILHO, 1999, p.75). Sendo o conhecimento resultado da experiência e reflexão/ação humana, carregada de significados, elementos objetivos, subjetivos e intersubjetivos, a consciência como resultante dessa interação é parte integrante do ser humano e o conhecimento é parte do movimento de construção da percepção do ambiente pelos indivíduos.

A questão central do presente trabalho é compreender como o arroio Pilão de Pedra compõe a percepção ambiental dos moradores das margens desse arroio. Essa questão foi subdividida em outras três questões, sendo elas: evidenciar o estudo de percepção ambiental de base fenomenológica dentro do quadro de desenvolvimento da Geografia Humanista; associar a ocupação e a localização de moradias nas proximidades do arroio no contexto do desenvolvimento urbano de Ponta Grossa e compreender as percepções do ambiente experienciadas no lugar

dos moradores da margem do arroio.

Embora a pesquisa realizada não enfoque uma visão regional, as ideias de Frémont (1979) sobre Região, espaço vivido foi inspirador para as reflexões e para a elaboração da problemática de pesquisa. De antemão o arroio Pilão de Pedra tem a sua nascente no centro da cidade de Ponta Grossa, Paraná o que decorreu na canalização de parte de seu curso (inclusive nascente) já no início do século XX.

Desse modo o “quadro” natural é sensivelmente alterado em associação direta com a expansão do espaço urbanizado. O arroio em si é caracterizado pela dimensão do fluxo/fluído (movimento das águas), o que conseqüentemente constitui a sua imagem percebida. Posto que, há no sentido periferia-centro uma morfologia de situações mais próximas aos aspectos da ruralidade (grande presença de animais domésticos, ruas não pavimentadas e especialmente a presença da mata e da água corrente) que propriamente a imagem do urbano. Por outro lado, em termos de distâncias, os serviços do centro podem ser acessados por parte significativa dos moradores das margens do arroio a partir dos deslocamentos a pé. Mesmo assim nos trabalhos de campo preliminares foi possível identificar algumas vezes as expressões “ir para a cidade” como se estivessem deslocados da área urbana do município de Ponta Grossa, Paraná.

Foi através dos apontamentos evidenciados por Frémont (1979) sobre a ligação entre os humanos e os lugares (espaço vivido), mediados pela experiência apreendidas das mais variadas maneiras, como o trajeto percorrido a pé pelos moradores, a situação de singularização do quadro natural e a subsequente modificação do arroio configuraram as inquietações e os questionamentos da presente pesquisa em que se busca compreender a figuração do arroio na percepção do espaço experienciado, por meio da posição relativa desses sujeitos na cidade (tomada na perspectiva do movimento da urbanização e ao mesmo tempo do fluxo da memória) a partir das situações de moradores.

Portanto, se faz necessário evidenciar o processo de formação do ambiente urbano experienciado pelos indivíduos. Assim, o curso d'água é compreendido no âmbito da história espacial do arroio dentro de um movimento de ocupação das margens no processo de urbanização da cidade, que desde o seu surgimento contou com uma elevada concentração da população na área urbana para os padrões da época e em comparação com outras cidades do entorno. A pecuária insere Ponta Grossa, Paraná dentro da economia do Brasil colônia do século XVIII,

estabelecida no caminho das tropas de muares que vinham do Rio Grande do Sul em direção a São Paulo e desenvolveu atividades para a criação, invernagem, criação e transporte de animais graças a suas características fitogeográficas, com ocorrência de campos de gramíneas e capões de araucária (PINTO, 1983; CHAVES, 2001, MAACK, 2012).

No alto de um morro se estabelece uma igreja e é a partir dela que a cidade se irradia de forma concêntrica, e já na metade do século XIX diversas casas comerciais haviam se instalado na cidade, em grande parte devido aos imigrantes de países europeus, como a Alemanha, Áustria, Itália, Polônia e Rússia. Nesse mesmo período que chega à cidade a estrada de ferro, iniciando a substituição da atividade tropeira e do transporte por carroças pelas facilidades do transporte ferroviário, o que acaba impulsionando as atividades comerciais, de produção agrícola, de extração e beneficiamento de madeira e da erva-mate. O transporte por trens transforma o espaço urbano da cidade, é o novo catalisador para investimentos e geração de empregos.

No entorno dos locais por onde passava a estrada de ferro foram surgindo pontos de apoio logístico para atividade ferroviária, e isso levou o surgimento vilas e mais tarde bairros no entorno, a expansão urbana de Ponta Grossa nesse momento seguia o caminho percorrido pelo trem. (LÖWEN, 1990; MONASTIRSKY, 1997, 2001). A eleição de Ney Braga para governador do Paraná traz mudanças na agricultura, à produção de soja é impulsionada com o aprimoramento de técnicas e de máquinas, junto à modernização do setor industrial, novas configurações espaciais e de produção vão se estabelecendo na cidade como afirma De Paula (2001).

O crescimento econômico é paralelo ao aumento da população urbana, no entanto, a proporção de habitantes da cidade é muito superior aos empregos gerados na indústria, o que se observa é que o setor de serviços é o responsável pela absorção de grande parte dos trabalhadores da área urbana de Ponta Grossa, nesse período de crescimento industrial (LÖWEN, 1990). A expansão da área urbana passou a transformar as espacialidades e dar novos atributos as áreas que antes eram rurais, durante as décadas de 20, 30 e 40 a cidade aumentou seguindo as avenidas que fazem a ligação entre os bairros (Bauduíno Taques, Ernesto Vilela, Visconde de Taunay, Cel. Carlos Cavalcanti), e entre 1950 e 1969 ocorre a maior expansão de área urbana até então, novos loteamentos foram criados nas regiões

de periferia da cidade, balizados por novas legislações de uso, parcelamento e ocupação do solo urbano.

Nesse contexto de crescimento econômico e de acúmulo de capital pela elite agroindustrial está o aumento da construção de edifícios para atender a nova classe média e rica da cidade (LÖWEN SAHR, 2001; OLIVEIRA, 2012). O arroio Pilão de Pedra por estar inserido no meio urbano ponta-grossense passou por significativas transformações, as quais surgiram para atender as necessidades dessa nova configuração socioespacial que se estabeleceu na cidade. Onde os moradores de suas margens fazem parte do processo de ampliação da área urbana, bem como ancoram as suas percepções ambientais.

O entendimento sobre a Percepção Ambiental vem se desenvolvendo de formas heterogêneas e em campos de conhecimentos diversos. Assim, o primeiro capítulo desse trabalho se discorre sobre o surgimento da Geografia Humanista e como se insere os estudos de Percepção Ambiental na Geografia. Já o segundo capítulo discorre sobre o contexto ambiental do arroio pilão de pedra. Por fim, o terceiro capítulo diz respeito a percepção ambiental dos moradores da margem direita do arroio pilão de pedra em seu trecho não canalizado, isto é, trata-se dos relatos e experiências por meio das entrevistas.

CAPÍTULO 1 – DO HOMEM MEIO À PERCEPÇÃO AMBIENTAL NA GEOGRAFIA HUMANISTA

O geógrafo humanista Armand Frémont (1979) destaca que a partir da metade do século XIX com o desenvolvimento das ciências naturais, constitui-se um domínio científico do *determinismo regional do meio-físico* (quadro natural). Posteriormente com a abordagem marxista, a hegemonia é configurada pelas redes de trocas, pelo valor do espaço, da mercadoria, modelando a região num novo determinismo, das coisas. Assim “o objeto de estudo tornasse tanto mais sedutor quanto é quantificável” como afirma Frémont (1979. p.15).

Para Frémont, o estudo regional deve identificar na realidade o que une os homens aos lugares, o homem ativo e o espaço humanizado (vivido) em que a região é modelada pelos homens e suas ações nela projetada. Nesse caso, a região como um “meso-espaço” com coerente(s) especificidade(s), ou seja, um diferencial – singularidade espacial. Entretanto, o autor salienta uma multiplicidade de diferenciações espaciais, destacando as regiões fluídas onde há a fixação do homem ao lugar como um critério para região, indo além, o autor disserta sobre a impossibilidade de homogeneização, ou seja, região existe enquanto algo fluído, sendo uma ligação entre homem e lugar.

Frémont (1979) argumenta ainda sobre o estudo feito em um delta do interior do Níger, realizado por Jean Gallais (1926-1998), o qual delimitou uma unidade natural (singular). Onde os homens formavam uma “colcha de retalhos” de múltiplas etnias, seja por números e ou pelas atividades desempenhadas, então existe a região ou não? A resposta é que o grupo (s) assimilou ou “vivenciou” a uma especial organização (relação diferente), constituindo um mosaico peculiar dentro da já delimitada característica natural, diferentemente povoada em fluidez.

Para compreender a percepção ambiental na Geografia, faz-se necessário elencar alguns pontos a respeito das transformações que ocorreram na ciência geográfica. Elencar seus principais pensadores e suas produções sobre o espaço geográfico, dessa forma esse capítulo busca evidenciar as transformações mais significativas para o tema desta pesquisa, isto é, o mote ambiental na Geografia. Holzer (2016), Lowenthal (1982), Dardel (2015), Relph (2014) destacam a problemática da relação sociedade e natureza como uma tradição no discurso geográfico, não obstante, tal problemática é concebida de diferentes formas na

história do pensamento geográfico. A denominada Geografia Clássica é a primazia dos trabalhos de campo ancorados em uma perspectiva empírica, como é o caso dos trabalhos da escola alemã e francesa (MORAES, 1997).

Nesta concepção a Geografia baseava-se na descrição, e isso foi importante no período de colonização da Terra (civilizações antigas e modernas), mas isso chega ao fim no século XX, as Ciências Sociais tentam desenvolver bases quantitativas e isso abre portas para uma redefinição da ciência geográfica. O positivismo já não dá conta de todas as questões, a Geografia estava achatada em uma única dimensão (descrição) e deixava os aspectos humanos de lado, dessa forma uma nova forma de pensar a Geografia ganha força na metade do século XX (RELPH, 2014).

1.1 A GEOGRAFIA PRÉ-INSTITUCIONALIZAÇÃO

Na antiguidade o mapeamento de regiões e a determinação de pontos referenciais tornou-se fundamental para o desenvolvimento de rotas comerciais, ampliação dos conhecimentos sobre o mundo e também para fins bélicos. Deste modo, esse conhecimento era, e ainda é valioso para a dominação de vastas extensões de terras. A descrição e o mapeamento do mundo serviam também para dar sentido ao mundo dos povos antigos, para a localização dentro do universo.

Pode-se encontrar assim, esse esforço de representar o espaço em povos como os sumérios, a civilização greco-romana, cretenses, hebreus, assírios, babilônicos, egípcios, cartagineses, fenícios, entre outros (LENCIONI, 1999). Os fenícios foram grandes navegadores e lançaram-se ao mar para ampliar seus horizontes, utilizando-se da Astronomia conseguiram navegar pelo Mediterrâneo e chegar até as Ilhas Canárias, realizaram expedições na Península Ibérica e na costa da África, chegando até o atual Camarões. No entanto, são dos gregos a maior contribuição e o legado deixado pelos povos da Antiguidade para a construção das bases da Geografia ocidental (LENCIONI, 1999).

Para os gregos era importante a descrição do ecúmeno, a terra habitada pelos homens, e utilizavam-se de seus conhecimentos de Astronomia para descrever a forma da terra e do universo, Tales (625-547 a.C.) observará que as estrelas descreviam círculos em torno do polo, e alicerçado nessa observação Eudóxio de Cnido (408-305 a.C.) sugere que a Terra é uma esfera dentro de outra

esfera infinitamente maior. Anaximandro de Mileto (610-547 a.C.) lança as bases da Cartografia quando diz que a Terra pode ser representada por um círculo dividido em diferentes figuras (CLAVAL, 2006). Heródoto (484-420 a.C.), considerado um dos fundadores da Geografia por apresentar conjuntos territoriais definidos por seus limites, como nos mapas atuais, e diferenciando-se dos “relatos de viajantes que enumeravam etapas de um itinerário” (CLAVAL, 2006, p.25).

A relação dos humanos como ambiente também apareceu nos estudos de Hipócrates (460-377 a.C.), que é considerado o pai da medicina. Hipócrates procura relacionar a saúde dos seres vivos aos ambientes por eles habitados. Eratóstenes (275-194 a.C.) em um experimento realizado durante o solstício de Verão, pretendia descobrir a distância entre as cidades de Siene (atualmente Assuão) no sul do Egito e Alexandria no norte do Egito. Hiparco (190-125 a.C.) utiliza-se da Astronomia para cálculos de posições e estabelece a cartografia imaginando sistemas de projeções (CLAVAL, 2006). A relevância dos gregos para as ciências foi, sem dúvida, muito importante, até mesmo depois de sua decadência a língua grega foi utilizada por outros povos para a transmissão do conhecimento, “babilônicos, egípcios, judeus alexandrinos, romanos entre outros, escreviam em grego” (LENCIONI, 1999, p.44). Os romanos foram os sucessores dos gregos na dominação de territórios e do conhecimento científico desenvolvido no ocidente (pré-ciência Moderna), dessa forma, os estudiosos passaram a usar o latim como a língua e como meio de comunicação, Pompônio Mela que era grego, nascido na Espanha, descreveu parte da Europa e regiões do Mediterrâneo, e durante a expansão do Império Romano, inventários e descrições dos lugares percorridos e governados eram realizados (LENCIONI, 1999). “A partir do século II a.C. até a queda do Império romano no século V da nossa era, a figura de Estrabão pode ser considerada a maior relevância no tocante ao conhecimento geográfico antigo” (LENCIONI, 1999, p.45).

Estrabão (63 a.C. entre 21 e 23 d.C.) desenvolve um trabalho de descrição regional para que governo romano pudesse governar seu vasto império, sua obra denominada *Geografia* consiste em 17 volumes, dos quais apenas o 7º encontra-se incompleto, os demais permanecem inteiros até hoje. A administração das províncias dependia do conhecimento de suas características. Também para os romanos o ecúmeno era o que deveria ser descrito, regiões periféricas que não integram o império, como a Índia, não mereciam estudos em detalhes (LENCIONI, 1999; CLAVAL, 2006).

O trabalho de inventariação e descrição do ecúmeno foi a contribuição greco-romano para o desenvolvimento da ciência geográfica que serviu de bases para a desenvolvida na Europa durante a Idade Média. Outros povos fazem suas contribuições durante esse período, Árabes conquistaram territórios Espanhóis e Chineses. Muito do conhecimento geográfico dos árabes é proveniente de sua cultura nômade e pelas peregrinações a cidade sagrada de Meca em decorrência da religião muçulmana (LENCIONI, 1999).

O domínio intelectual árabe estava nas mãos dos sírios e bizantinos, que traduziram muitas obras do grego para o árabe. Foi entre os anos 800 a 1050 que o conhecimento árabe alcançou o maior apogeu. A importância desse conhecimento para o desenvolvimento da expansão era clara para os califas; tanto que o califa Al-Mamun acabou por fundar, em Bagdá, uma biblioteca, um observatório e uma academia científica (LENCIONI, 1999, p. 48).

Os árabes são também responsáveis pelo aprimoramento de instrumentos de medição e observação, aperfeiçoaram e inovaram no campo científico com auxílio das técnicas e conhecimentos trazidos da Índia, bem como são os responsáveis pela transmissão da bússola. (CLAVAL, 2006). Esses instrumentos contribuíram para o desenvolvimento da Cartografia durante o período das grandes navegações. Contribuindo assim, para que os navegadores, espanhóis, portugueses e italianos percorressem grandes extensões no mar até encontrar novas rotas para navegar/seguir e assim colonizar as Américas.

A igreja católica exerceu grande influência sobre a produção do conhecimento durante o período da Idade Média, a igreja estava interessada em uma produção geográfica que pudesse contribuir para o seu controle e domínio social. A representação do mundo nos mapas T/O organizava o mundo em relação aos preceitos bíblicos e da religião cristã, e no centro do mundo estava a cidade de Jerusalém (LENCIONI, 1999; CLAVAL, 2006). A religião católica na Europa representou uma estagnação e até mesmo um retrocesso no desenvolvimento da geografia, que só retomou seu desenvolvimento no período renascentista, voltando-se para os métodos científicos que mais tarde criaram as bases da geografia científica.

Os temas centrais do pensamento nesse momento eram a natureza, a história, e a palavra. Podemos citar como expressões maiores do novo modo de pensar: Petarca, Giordano Bruno, Erasmo de Roterdã e Thomas More. Foi nesse contexto que se originou a maneira de pensar da ciência moderna, que retomando o conceito grego da razão e se fundamentando na

experiência, inaugurou um novo conceito de ciência. A observação, a quantificação, a mensuração, a descrição, o conceito de função e preocupação com a elaboração de leis gerais passaram a ser os novos referenciais do pensamento. A grande figura que pode simbolizar esse momento de inflexão, como originador de um mundo moderno, foi sem dúvida Nicolau Copérnico (1473-1543). Opondo-se à posição consagrada de Ptolomeu de que a Terra é imóvel e centro do universo, Copérnico desenvolveu a teoria heliocêntrica do Universo, na qual o sol se constitui no centro, tendo ao seu redor a Terra e os outros planetas em movimento (LENCIONI, 1999, p. 55).

Toda essa revolução no pensamento científico gera novos estudos relacionados às projeções cartográficas, conseqüentemente as viagens aos “novos mundos” é realizada pelas Américas e ilhas do Pacífico. Com a chegada da revolução técnico-científica novos caminhos são desvelados para serem percorridos. Nesse percurso têm-se um primeiro forjar da ideia de ambiente: do ecúmeno (potencialmente habitável) e da relação entre um contexto natural e a saúde humana à ideia de espaço a ser dominado.

1.2 A GEOGRAFIA CLÁSSICA

A Geografia como ciência ganha um novo impulso no século XVII com a criação de academias de ciência por toda a Europa, as publicações e divulgação de estudos encontram lugar para o debate e exposição de ideias. “Nesse quadro que foram idealizadas as expedições indispensáveis para verificar determinadas hipóteses, [...], por exemplo, a medição do arco meridiano no Equador e na Lapônia” (CLAVAL, 2006, p.60). O Positivismo é a base filosófica e metodológica dos estudos realizados na Geografia Clássica, restringindo os trabalhos de pesquisa ao que é visível em relação aos fenômenos, ao que é palpável e mensurável a partir da observação direta, tão somente reduzida ao empirismo, “a descrição, e enumeração e classificação dos fatos referentes ao espaço são momentos de sua apreensão, mas a geografia Tradicional se limitou a eles como se cumprissem toda a tarefa de um trabalho científico” (MORAES, 1997, p.22).

Nesse período as Ciências Naturais têm grande avanço nas pesquisas sobre os seres vivos e os elementos geológicos, a descrição dos aspectos naturais das regiões do mundo está em evidencia, Alexander von Humboldt (1769-1859) é um dos expoentes dessa época (CLAVAL, 2006). Humboldt realiza expedições pela América espanhola, na Venezuela navega pelo rio Orenoco até o Cassiquiare, em outra etapa da viagem chega a Colômbia, Equador e Peru, realiza medições das

montanhas. Segue para o México e Cuba, passa pelos Estados Unidos e volta a Europa (CLAVAL, 2006).

Considerado um naturalista, geólogo e botânico de formação, destaca-se entre seus colegas geógrafos de gabinete, para ele Humboldt a pesquisa deve iniciar no campo. Tem o domínio de conhecimentos da geologia, botânica, mineralogia e procura relacionar as informações coletadas no campo como os fenômenos observados, sensível para observar as diferentes interações presentes na natureza e na harmonia estabelecida, “a geografia de Humboldt apoia-se nas abordagens cosmográficas tradicionais [...] introduz um conceito base na geografia moderna: o de meio” (CLAVAL, 2006, p. 66). Moraes (1997) aponta Humboldt como responsável pelo entendimento terrestre do cosmos, “uma espécie de síntese de todos os conhecimentos relativos a Terra” (MORAES, 1997, p.47).

Portanto, em termos de método, Humboldt propõe o “empirismo raciocinado”, isto é a intuição a partir da observação. O geógrafo deveria contemplar a paisagem de uma forma quase estética [...] A paisagem causaria no observador uma “impressão”, a qual, combinada com a observação sistemática de seus elementos componentes, filtrada pelo raciocínio lógico, levaria à explicação: à causalidade das conexões contidas na paisagem observada (MORAES, 1997, p.48).

Semelhantemente Carl Ritter (1779-1859) desenvolveu estudos relevantes para a Geografia, filósofo e historiador na formação acadêmica, torna-se conhecido no mundo acadêmico e inicia sua carreira universitária devido a sua obra *Geografia da Europa*, mais tarde escreve outro livro intitulado *Geografia Geral*, trata-se de uma descrição regional da Terra, comparando os países para entender as especificidades e a História de cada um. Por conseguinte, a Geografia não busca somente a descrição da Terra, passa a ser indispensável na compreensão da conjuntura mundial e das dinâmicas de exploração do ambiente pelas civilizações (CLAVAL, 2009).

Cabe a Ritter a definição de “sistema natural”, ou seja, “uma área delimitada dotada de uma individualidade” (MORAES, 1997, p.48-49). A obra de Ritter é sobre o estudo dos lugares, como cada lugar pode ser particular, pode-se destacar que seus estudos estão firmemente assentados em sua religiosidade. Para Ritter o ser humano poderia estabelecer uma relação com o “criador” através da ciência, através desta, entenderia os desígnios de Deus na criação do mundo (MORAES, 1997). A atenção dispensada para a revolução industrial o torna um dos primeiros a perceber

o impacto das novas técnicas de produção e meios de transporte na diminuição das distâncias, a análise sobre as produções acaba tornando-o um dos iniciadores da Geografia Econômica Moderna. (CLAVAL, 2009).

A Geografia Humana, política e a Geopolítica tem em Friedrich Ratzel (1844-1904) um grande influenciador, marca o início dos estudos sobre o Estado-Nação e das populações, darwinista ele procura por “leis gerais que regem a influência do meio sobre os grupos humanos” (CLAVAL, 2006, p.75). Dentro das obras de Ratzel encontramos também análises a respeito da organização espacial contemporânea estruturada através do Estado, nasce a Geografia Política, quem sabe a mais importante contribuição do alemão à geografia, foi o grande influenciador do imperialismo alemão (MORAES, 1996; CLAVAL, 2006). Em seu livro “*A Antropogeografia – fundamentos da aplicação da Geografia à História*” é considerada a obra fundadora da Geografia Humana (MORAES, 1996). Nessa obra

Ratzel definiu o objeto da geografia como o estudo da influência que as condições naturais exercem sobre a humanidade. Estas influências atuam primeiro na fisiologia (somatismo) e na psicologia (caráter) dos indivíduos, e, através destes na sociedade. Em segundo lugar, a natureza influencia a própria constituição social, pela riqueza que propicia, através dos recursos do meio em que está localizada a sociedade (MORAES, 1996, p.55).

O conceito de “espaço vital” foi elaborado por Ratzel, o conceito define que “este representaria uma proporção de equilíbrio, entre a população de uma dada sociedade e os recursos disponíveis para suprir suas necessidades” (MORAES, 1996, p.56). O progresso de uma sociedade está relacionado com a territorialidade por ela dominada, perder território significaria a decadência dessa sociedade, e o progresso da sociedade está relacionada a expansão territorial, a conquista de novas áreas para garantir seu progresso. Sua aproximação com o darwinismo o levou ao determinismo e ao darwinismo social, propostas de estudos bastante criticadas pelo seu caráter higienista e de superioridade de determinados povos em relação a outros.

No final da vida Ratzel renuncia a essa visão e concebe a evolução da humanidade mais voltada aos apontamentos realizados por Ritter (CLAVAL, 2006). Na França o nome de destaque é Paul Vidal de La Blache (1845-1918), a França e a Alemanha estavam em disputas territoriais, econômicas, imperialistas e também na liderança da ciência geográfica. La Blache teve a missão de contrapor aos

argumentos de Ratzel (MORAES, 1996). Enquanto Ratzel explicitava o autoritarismo alemão, La Blache procurava expor um ponto de vista liberal, em consonância com os preceitos do “homem abstrato do liberalismo” (MORAES, 1996, p. 64). Segundo Moraes (1996),

Vidal imprimiu, no pensamento geográfico, o mito da ciência asséptica, propondo uma despolitização aparente do temerário dessa disciplina. Este posicionamento de acobertar o conteúdo político da ciência, originou-se do recuo do pensamento burguês (após a sedimentação dessa classe no poder) temeroso do potencial revolucionário do avanço das ciências do homem (MORAES, 1996, p.66).

La Blache assumiu e defendeu o papel da liberdade criativa do ser humano em relação ao ambiente, não sendo apenas uma resposta às imposições do ambiente. Mesmo sendo um crítico do naturalismo apregoado a Ratzel, mantém em certo grau uma visão naturalista, pois coloca a Geografia como ciência dos lugares e não dos homens. Assim sendo, o que caberia a investigação geográfica seria apenas a ação humana na paisagem, não a paisagem em si mesma (MORAES, 1996).

Metodologicamente as proposições de La Blache não rompem com as de Ratzel, mas dão sequência as mesmas. Para tanto, La Blache nega a ideia de causa e determinação proposta por Ratzel, sendo um relativista e negando as generalizações, contudo, o positivismo ainda é a base do pensamento do geógrafo francês. Desconsidera o raciocínio especulativo, e propondo o método empírico dedutivo, pelo qual “só se formulam juízos a partir dos dados da observação direta, considera-se a realidade como o mundo dos sentidos, limita-se a explicação aos elementos e processos visíveis” (MORAES, 1996, p.72). Desse modo, nesse percurso clássico elabora-se o sentido de ambiente enquanto o meio natural em que o homem está inserido.

1.3 A GEOGRAFIA HUMANISTA E SUAS ORIENTAÇÕES

As transformações no pensamento geográfico foram possíveis devido à busca dos estudiosos por novas formas de pensar, descrever e compreender as dinâmicas sociais, ambientais e geográficas do mundo. No entanto, apesar de a Geografia Humanista conseguir avançar dentro dos estudos geográficos, continua pouco conhecida devido às inúmeras orientações epistemológicas (AMORIM FILHO,

1999). Pensando nisso, a Geografia Humanista inicia-se seu desenvolvimento nos Estados Unidos, no final da Segunda Guerra Mundial, considerada ainda, naquela época, como um subcampo da Geografia Cultural, foi também no final dos anos 50 que a Geografia Analítica faz oposição a Geografia Clássica (HOLZER, 2016).

O marco divisor entre o período da geografia clássica e o primado da geografia analítica pode ser traçado a partir da publicação, em 1953, do Excepcionalismo em Geografia, em que Schaefer colocava em discussão a metodologia da geografia clássica, denominada por ele de excepcionalista, em contraposição com a nova geografia. (HOLZER, 2016, p.18).

Essa Nova Geografia estava baseada nos preceitos neopositivistas das ciências exatas, principalmente na obra de Hartshorne (1899-1992), porém, não se desenvolveu como esperado por seus adeptos, constituindo-se em subcampos do pensamento geográfico, e é nessa periferia da Geografia Tradicional e regional que estão as bases da Geografia Humanista (HOLZER, 2016).

Conforme Holzer (2016) é David Lowenthal (1923-2018) que inaugura os estudos de “percepção do entorno” pensada a partir da obra de John Kirtland Wright (1891-1969), esse conceito ainda é bastante amplo e acaba por ser um catalisador de estudos diversos, o qual agrupa-se em algumas perspectivas comuns como as de Lowenthal e Yi-Fu Tuan. Ambos buscavam aproximar-se dos pressupostos da Geografia Cultural norte-americana, realizando estudos na Psicologia Comportamental, Sociologia e Filosofia Existencialista. Já Torsten Hägerstrand (1916-2004) e Gilbert Fowler White (1911-2006) propondo uma Geografia pensada através de espaço-tempo e sobre catástrofes naturais; Lynch sob a ótica dos neopositivistas e da Psicologia Comportamental e Estruturalista da Semiologia, são outros autores destacados por Holzer (2016) como importantes contribuintes ao debate de constituição da Geografia Humanista.

Nesse contexto plural de ideias, os debates eram realizados pelos denominados “condutivistas” e “humanistas”. Os “condutivistas” realizavam estudos sobre como pensam, creem e sentem as pessoas. Já os “humanistas” empreendiam estudos destacando os valores humanos, chamando a atenção da comunidade acadêmica para as “dimensões extracientíficas e não positivistas da geografia e opondo-se à posição racionalista que a geografia analítica tinha na década de 1970” (HOLZER, 2016, p.21). Os debates continuaram acontecendo nesse período, o resultado foi o avanço e aprofundamento nos fundamentos epistemológicos que

passaram a ser delimitados em três grupos distintos: os ligados a geografia analítica baseada no neopositivismo, os da Geografia Radical com bases no marxismo e no estruturalismo e os ligados à Geografia Humanista, fundamentados na Fenomenologia e no Existencialismo (HOLZER, 2016).

Holzer (2016) destaca Carl Ortwin Sauer (1889-1975) como geógrafo que mais contribuiu para o surgimento da Geografia Humanista. Sauer foi pesquisador da Geografia Cultural, realizando importantes colaborações para o desenvolvimento desse ramo da Geografia. Sua obra “The Morphology of Landscape” fez contribuições breves, mas muito valorizada sobre a fenomenologia, resumidamente a obra apresenta:

[...] a valorização da relação do homem com a paisagem (ambiente), que por ele é formatada em *habitat*, a análise dessa relação sempre é feita a partir da comparação com outras paisagens, formatadas de forma orgânica, gerando uma visão integral da paisagem que individualiza a geografia enquanto disciplina. Esses temas desdobram-se, abrindo diversas áreas de pesquisa para a geografia cultural. A geografia humanista baseia-se nesses mesmos temas; o que a diferencia é a valorização do mundo vivido e da intencionalidade humana como fator de modificação e de ligação afetiva com o *habitat* (HOLZER, 2016, p. 40).

O mundo vivido está na escala do indivíduo e relaciona-se com o lugar da reprodução da vida cotidiana, a intencionalidade dos encontros e experiências próprias do indivíduo, transformam e reproduzem esse mundo. Holzer (2016) afirma que a maior aproximação entre a Geografia Cultural Saueriana e a Geografia Humanista está em afirmar que a Geografia está além da ciência, bem como a negativa em aceitar as normativas da Geografia Quantitativa. Holzer (2016) ao afirmar que a Geografia está além da ciência, busca ressaltar a formalização e o rigor técnico das mensurações exatas da matemática, das porcentagens e estatísticas. Os quais não dão conta de apreender a grande diversidade de elementos que compõem a realidade.

Portanto, pode-se inferir que a Geografia Cultural possibilitou o nascimento da Geografia Humanista, afinal a primeira fez uma série de contribuições de caráter metodológico e epistemológico. Podemos citar a manutenção do culturalismo e antropocentrismo frente a situação de força do método quantitativo, respeito à diversidade temática e de interesses, possibilitando o surgimento dos estudos referentes a percepção ambiental, a interdisciplinaridade, a valorização do trabalho de campo e recusando os *a priori* (HOLZER, 2016).

Outro pesquisador que teve grande influência nos estudos desenvolvidos na Geografia Humanista foi John K. Wright, especificamente por sua obra “Terrae Incognitae: the place of imagination in geography” (1947), na obra, Wright reconhece que existem campos do conhecimento geográfico que permanecem desconhecidos, se não de forma literal, mas de maneira simbólicas, levados pela curiosidade humana a explorar as terras incógnitas pessoais (HOLZER, 2016). Ainda sobre esse artigo de Wright destaca a sua afirmação sobre a imaginação, e a respeito da subjetividade não ser o contrário da objetividade:

Mas uma imaginação poderosa é uma ferramenta perigosa na geografia a menos que seja usada com cuidado. De fato, a imaginação pode ser melhor comparada com um cavalo temperamental do que com um instrumento que opera precisamente e com objetividade. Função altamente sensível da mente, ela é facilmente seduzida por influências subjetivas e por esta razão dividiu uma parte do descrédito no qual a subjetividade é mantida nos círculos científicos. [...] O descrédito na qual é mantida, eu sinto, não é totalmente merecido e pode se dever a uma crença equivocada de que a subjetividade é a antítese da objetividade. Objetividade, todos devemos concordar, é uma disposição mental de conceber as coisas realisticamente, uma disposição herdada em parte da vontade e em parte da habilidade de observar, lembrar, e racionalizar corretamente. O oposto da objetividade deve, então, ser a disposição mental de conceber as coisas irrealisticamente; mas, claramente, esta não é uma definição adequada de subjetividade. (WRIGHT, 2014, p.08).

Sobre a objetividade e subjetividade, Wright (2014) diferencia a objetividade estritamente impessoal, a subjetividade ilusória e a subjetividade realista. A realista por sua vez, afeta três processos imaginativos da Geografia, a saber: a imaginação promocional, a imaginação intuitiva e a imaginação estética, essa última, segundo Wright, deve ser a mais necessária ao geógrafo. No entanto, considera o profissional não habilitado para tal intento, está fora da Geografia por não cumprir nenhum propósito funcional, mas pondera que:

Em uma exposição predominantemente objetiva elementos subjetivos podem escorregar na forma de palavras ou frases que carregam conotação emocional. Isso também parece legítimo, desde que as imagens que tais palavras evocam na imaginação do leitor correspondam às impressões que a maioria dos leitores receberiam na presença do fenômeno descrito ou exposto (WRIGHT, 2014, p.11).

Dessa forma, a subjetividade é eficazmente empregada quando expressa de forma coerente a realidade objetiva, a imaginação é componente essencial nesse processo de expressão do que se procura comunicar. Holzer (2016) posiciona

Wright como um precursor e visionário, por valorizar a subjetividade e o senso geográfico do indivíduo comum, por aprofundar os conhecimentos a respeito dos mapas mentais e “preconizou o alargamento das relações entre geografia e as Humanidades – a criação da geografia humanista” (HOLZER, 2016, p.55).

Junto com o geógrafo sino-americano Yi-Fu Tuan (1930), David Lowenthal é considerado um dos progenitores da Geografia Humanista, sua obra torna-se reconhecida no mesmo período de consolidação da Geografia Humanista, em “Geography, experience and imagination: towards a geographical epistemology” (1961) avalia que as imagens do mundo são distintas quando dizem respeito a nós e a ciência geográfica, mas é a Geografia que “mais se aproxima e se incorpora à vida cotidiana” (HOLZER, 2016, p.57).

Mais do que a Física ou a Fisiologia, que a Psicologia ou a Política, a Geografia observa e analisa aspectos do meio ambiente na escala e nas categorias em que comumente são apreendidos na vida diária. [...] A curiosidade geográfica está, com certeza, mais estreitamente focalizada do que a do gênero humano; também é mais conscientemente ordenada, objetiva, consistente, universal e teórica do que as indagações comuns sobre a natureza das coisas. Como Geografia, entretanto, o universo mais amplo do discurso se centraliza sobre o conhecimento e ideias a propósito do homem e meio ambiente; qualquer pessoa que examine o mundo ao redor de si é, de algum modo, um geógrafo. (LOWENTHAL, 1982, p.104-105).

O constructo mental proveniente da experiência no ambiente é produto e ao mesmo tempo um agente de transformação espacial, a memória, a afetividade, reconhecimento de si no outro, ocorrem das inter-relações na vida diária. A visão do mundo por mais que seja divergente entre os indivíduos, têm aspectos que são compartilhados, como o mundo é ordenado e seu caráter. Fenômenos particulares têm diferentes explicações de uma pessoa para outra, mas é dessa maneira que surge o debate e a ciência (LOWENTHAL, 1982).

A complexidade do mundo dificilmente pode ser captada de maneira a alcançar de fato a plenitude das relações experienciadas no ambiente, os cientistas assimilam apenas partes, durante a comunicação também se perde algo que é formador de fato da realidade, “a quantidade de informação que um indivíduo pode adquirir, num instante ou na duração da sua vida é finita e minúscula quando comparada com o que o meio ambiente apresenta” (LOWENTHAL, 1982, p.108). O ambiente privado torna-se mais complexo na medida em que é mais difícil de acessá-lo, o indivíduo envolto em pensamentos, culpas, afetividade, desilusões,

erros de escolha e de julgamentos acabam por criar situações que culminam na construção da visão de mundo, e dessa forma agem na transformação do ambiente compartilhado, mas

[...] a fantasia possui um papel mais proeminente em qualquer meio ambiente privado do que na geografia geral. Todo aspecto da imagem é consciente e comunicável, enquanto muitas das nossas impressões particulares são incipientes, difusas, irracionais e dificilmente podem ser formuladas até para nós mesmos (LOWENTHAL, 1982, p.119).

Um aspecto importante na relação humana e o ambiente é o papel da memória na construção de comportamentos, portanto, é importante também na percepção do ambiente, as experiências e trajetórias individuais que conduzem às vivências espacialmente produzidas e as visões de mundo, “cada imagem e ideia sobre mundo é composta, então, de experiência pessoal, aprendizado, imaginação e memória” (LOWENTHAL, 1982, p.141). Logo, “Geography, experience and imagination: towards a geographical epistemology”, se junta aos demais trabalhos que são considerados como pontos iniciais dessa Geografia Humanista, via na busca dos aspectos subjetivos da relação humano/meio o entendimento desse vínculo, e de maneira gradual aproxima-se da Fenomenologia para a consolidação dessa corrente geográfica (HOLZER, 2016).

Ainda sobre a genealogia da Geografia Humanista, Holzer (2016) destaca que Yi-Fu Tuan configura entre os mais prolíferos estudiosos relacionados a Geografia Humanista, pois construiu a base de seus estudos na Fenomenologia Existencial, preconizando uma metodologia de observação atenta do mundo (HOLZER, 2016). Em um artigo publicado em 1961 intitulado “Topophilia or suddenen counter whit nature”, começa com o relato de uma única experiência vivenciada por dois artistas, a experiência é tão intensa para esses artistas que transcende o domínio racional, dessa forma Tuan sugere que esse tipo de experiência não é de exclusividade de pessoas ligadas a arte, mas praticável por todas as pessoas, principalmente por pessoas que estabelecem relações com a terra, como os geógrafos, naturalistas e agricultores (HOLZER, 2016).

Eric Dardel (1899-1967) teve sua obra “L'Homme et la Terre” (1952) redescoberta nos anos 80 por André-Louis Sanguin (1945) da Universidade de Quebec. Sanguin comparou em grau de importância e relevância aos trabalhos de Wright, antecipou questões epistemológicas tratadas pelos humanistas, sua obra é

fundamental para os trabalhos de cunho fenomenológico e humanista (HOLZER, 2016).

Neste trabalho Dardel levanta algumas questões pertinentes ao campo da ciência geográfica, fazendo uma análise dos elementos que constituem o espaço geográfico e sua relação com ser humano. O espaço geográfico é feito de espaços diferenciados. A Geografia é, segundo a etimologia, a “descrição” da Terra, mais rigorosamente, o termo grego sugere que a Terra é um texto a decifrar. (DARDEL, 2015). Para isso o autor discorre sobre as diferentes percepções que temos com relação a Terra, divididos em espaço material, aquático, aéreo e construído, dessa maneira nos revelando as implicações e relações diferenciadas que ocorrem nesses espaços, e que nos forma e transforma enquanto humanos e estudiosos da Geografia.

O conhecimento geográfico tem por objetivo esclarecer esses signos, isso que a Terra revela ao homem sobre a sua condição humana e seu destino. Não se trata, inicialmente de um atlas aberto diante de seus olhos, é um apelo que vem do solo, da onda, da floresta, uma oportunidade ou uma recusa, um poder, uma presença. (DARDEL, 2015, p.02).

O espaço material não é, de forma alguma, uma “coisa” indiferente, fechado sobre ele mesmo, de que se dispõe ou que se pode descartar. É sempre uma matéria que acolhe ou ameaça a liberdade humana. Nesse sentido é possível dizer que o espaço concreto da Geografia nos libera do espaço infinito e desumanizado do geômetra ou do astrônomo. O autor destaca o espaço da *nossa dimensão*, um espaço que concede e que responde, um espaço generoso e vivo, aberto diante de nós (DARDEL, 2015). Um conceito importante apresentado pelo autor é o de *geograficidade*, a ligação afetiva com a Terra, condicionante da existência humana “a Terra como lugar, base e meio de sua realização. Presença atraente ou estranha, e, no entanto lúcida. Limpidez de uma relação que afeta a carne e o sangue” (DARDEL, 2015, p.31). Sobre a geograficidade, Holzer (2016) salienta:

A geograficidade é esta cumplicidade constante entre a terra e o homem que se realiza na existência humana. Ela se desenrola, portanto, em um espaço material, uma matéria da qual não podemos em hipótese alguma nos desvencilhar, que está sempre ligada a nós, que nos acolhe ou nos ameaça (HOLZER, 2016, p.72).

A realidade geográfica é, para o ser humano, então, o lugar onde ele está e os lugares de sua infância à velhice, o ambiente que atrai sua presença. Dardel

(2015) discorre sobre como, com o passar dos tempos, o pensamento geográfico foi se formando, e como isso decorre de diferentes etapas da construção da nossa vida em sociedade. O autor destaca cinco diferentes geografias de ligação entre o humano e o meio, a geografia mítica como culto as divindades, a profética cultuando um deus monoteísta e criador de tudo, a heroica dos chefes e nobres, a científica dos inventários das cartas mais precisas cientificamente, a geografia da racionalização das pesquisas (DARDEL, 2015).

Dentro deste processo de construção da ciência geográfica, Dardel (2015) ressalta que a Geografia é um verdadeiro lugar-comum, com fatos tomados de empréstimo de diversas ciências, cabe a Geografia reagrupá-los, ordená-los segundo as exigências de sua intenção dominante, que é de nunca se afastar da realidade tal como ela se oferece, no que ela tem de global e de conceitual, colocar-se de fora da Terra e do espaço concreto para conhecê-los do exterior é esquecer que, por sua própria existência o ser humano está comprometido como ser espacial e terrestre. “Com base na experiência vivida a Geografia Humanística² objetiva interpretar o sentimento e o entendimento dos seres humanos a respeito do espaço e do lugar” (MELLO, 1990, p.92).

1.3.1 A Percepção Ambiental na Geografia Humanista

A percepção ambiental ou percepção do entorno como também é conhecida, é um ramo da ciência inserido em diferentes disciplinas, o intercambio de ideias durante a segunda metade do século XX resultou em um conhecimento bastante amplo e heterogêneo sobre a percepção ambiental. Portanto, com a possibilidade de desenvolvimento de estudos em diversas áreas, “os geógrafos ainda teriam de esperar alguns anos para que se completasse a primeira onda de intercâmbio com

² Sobre a utilização dos termos “Humanística” ou “Humanista”, Holzer (2016) esclarece a preferência pelo termo “Humanista”, preferência seguida neste trabalho. Concluímos que no inglês e no português podemos utilizar tanto Humanista quanto Humanística. No entanto, em português o primeiro é adjetivo comum de dois gêneros e o segundo não. Escolhemos o primeiro, pois se associa imediatamente ao substantivo “*Humanista*”, que é associado em seguida ao humanismo filosófico e ao estudo das humanidades, além de ser de emprego muito mais antigo em nosso idioma. O caráter substantivo do termo “*Humanista*” é muito importante, pois indica uma corrente da geografia nitidamente diferenciada de uma geografia positivista e estruturalista, (e não podemos falar geografia positivística ou estruturalística). O termo “*Humanística*” em português, teria um sentido por demais adjetivo, e até caricato, dando a ideia, na melhor das hipóteses, de um subcampo de algum campo da geografia, como da geografia cultural, por exemplo. Acreditamos que a tradução pura e simples do inglês “*Humanistic*” para o português “*Humanística*”, nesse caso é inadequada, razão pela qual optamos por traduzir *Humanistic Geography* para Geografia Humanista (HOLZER, 2016, p.237-238).

outras ciências” (HOLZER, 2016, p.81).

A primeira leva de estudos foi influenciada pela obra “The Image of the City” do arquiteto Kevin Lynch (1960), integrante da corrente “metodológica” de análise da percepção ambiental desenvolveu estudos ligados ao planejamento urbano e arquitetônico das cidades centrados no domínio visual (HOLZER, 2016).

Este livro ocupar-se-á da qualidade do ambiente visual da cidade americana, estudando a imagem mental que os cidadãos têm dela. Concentra-se à especialmente numa qualidade visual particular: a aparente clareza ou “legibilidade” da paisagem citadina. Com isso pretendemos designar a facilidade com a qual as partes podem ser reconhecidas e organizadas numa estrutura coerente. (LYNCH, 1982, p.12-13).

A legibilidade refere-se ao reconhecimento de uma estrutura de símbolos, esse reconhecimento gera nos indivíduos que vivenciam uma cidade a sensação de segurança, proporcionando uma experiência ambiental agradável, do contrário, o não reconhecimento de estruturas simbólicas e visuais geraria angústia e desorientação (LYNCH, 1982). Lynch busca o desenvolvimento de uma metodologia para os problemas práticos do desenho das cidades, o trabalho de Lynch influenciou as pesquisas desenvolvidas por geógrafos analíticos com o interesse na percepção ambiental (HOLZER, 2016).

Por outro lado, a corrente “epistemológica” busca outro aspecto dentro da discussão ambiental, diferente de Lynch, Lowenthal empenha-se na renovação e expansão do objeto da Geografia, Hugh Prince em 1961 apresenta um estudo que em muitos aspectos se assemelha ao “Geography, experience, and imagination” de Lowenthal, mas de maneira superficial, no entanto “Problems of Geography” (1963) de William Kirk é mais profundo e realiza uma tentativa de resolver os problemas metodológicos motivados pela heterogeneidade da Geografia (HOLZER, 2016).

Um ponto importante que deve ser destacado é a diferenciação entre os conceitos de ambiente fenomenal e comportamental, enquanto o primeiro não é somente relacionado aos fenômenos naturais, é ampliado, levando em consideração a relação com os ambientes modificados e em até certos pontos criados pelo ser humano (HOLZER, 2016), o segundo é

[...] conceituado a partir da psicologia da gestalt, que considera que o todo é maior do que a soma das partes, e que propicia a união da estrutura objetiva com a estrutura subjetiva do padrão espacial. Assim, o ambiente comportamental relaciona-se somente com o que é percebido pelos seres humanos, com suas preferências, seus modos de pensar e suas tradições

que darão origem ao seu contexto social e cultural. (HOLZER, 2016, p.91).

A união desses dois aspectos resulta no ambiente geográfico, todavia, o campo de debate acontecia em diferentes frentes dentro da ciência geográfica, diferenças que foram sendo dirimidas no 61º Encontro Anual da Associação de Geógrafos Americanos (AAG) em 1965, momento de convergência entre os geógrafos em torno da percepção ambiental, que inspirados realizaram um Simpósio sobre Percepção Ambiental e Comportamento encabeçado por Lowenthal, Gilbert White e Robert Kates, e em 1967 alguns dos trabalhos apresentados nesse simpósio configuraram a introdução claramente da Geografia nos estudos de percepção ambiental (HOLZER, 2016). Nesse encontro é apresentado declaradamente por Tuan o projeto humanista para a Geografia, abordando conceitos de maneira singular, os pares, “homem e Terra”, “Terra e vida”, “homem e ambiente” estabelecia um roteiro a ser seguido pela incipiente Geografia Humanista, colocando Tuan, culturalista de formação, e Lowenthal, geógrafo histórico no patamar de proto-humanistas (HOLZER, 2016).

A Geografia Humanística procura um entendimento do mundo através do estudo das relações das pessoas com a natureza, do seu comportamento geográfico bem como dos seus sentimentos e ideias a respeito do espaço de do lugar (TUAN, 1985, p.143).

Durante esse período a interdisciplinaridade era ponto de encontro na percepção ambiental mesmo sendo díspares os objetivos, no entanto Lowenthal observava que a Geografia possuía três campos internacionalizados de estudos, “a natureza do ambiente; o que pensamos sobre o ambiente; como nos comportamos e alteramos o ambiente” (HOLZER, 2016, p.96). Esse encontro serviu mais para estabelecer divisões necessárias nos estudos de percepção ambiental do que para a unificação das diferentes correntes, portanto Holzer (2016) considera que

o Simpósio da AAG de 1965 foi um marco. Ele delimita o período em que a geografia se apropria do tema da percepção ambiental, canalizando uma diversidade de aspectos subjetivos que haviam sido poucos explorados pela disciplina. Ele tem outro significado mais importante: o delineamento claro de temas básicos que diferenciam, poucos anos mais tarde, a geografia humanista da geografia comportamental. (HOLZER, 2016, p.101).

A partir desse encontro começou-se a estruturar o desmembramento das diferentes concepções de percepção ambiental na Geografia que estavam ligadas a

diferentes tradições de estudos geográficos. Assim, aqueles que direcionavam suas pesquisas em torno da Geografia Analítica, estavam buscando na Psicologia, Economia e no planejamento urbano as bases necessárias para o rompimento com a Geografia Clássica, e desenvolviam trabalhos sobre a quantificação e mapeamento de comportamentos, preocupados com o desenvolvimento de metodologias, tendo em mente a aplicação prática no planejamento urbano. De outro lado, aqueles geógrafos oriundos da Geografia Cultural e Histórica (Escola de Berkeley) que prezavam pela interdisciplinaridade e buscavam novos vínculos com as Humanidades, desenvolviam trabalhos sobre os aspectos subjetivos da relação humano e ambiente, uma preocupação com aspectos epistemológicos (HOLZER, 2016).

Essa distinção foi proposta, pois se associava os humanistas à Fenomenologia existencialista e os comportamentalistas ao neopositivismo (HOLZER, 2016). A separação então dessas frentes faz surgir dois grupos, os denominados mais tarde de proto-humanistas, preocupados em construir uma sustentação filosófica alternativa a aquela dos geógrafos culturais, e os proto comportamentais com ligações na Geografia Analítica, voltavam as atenções para a delimitação dos elementos do comportamento humano no espaço (HOLZER, 2016). Ainda assim,

a diferenciação entre geografia humanista e geografia comportamental até hoje não está muito clara. Nosso ponto de vista é que isso se deve à insistência dos comportamentalistas em incluir os humanistas no seu campo de estudos, apesar do esforço do pequeno coletivo humanista de se manter afastado e de polemizar constantemente com os primeiros. (HOLZER, 2016, p.122).

Outra distinção entre esses grupos é proposta por Holzer (2016) baseado na aproximação com a Psicologia, demonstrando mais uma vez a interdisciplinaridade do campo em que se desenvolveu a percepção ambiental, “dois estilos podem ser identificados com facilidade associando as duas disciplinas: o comportamentalismo com a visão behaviorista e o humanismo com a visão organísmica” (HOLZER, 2016, p.131).

O behaviorismo considera que as ações humanas são direcionadas a partir de determinados estímulos, e dessa maneira poder-se-ia prever qual seria o comportamento humano e suas ações resultantes desse estímulo, o indivíduo apenas responde aos estímulos, não os inicia. Segundo Mello (1990),

os especialistas da percepção e do comportamento estão muito interessados na materialidade, estando ausentes em seus estudos as sutilezas e significados do mundo experienciado no dia-a-dia. No entender dos geógrafos humanísticos o behaviorismo e o neobehaviorismo, que influenciam uma corrente de geógrafos desde os anos 70, pouco contribuem para um saber mais atuante que entenda as relações homem-meio. Mecanicistas, reduzindo o comportamento dos seres humanos a estímulos e respostas, as tendências comportamentais não se prestam adequadamente ao estudo do mundo vivido até porque os behavioristas pesquisam as condições de adaptação do homem ao ambiente, sustentando que para isso o ser humano está condicionado por estímulos. (MELLO, 1990, p.95).

No entanto, do ponto de vista organísmico, o humano responde aos estímulos do ambiente por sua própria experiência e desenvolvimento, as mudanças de comportamento são avaliadas de maneira qualitativa, pois é um processamento interno do ser humano (HOLZER, 2016).

Tuan em suas obras *Topofilia*, e *Espaço e Lugar* “atribuía grande importância à questão do aprendizado, à aquisição de experiência com a idade” (HOLZER, 2016, p.134), influencia vinda da Psicologia de Piaget. Jean Piaget (1896-1980) contribuiu de maneira significativa para os estudos relacionados à educação, não só pelo volume de sua obra, mas pela consistência de suas pesquisas. Todo seu trabalho ao longo de sua carreira foi em tentar responder como se constrói o conhecimento no ser humano e de que maneira ocorre o desenvolvimento da inteligência, e para isso realizou estudos com crianças em diversas faixas etárias (VIOTTO FILHO; PONCE; ALMEIDA, 2009).

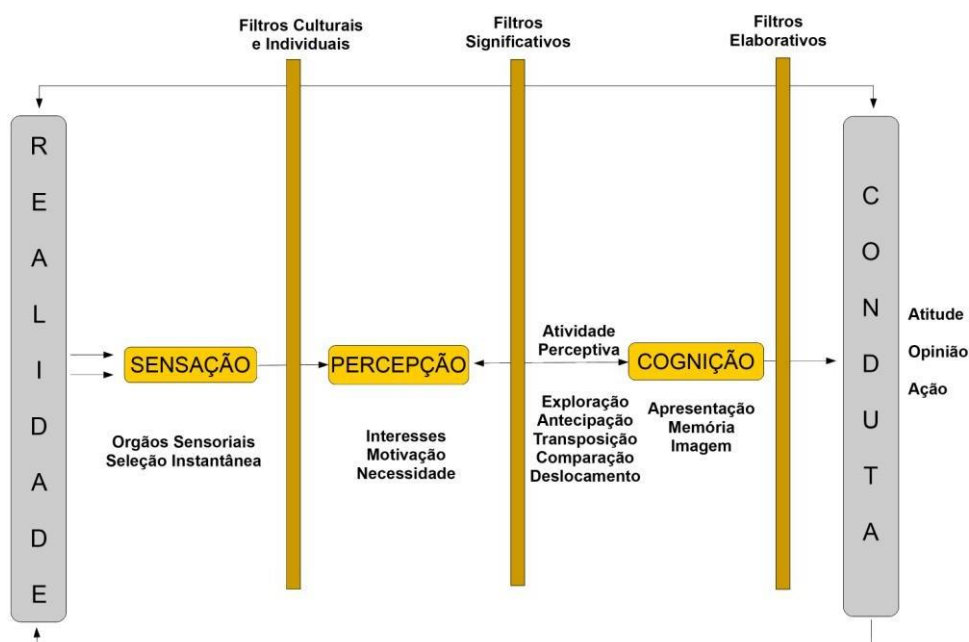
Os estudos de Piaget não eram pedagógicos, mas serviu e serve como base para o desenvolvimento de pesquisas na área da educação, por dividir, no que ele chama de estágios, o desenvolvimento da inteligência. São 3 estágios: Sensório-motor, que vai de 0 a 2 anos, o pré-operatório, de 2 a 7 anos e o operatório de 7 anos em diante, sendo esse último dividido em operatório concreto, 7 a 11 anos, e o operatório formal de 11 anos em diante (VIOTTO FILHO; PONCE; ALMEIDA, 2009).

A cognição torna-se uma ferramenta importante na transmissão e manutenção de conhecimentos ambientais durante toda a vida de um indivíduo, e esses conhecimentos internalizados na memória passam a compor padrões de comportamento e transmissão desses conhecimentos socialmente. Para a geógrafa Livia de Oliveira (2017), os filtros culturais também se fazem presentes nesse processo cognitivo, são produtos de interesses, necessidades e motivações que

enquanto conhecer consiste em construir ou reconstruir o objeto do conhecimento para poder apreender o mecanismo de sua construção, a imagem mental será considerada como uma imitação interiorizada, não sendo uma cópia do objeto, mas um correlato. (OLIVEIRA, 2017. p.127).

O ambiente percebido torna-se um produto de diferentes mecanismos internos de assimilação do mundo, que são filtrados de diferentes maneiras em tempos e espaços heterogênicos e projetados na mente do indivíduo, na figura 1 apresenta-se uma síntese do entendimento de Oliveira em relação ao processo de assimilação da Realidade e Conduta:

Figura 1. Esquema de Assimilação da Realidade e Conduta.



FONTE: Oliveira (2017)

Conforme a leitura da figura 1 (OLIVEIRA, 2017), a realidade é apreendida pelo indivíduo através dos sensores corpóreos, os estímulos recebidos são filtrados pela cultura ancorada pela pessoa, a percepção é decorrente de motivações, necessidades e de interesses, transpassando por filtros significativos, relacionados aos significados próprios das coisas, e que durante a atividade perceptiva através da exploração, antecipação, transposição, comparação e deslocamento estabelece a cognição na forma de memória, imagem e apresentação, atravessando os filtros elaborativos para resultar na conduta e se objetivando na ação, opinião e atitude.

Ao perceber o ambiente, os humanos constroem definições próprias de

quem são enquanto indivíduos de uma sociedade que é complexa e urbana (no caso do estudo em tela), entretanto, isso não é de fácil identificação por eles próprios ou aos pesquisadores que empreendem pesquisas no campo da percepção ambiental. Tuan (2012) evidencia que assim como a superfície do planeta é heterogênea, são também as percepções das pessoas em relação ao ambiente. Assim sendo, é primordial a adoção de uma delimitação adequada ao estudo em percepção ambiental e o que se pretende compreender.

Através da sensibilidade corpórea (visão, audição, tato, paladar, olfato) experimentamos o ambiente, as sensações são carregadas até o nosso cérebro e devolvidas como impressões e gestos de aprovação, reprovação ou indiferença e ocorre de maneira similar entre todos os diferentes indivíduos da sociedade, mas também de forma única e diferenciada das demais, cada pessoa é e percebe de maneira singular. Os sentidos humanos são utilizados de maneira isolada ou sinestésica, o ambiente promove as sensações e o indivíduo as sente (TUAN, 2012). As sensações vivenciadas são limitadas pela capacidade biológica dos seres vivos, os órgãos sensoriais utilizados dentro dos limites dos corpos têm suas limitações quanto a sensibilidade dos receptores, variando de pequenas a significativas alterações entre as pessoas, como no caso de indivíduos com daltonismo, por exemplo, (TUAN, 2012). Porém, a percepção ambiental não é somente construída apenas pelos estímulos físico-químicos dos corpos, as subjetividades inerentes a qualquer ação humana são também componentes presentes de forma significativa. As subjetividades particulares em um ambiente, que é construído culturalmente, as memórias, as trajetórias individuais, as experiências significativas são carregadas de significados e simbolismo e moldam diariamente as pessoas e seus mundos. A intersubjetividade condiciona e é condicionada de forma dinâmica dentro da dimensão espaço-tempo, ao mesmo tempo em que se cria e estabelece novas relações, também mantém as existentes em um jogo de equilíbrio de forças politicamente estruturadas.

Ao dispor-se a estabelecer qual é a percepção que se concebe de um determinado ambiente, é primordial que se identifique os limites desse ambiente espacialmente. As escalas para ambiente são amplas, assim como as descrições de ambiente, podendo diferir de um parque construído artificialmente no centro urbano de uma cidade, aos domínios morfoclimáticos de um país. As percepções criadas pelos humanos vão certamente sofrer alterações, dependendo da

espacialidade que é delimitada e analisada, juntamente da própria percepção sobre si. (OLIVEIRA, 2017), nesse trabalho a escala de ambiente pesquisado é aquele experienciado diariamente pelo indivíduo, é o *mundo vivido*, o *lugar*.

A obra “Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente”, de Yi-Fu Tuan, é referência dentro da Geografia Humanista e levanta questões até então marginalizadas dentro dos estudos geográficos:

Essa é uma forma de fazer Geografia que não prioriza gerar um conhecimento objetivo e/ou teórico, mas um conhecimento que advém das percepções, representações, atividades e valores dos Homens em geral. Em outros dizeres, é uma Geografia que visa alcançar uma compreensão do mundo, através do estudo das relações das pessoas com o meio ambiente, de seu comportamento geográfico, de seus sentimentos e de suas ideias em relação aos espaços e lugares. (RIBEIRO, 2009, p.49).

Topofilia expressa o vínculo afetivo, sensível e fraterno que os seres humanos desenvolvem com o ambiente, que é fonte de recursos de toda sorte, recursos materiais e culturais, objetivos e subjetivos, recursos esses capazes de satisfazer as necessidades de reprodução humana em sociedade (TUAN, 2012); “e, por que não acrescentar, por „topofobia” em certos casos” (SOUZA, 2013, p.115). E esse laço é fundamental à elaboração da percepção ambiental. Sem menosprezar o sentimento topofóbico que o ambiente pode produzir nas pessoas, o sentimento topofílico, para a maioria das pessoas, é mais presente no decurso da vida.

Afeição e familiaridade promovem um sentimento de segurança nos seres humanos, torna as pessoas seguras e fortes para as tomadas de decisões, promove a estabilidade, buscada a todo custo, nas relações humanas. Os bens pessoais de uma pessoa podem conferir, também, essa segurança, o lar carrega um forte investimento emocional para a sua construção, pessoas idosas, principalmente, são resistentes a mudanças de casa, pelo fato de terem vivido por muitos anos na mesma casa e terem nela seu porto seguro (TUAN, 2012).

1.3.2 A Percepção Ambiental na Geografia Humanista praticada no Brasil

Yi-Fu Tuan certamente influenciou os estudos sobre percepção ambiental dentro da Geografia praticada no Brasil, uma das pesquisadoras que tem desenvolvido estudos a este respeito é a geógrafa Livia de Oliveira:

Como professora de didática, Livia tornou-se estudiosa dos ensinamentos do biólogo, psicólogo e educador suíço Jean Piaget (1896-1980), e como piagetiana, estudou as forças de cognição e o desenvolvimento dessa não apenas em crianças, mas como parte da própria condição humana. Tal interesse a levou à percepção do meio ambiente e essa a conduziu as obras de Tuan. A sua leitura de Piaget também ajudou a compreender as reflexões fenomenológicas de Dardel. Alicerçada nesse quadro teórico, Livia orientou, a partir da década de 1980, inúmeras dissertações e teses, sempre se preocupando com a perspectiva Humanista da Geografia, por meio de múltiplos temas. (RIBEIRO, 2009, p.52).

A percepção ambiental sofre alterações no tempo e no espaço, as intensidades e a frequência de determinados fenômenos mudam a relação e a percepção estabelecida *a priori*. Por consequência, pode-se alegar que a percepção das pessoas sobre um ambiente pode mudar dependendo da estação do ano. O que permanece nessa relação humano/ambiente, é que o ambiente tem a prerrogativa de despertar a topofilia ou topofobia no indivíduo.

A mente, de maneira seletiva, destaca um conjunto de estímulos que fornecem a percepção, pela qual são formados imagens e pensamentos. Há consciência somente dos aspectos e das informações que nos chamam a atenção. Nesse momento, a nossa inteligência/consciência, atribui significado ao que está sendo percebido de acordo as nossas vivências e experiências, como advogam Yi-Fu Tuan e Livia de Oliveira, mas também de acordo com nossas emoções, intuições e sensibilidades, desejos humor, expectativas presentes e futuras, formação familiar e profissional, contexto sociocultural e paradigmático, entre outros. (RIBEIRO,2009, p.56).

Segundo Amorim Filho (1999) a Geografia Humanista desenvolve-se no Brasil no final dos anos 70 e início dos anos 80 com a já citada Livia de Oliveira, que realiza as traduções de Topofilia e Espaço e Lugar de Tuan, junta-se a ela Lucy Machado na formulação de um grupo no desenvolvimento de estudos relacionados a percepção ambiental, orientam dissertações e teses dentro do quadro geral da Geografia Humanista e especificamente sobre a percepção e cognição ambiental com bases em Piaget em sua maioria. A obra "Percepção Ambiental: A experiência Brasileira" organizada por Livia de Oliveira e Vicente Del Rio (1996), realiza a "primeira grande publicação sobre o estado da arte dos estudos de percepção ambiental no Brasil" (AMORIM FILHO, 1999, p.81).

Nessa publicação, Del Rio e Oliveira dividem os trabalhos de treze pesquisadores em três grandes temas: Percepção Ambiental e Projeto; Percepção Ambiental e Interpretação da Realidade e Percepção e Educação Ambiental, ainda,

segundo os autores “as teorias e os estudos de percepção ambiental apresentadas pelos ensaios dessa coletânea identificam-se com o estruturalismo ou a fenomenologia, correntes de fundamento filosófico distintas” (DEL RIO; OLIVEIRA, 1996, p.12).

No primeiro grupo de estudos elencados, “Percepção ambiental e Projetos”, a influência é da corrente estruturalista provenientes dos países anglo-saxões, uma linha orientada por metodologias voltadas ao planejamento urbano e urbanístico das cidades, com a preocupação de considerar as percepções e expectativas da população impactadas com determinados projetos, outra linha de estudos volta-se para a teoria da forma aplicada aos ambientes urbanos e trabalhos ligados a semiótica. No grupo “Percepção Ambiental e Interpretação da Realidade”, os trabalhos estão alinhados a estudos de construção social da imagem, com grande importância na aplicação de políticas econômicas e sociais, e uma segunda linha de trabalhos ligados a fenomenologia e, uma terceira linha ligada a percepção ambiental na literatura. Por fim, o terceiro grupo “Percepção e Educação Ambiental”, como atributo para a formação de conhecimentos e valores (DEL RIO; OLIVEIRA, 1996).

1.3.3 A Fenomenologia como base nos estudos de Percepção Ambiental na Geografia Humanista

Se desde a geografia (com g minúsculo) ligada a uma prática social na Antiguidade e que conseqüentemente intuiu uma tradição de pensamento na institucionalização da ciência geográfica, como Hipócrates, por exemplo, a ideia de ambiente já se fez presente. Todavia, até a presente etapa do texto delineou-se algumas das contribuições das diversas correntes da Geografia, e de outras áreas do conhecimento para o desenvolvimento do subcampo da Geografia Humanista, metodologias e epistemologias geográficas foram apresentadas como sendo tributárias do novo modo de pensar e construir os estudos geográficos com o enfoque na “questão ambiental” (da relação entre o homem e o meio à percepção ambiental). Por sua vez, Amorim Filho (1999) identifica doze fundamentos epistemológicos, destaca também que essas matrizes em certo nível se superpõem dentro da Geografia Humanista: Axiologia, Anarquismo, Behaviorismo, Estética,

Existencialismo, Fenomenologia, Idealismo, Semiologia, Teoria da Cognição, Teoria da Comunicação, Teoria da Gestalt e a Teoria da Percepção.

Alguns desses fundamentos epistemológicos foram apresentados no compêndio realizado no capítulo com o intuito de elucidar o caminho realizado pela Geografia Humanista, evidentemente nem todos foram ou vão ser discutidos nesse momento, somente aquele que de certa maneira contribuiu de forma direta para desenvolvimento dessa pesquisa, ou seja, a Fenomenologia, mais precisamente aquela pensada por Maurice Merleau-Ponty (1908-1961). Esse filósofo faz grandes contribuições para a fenomenologia pensada por seu antecessor, o alemão Edmund Gustav Albrecht Husserl (1859-1938), pois ampliou os temas da Fenomenologia “e a tornou mais acessível, dessa forma, a *percepção*, o *espaço vivido* e o *mundo percebido* passaram a ganhar destaque na Geografia” (AMORIM FILHO, 1999, p.75).

A fenomenologia é o estudo das essências e todos os problemas, segundo ela, resumem-se em definir essências: a essência da percepção, a essência da consciência, por exemplo. Mas a fenomenologia é também uma filosofia que repõe as essências na existência, e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra maneira senão a partir de sua “facticidade”. É uma filosofia para a qual o mundo já está sempre “ali”, antes da reflexão, como uma presença inalienável, e cujo esforço todo consiste em reencontrar este contato ingênuo com o mundo “vivididos” (MERLEAU- PONTY, 1994, p.01).

A Fenomenologia, portanto, procura o conhecimento do mundo através da reflexão sobre os fenômenos que ocorrem no mundo vivido. Através da experiência vivida pelo ser humano, a Fenomenologia busca compreender e interpretar as essências, aquilo que constitui o fenômeno. Merleau-Ponty entende que o ser humano não deve ser reduzido aos determinismos sociais, da mesma forma considera que a ideia de interioridade irreduzível ao social não pode ser aceita. (MELLO, 1990; AMORIM FILHO, 1999). O filósofo francês então propõe uma nova Filosofia, a Fenomenologia Existencial, em que a consciência é entendida como compromissada no mundo, e dessa forma pode ser comprovada pelo desenvolvimento de estudos da percepção, do comportamento e do espaço vivido, sendo a percepção não apenas uma sensação subjetiva e nem somente uma ação da inteligência do indivíduo, mas “é o que liga uma e outra à unidade da situação no mundo” (AMORIM FILHO, 1999, p.75).

O mundo vivido é anterior ao indivíduo, já se faz presente antes mesmo do

nascimento da pessoa, cabe a cada ser humano vivenciar e experienciar o seu próprio mundo, as percepções sobre esse mundo não são apenas constructos psicológicos daquele que percebe, são também desenvolvidas nas relações e situações intersubjetivas no mundo (MELLO, 1990; AMORIM FILHO, 1999). A Fenomenologia desenvolvida por Merleau-Ponty sempre buscou contrapor-se as práticas científicas que descartam o papel da experiência da maneira como ela se apresenta,

para a fenomenologia, não é necessário sair do objeto para fazer uma filosofia da substância extensa ou do espaço. É necessário, na verdade, delimitá-lo sem pressupostos e descrevê-lo tal como se apresenta. Esse é um momento crítico, em que se nega a ciência, pois se considera que há sempre um pré-reflexivo, um irrefletido sobre o qual se apoia a reflexão. (HOLZER, 2016, p.240).

Em *Fenomenologia da Percepção* – Merleau-Ponty (1994) dedica um capítulo ao exame do espaço, discorre sobre como o espaço é o campo onde as conexões necessárias para a vida humana ocorrem, através da disposição e posição das coisas, é o palco da existência humana (HOLZER, 2016), “o espaço não é o ambiente (real ou lógico) em que as coisas se dispõem, mas o meio pelo qual a posição das coisas se torna possível” (MERLEAU-PONTY, 1994, p.328). Na Fenomenologia a consciência é a vivência do eu, internamente realizada de maneira intencional e a “intencionalidade é vista como uma realidade que caminha na direção do objeto, podendo ser psicológica ou com sentido puramente receptivo do conhecimento humano” (HOLZER, 2016, p.241), “precisamos investigar a experiência originária do espaço para aquém da distinção entre a forma e o conteúdo” (MERLEAU-PONTY, 1994, p.334). A apreensão das distâncias tem como ponto de partida a escala do corpo, é a partir do seu próprio corpo que o indivíduo organiza e reconhece a dimensão espacial, dessa forma

a constituição de um nível espacial é apenas um dos meios da constituição de um mundo pleno: meu corpo tem poder sobre o mundo quando minha percepção me oferece um espetáculo tão variado e tão claramente articulado quanto possível, e quando minhas intenções motoras, desdobrando-se, recebem do mundo as respostas que esperam. Esse máximo de nitidez na percepção e na ação define um *solo* perceptivo, um fundo de minha vida, um ambiente geral para a coexistência de meu corpo e do mundo. (MERLEAU-PONTY, 1994, p.337).

Os acontecimentos diários que inundam os sentidos correspondem apenas

a uma parcela do acervo de conhecimentos adquiridos sobre o mundo, em conjunto com os filtros culturais, fantasias, amores e medos elaboram o mundo particular de cada ser humano, percebido e guardado na memória, “ter a experiência de uma estrutura não é recebê-la em si passivamente: é vivê-la, retomá-la, assumi-la, reencontrar o sentido imanente” (MERLEAU-PONTY, 1994, p.348). Uma descrição adequada da percepção e da experiência depende da compreensão dos mecanismos de exteriorização dos sentimentos, vontades, frustrações que se apresentam através do corpo,

[...] nós não percebemos quase nenhum objeto, assim com não vemos o olhos de um familiar, mas seu olhar e sua expressão. Existe ali um sentido latente, difuso através da paisagem ou da cidade, que reconhecemos em uma evidência específica sem precisar defini-lo. Apenas as percepções ambíguas emergem como atos expressos, quer dizer, apenas aquelas percepções às quais nós mesmos damos um sentido pela atitude que assumimos ou que correspondem a questões que nós nos colocamos (MERLEAU-PONTY, 1994, p.378).

A percepção do mundo, experienciado e guardado na memória transforma o espaço em lugar. Torna o que antes era desconhecido em conhecido, vivido, compartilhado e modificado pelas intencionalidades, essa interação humana com o lugar é transformadora do ambiente, e, portanto, construtora de sociedade espacialmente constituída no decurso do tempo.

A cidade moderna tornou-se o ambiente humano por excelência, criou-se uma rede estruturada de processos que dinamizam as trocas de produtos e serviços. É nesse sentido que se experiencia o ambiente para além de relações dicotomizadas entre o humano e o entorno (tradicionalmente concebido enquanto condição natural – a exemplo da Geografia Clássica). Não obstante, se faz necessário entender também o processo contextual em que o ambiente é intencionalizado, ou seja, é também fruto da ação humana (capítulo 02).

CAPÍTULO 2 – PONTA GROSSA E A URBANIZAÇÃO DO ESPAÇO: O ARROIO PILÃO DE PEDRA – UM CONTEXTO AMBIENTAL (A CANALIZAÇÃO)

Cidade da região dos Campos Gerais, Ponta Grossa passou por diferentes momentos em sua existência social, atravessou transformações socioespaciais, assim como todas as cidades, entretanto, para que se possa compreender como os moradores das margens do arroio Pilão de Pedra estão inseridos nessas transformações, faz-se necessário destacar alguns momentos e dinâmicas do desenvolvimento do espaço urbano do município, como a cidade passou ao longo dos anos de um caminho de tropas para uma urbe de médio porte no estado do Paraná.

Além dos povos originários que ocupavam essa região antes da chegada europeia, foi somente a partir do ano de 1704 do século XVIII que ricos fazendeiros de São Paulo passaram a requerer as terras em sesmarias para a criação de animais. No início Ponta Grossa era um bairro da Vila de Castro, em 1823 passou a categoria de Freguesia e Paróquia, mas possuía limitada autonomia. Foi elevada a categoria de Vila de Ponta Grossa em 1855, ano em que foi desmembrada da cidade de Castro, e em 1862 foi elevada a categoria de cidade (PINTO, 1983; CHAMMA, 1988; CHAVES, 2001).

A localização a meio do Caminho entre Viamão – RS e Sorocaba – SP, também conhecido como “Caminho das Tropas”, contava “com estepes de campo limpo, de gramíneas baixas com capões de mato de araucária” (MAACK, 2012, p.244), serviram de pasto para os animais e proporcionou aos moradores de Ponta Grossa do século XVIII desenvolver atividades ligadas ao tropeirismo da época (PINTO, 1983; CHAVES, 2001).

É assim que surge Ponta Grossa. Surge como um povoamento em função do caminho das tropas, e seus habitantes dispersos pelas fazendas irão, no decurso do século XIX, se concentrando e convergindo para o ponto mais central de seu território que, se por um lado se restringe espacialmente, por outro se amplia socialmente. (PINTO, 1983, p.18).

Essa atividade econômica ligada a criação, invernagem, comércio e transporte de animais, favoreceu o surgimento de uma elite econômica e política rural, a qual direcionaria os rumos que o novo povoado tomaria durante os próximos anos. A

criação de animais exige menos pessoas no trabalho, o que difere da agricultura, essa peculiaridade marcou a cidade por um baixo número de população rural desde seu início em comparação com outras cidades da época e de mesmo porte (PINTO, 1983; LÖWEN, 1990; DE PAULA, 2001). Em termos de proto urbanização na figura 2 é possível observar um pequeno aglomerado de resistências como uma característica do processo narrado.

Figura 2 - Pintura de Ponta Grossa atribuída a Jean-Baptiste Debret (1827).



Fonte: Liccardo (2017). Disponível em:<<http://files.geocultura.net/200001805-f10ccf2059/Tropeirismo%20e%20geodiversidade.pdf>>. Acessado: 02/02/2019.

Ponta Grossa contava com casas comerciais desde a metade do século XIX, lojas que realizavam a venda de ferragens, couros, cereais, louças, tecidos, remédios, armarinhos, etc. E no final do século o movimento migratório de povos europeus aumentou o número de habitantes na cidade, trabalhadores austríacos, alemães, italianos, poloneses e russos se lançaram, em um primeiro momento, em atividades agrícolas e aos poucos em outros ramos de atividades econômicas, como casas comerciais, fundições, olarias e marcenarias, cervejaria, fabricação de doces, torrefação de café e beneficiamento de erva mate, contava também com médicos e advogados (PINTO, 1983; LÖWEN, 1990; DE PAULA, 2001).

Segundo Löwen (1990), dados do censo demográfico de 1890 demonstram que a população de Ponta Grossa era de 4.774 habitantes, e no próximo registro em

1900 passa para 8.335, apresentando o crescimento de 74,6% decorrente da onda migratória.

Ponta Grossa, no final do século XIX progrediu consideravelmente no comércio, atraindo compradores do Planalto de Guarapuavano e da região de Palma. O movimento intenso de carroções de colonos imigrantes poloneses e russo alemães, desbravavam o sertão em todas as direções. Levam mercadorias encomendadas, e na volta traziam erva mate e as vezes até madeira. Iam também para o litoral, levando erva mate, e trazendo as encomendas importadas pelos negociantes de Ponta Grossa, tais como: telhas, vidros para vidraças, ferro em barras, tecidos, tintas, lampiões, armas, máquinas de costura, etc (...). (CHAMMA, 1988, p.43).

Não foi somente a migração de povos europeus que acrescentou habitantes para a cidade, novas configurações espaciais iniciadas no século XX contribuíram para esse crescimento. No ano de 1909 foi criado o distrito de Itaiacoca, primeiramente denominado de Cerrado, em 1931 o município vizinho de Conchas é integrado ao de Ponta Grossa, mais tarde foi denominado distrito de Uvaia. Em 1957 o distrito de Guaragi é reintegrado à cidade depois de um plebiscito e de ter ficado de 1940 a 1957 sobre a administração da cidade de Palmeira. Já o distrito de Piquitos surge em 1962 com áreas do distrito cede (Ponta Grossa) e Uvaia. A maior parte da população do município concentrava-se em seu Distrito Sede, os demais munícipes moravam nos distritos integrantes da cidade conservando características rurais (LÖWEN, 1990).

Na metade do século XIX, o transporte ferroviário é implantado no Brasil, o primeiro estado a receber esse novo meio de transporte foi o Rio de Janeiro, no Paraná iniciou-se em 1880 e ligava Curitiba ao porto de Paranaguá, em 1892 até Porto Amazonas e 1894 chegou em Ponta Grossa. Iniciando assim o processo de substituição da atividade tropeira com o uso do novo meio de transporte regional e nacional, e dessa forma as atividades comerciais passaram a dar destaque para a produção agrícola (LÖWEN, 1990; MONASTIRSKY, 1997, 2001). A extração de madeira no interior do estado foi impulsionada com a implantação da estrada de ferro, a extração e beneficiamento do pinheiro ganhou força no setor madeireiro, que até essa época ocupava-se de extração de madeira de lei no litoral, também foi um facilitador para os comerciantes de erva mate em Ponta Grossa, uma vez que a erva mate era produzida nas cidades do interior. (PINTO, 1983; LÖWEN, 1990).

A localização estratégica da cidade e as atividades comerciais foram impulsionadas com o transporte ferroviário, a construção da Estação Paraná em

1894 para o transporte de cargas e passageiros foi o estopim do crescimento urbano e econômico da cidade. Nesse mesmo período do século XIX no estado do Paraná surge uma elite comercial, ligada as atividades de extração de madeira e cultivo da erva mate, que passa a disputar com os fazendeiros o palco e atuação política na cidade. A estrada de ferro transforma o espaço urbano ponta-grossense, a ferrovia gera novos postos de empregos e facilita o surgimento e crescimento de empreendimentos comerciais e industriais. Próximo à metade do século, em 1940, o governo federal realizou modificações na operação das linhas férreas do Paraná, transformando em uma autarquia, e em 1962 passou a ser operada pela Rede Ferroviária Federal S.A, empresa de economia mista (MONASTIRSKY, 1997, 2001; DE PAULA, 2001).

Os agentes políticos que atuavam na condução dos rumos da cidade no início do século XX, eram membros da elite de fazendeiros da cidade, de 1891 a 1929 Ponta Grossa teve dez prefeitos e somente dois não eram fazendeiros, e esse revesamento no executivo terminou somente na “Revolução” de 1930 que conduziu ao cargo militares em três momentos, 1934, 1945 e 1946. Somente na década de 60 ocorrem modificações significativas na estrutura política e de poder em Ponta Grossa e no estado. A eleição de Ney Braga para governador do Paraná traz mudanças na agricultura, o café deixa de ser o produto de destaque no estado e começa a ser substituído pela soja, e junto ocorre o processo de modernização da agricultura e a aceleração da industrialização (DE PAULA, 2001).

No ano de 1964 José Hoffmann renuncia ao cargo de prefeito por não se adaptar ao golpe militar e em seu lugar assume Plauto Miró Guimarães, advogado e fazendeiro mais alinhado com o governo estadual e federal. Dessa forma, o financiamento estadual para a implantação de indústrias na cidade é alavancado, um parque industrial com extração e refino de óleos vegetais, laticínios, químicos, tecelagens de fibras naturais e sintéticas (DE PAULA, 2001). No entanto, esse novo momento de crescimento industrial foi concomitante com o início da derrocada do transporte ferroviário em todo o país e em Ponta Grossa, mesmo com o aumento do volume de cargas que eram transportadas, que passaram a ser de soja, o papel da ferrovia no escoamento de produtos e de grãos passou a ser gradativamente substituída pelo transporte rodoviário (MONASTIRSKY, 1997, 2001).

de a cidade ser, nesse momento, o maior entroncamento rodoferroviário do sul do país, além de situar-se no caminho de escoamento da produção do estado pelo porto de Paranaguá. (DE PAULA, 2001, p.60).

Esse crescimento da malha rodoviária culminou na expansão da fronteira agrícola nacional, os centros regionais e econômicos que eram ligados pela ferrovia e detinham a exclusividade nas relações comerciais passaram a diminuir o monopólio comercial e de serviços com outras cidades de menor porte (DE PAULA, 2001). Nos anos 70 iniciam-se novas relações agroindustriais, a modernização das máquinas agrícolas, utilizações crescentes de agrotóxicos e fertilizantes nas grandes e médias propriedades estabelecem uma nova organização de trabalho, isto é, cada vez menos se faz necessário o emprego de trabalhadores braçais no campo, o que resultou na busca de indústrias como nova fonte de renda, setor que estava em crescimento na cidade (LÖWEN, 1990). Apesar disso, Löwen (1990) ressalta:

Embora o crescimento dos empregos diretos proporcionados pela indústria tenha sido paralelo ao da população urbana, ou seja, o número de empregos da indústria no período entre 1940 e 1980 cresce 705% e a população urbana cresce 729%, em termos absolutos a situação mostra-se constrangedora. O número de empregos nesse mesmo período aumenta 9.903 enquanto a população urbana aumenta 143.359. Assim, dado a não correspondência entre urbanização e industrialização, o volume maior de novos empregos é predominantemente no terciário. (LÖWEN, 1990, p.53).

Juntamente ao crescimento socioeconômico da cidade está a expansão de área urbana. Em um primeiro momento a expansão da área urbana seguiu de forma radial a partir de uma igreja no alto de uma colina (atualmente a catedral de Nossa Senhora Sant"Ana), posteriormente a estrada de ferro determinou de maneira significativa o traçado urbano da cidade, de 1893 a 1920 as instalações de suporte a ferrovia e linhas de acesso estavam em áreas da periferia da cidade, o Pátio Central foi incorporado a área central de Ponta Grossa, a estrada de ferro localizava-se nos espigões do relevo e os loteamentos urbanos nas encostas, vilas de trabalhadores da ferrovia surgiram próximos a oficinas das máquinas (atualmente bairro de Oficinas) e próximo a usina de tratamento de dormentes (atualmente a bairro do Cará Cará) (MONASTIRSKY, 1997, 2001; LÖWEN SAHR, 2001).

Durante os anos 20 a cidade expandiu seguindo a ferrovia, nos anos 30 a expansão radial continua, novos loteamentos na direção Norte, no bairro Órfãs, a Nordeste no bairro Nova Rússia e na direção Oeste no bairro Ronda, conseqüentemente novos eixos de ligação na cidade, como a Avenida Balduino

Taques, Ernesto Vilela e Visconde de Taunay fazem a ligação entre os bairros que são, nesse período, predominantemente residenciais com pequenos comércios.

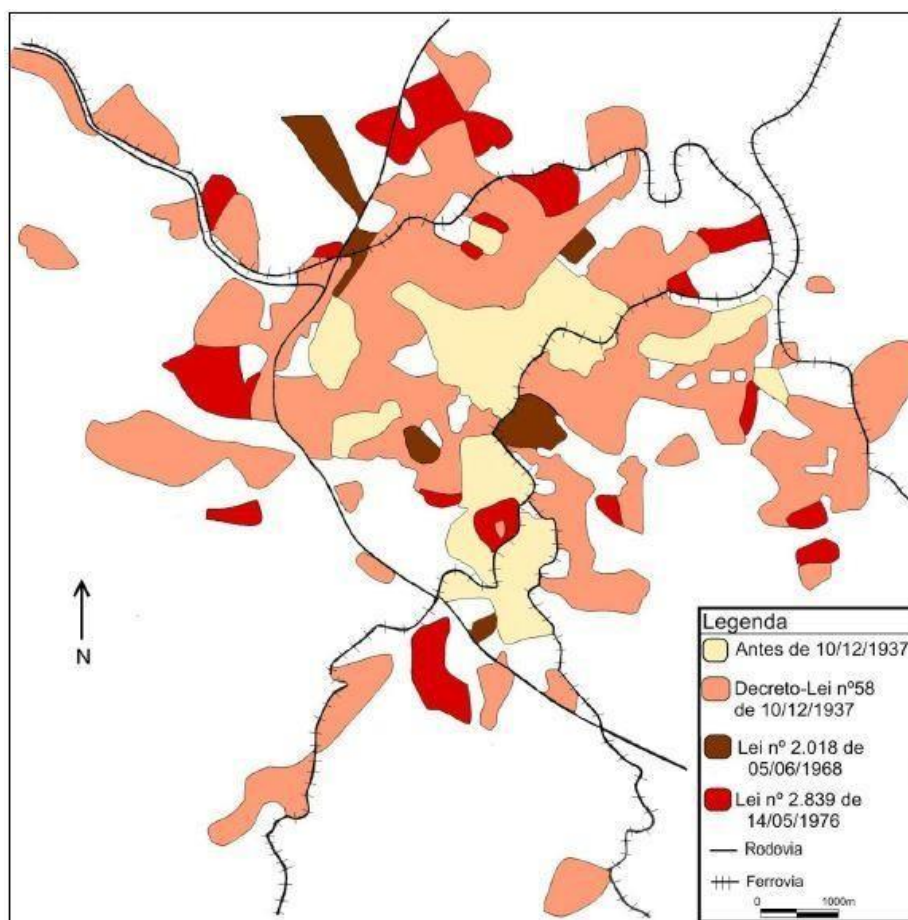
Nos anos 40 o bairro de Nova Rússia começa a receber indústrias, em 1946 a metalúrgica Schiffer instala-se no bairro, durante esse período o bairro Órfãs mantém seu caráter residencial, e em Uvaranas ocorre uma grande expansão, a avenida Cel. Carlos Cavalcanti se estabelece aos poucos como área comercial e de serviços. Entre os anos de 1950 e 1969 ocorreu a maior expansão de área do espaço urbano ponta-grossense, loteamentos mais periféricos deixam claro o processo de especulação imobiliária nesses anos. Nos anos 70 surgem as leis de controle de loteamentos, procurando controlar de maneira mais ativa o parcelamento do solo urbano, núcleos habitacionais também surgem nesse período (LÖWEN SAHR, 2001).

Nesse contexto de expansão da malha urbana de Ponta Grossa, está inserido também o processo de verticalização com a construção de edifícios, no final dos anos quarenta, edificações com poucos pavimentos (até quatro), começam a ser construída no centro da cidade, entre 1940 e 1969 a verticalização está relacionada com o superávit das atividades agropecuárias dos latifundiários, entre 1970 e 1985 com o crescimento das atividades agroindustriais, a verticalização surge para atender esse crescente da indústria e de capital na cidade, nos anos seguintes nota-se uma descentralização dos edifícios para o atendimento de diferentes classes sociais e usos diversos (LÖWEN SAHR, 2001).

Diante do processo de crescimento da área urbana da cidade, é proposital a transformação de áreas que antes eram rurais em áreas urbanas, dessa forma são atribuídas novas maneiras de ocupar a terra, levando infraestruturada e reformulando os usos dessa nova espacialidade gerada. A especulação da terra é de interesse de proprietários de terras, investidores e da municipalidade, no entanto, é atribuição do poder público definir como e onde ocorrerá essa transformação, ela consolida-se através de leis, decretos, projetos de planejamento urbano e planos diretores (CORRÊA, 1989).

Segundo Oliveira (2012), foi a partir da década de 1930 que ocorreram mudanças significativas nas leis de controle, uso e ocupação do solo em nível nacional, que conseqüentemente gerou mudanças na esfera municipal. Como na figura 3 que segue:

Figura 3 - Expansão do perímetro urbano de Ponta Grossa e legislações que regulamentaram essa expansão.



FONTE: DE Paula (1993).
Organização: Oliveira (2011).

A lei federal nº 58 de dezembro de 1937 regulamentava os loteamentos no país, entretanto, não previa penalidades para aqueles que descumprissem a lei, isso só foi corrigido mais tarde no ano de 1967 com a lei nº 271 que, além de outras diretrizes, distinguia loteamento urbano, zoneamento urbano e desmembramento. No ano seguinte, em 1968, a lei municipal nº 2018 passa a cobrar do loteador infraestrutura mínima para os empreendimentos, como vias de circulação, guias de calçada, galeria de águas pluviais e dimensão mínima dos lotes de acordo como o zoneamento. Em 1976 é instaurada a lei nº 2839 que amplia as obrigações de implementação de loteamentos, passa a ser exigido esgotamento sanitário, distribuição de água, iluminação pública, pavimentação e arborização (OLIVEIRA, 2012). Como evidenciado anteriormente na Figura 3.

Portanto, nesse período ocorreu um expressivo crescimento de área loteada

em Ponta Grossa, porém esses loteamentos localizavam-se em áreas afastadas e isoladas dos serviços públicos e privados prestados nas áreas próximas ao centro da cidade. Outra situação estabelecida nesse processo foi a formação de “vazios urbanos”, extensas áreas no perímetro urbano sem ocupação, condição criada propositalmente para o rendimento do especulador imobiliário (DE PAULA, 1993).

Observa-se na figura 3 uma expansão da área urbana em diferentes períodos e condicionados a estabelecimentos de novas legislações que regulamentam o uso, parcelamento e ocupação do solo. Nota-se também que os loteamentos novos não necessariamente são contíguos aos mais antigos, gerando “áreas vazias” na malha urbana. Enquanto o ordenamento urbano responde a legislações de adequação, a ocupação dessas “áreas vazias” acontece sem regramento ou vigilância por parte do poder público, dessa forma, a população sem os meios necessários para adquirir a propriedade da terra utiliza-se da ocupação de espaços segregados na área urbana da cidade.

2.1 O ARROIO PILÃO DE PEDRA E OS FUNDOS DE VALE EM PONTA GROSSA-PR

De um alto topográfico “cresceu” Ponta Grossa, localizado a 967,9 metros de altitude, difunde uma rede de drenagem radial tendo como arroios principais o Olarias (sul e sudeste), do Padre, Gertrudes, Lageado Grande, Pilão de Pedra e Arroio Grande (norte), são os arroios contribuintes para a formação dos rios Tibagi, Verde e Pitangui (MEDEIROS; MELO, 2001).

Fotografia 1 – Nascente do Arroio Pilão de Pedra (1905)



FONTE: Silva (2017)

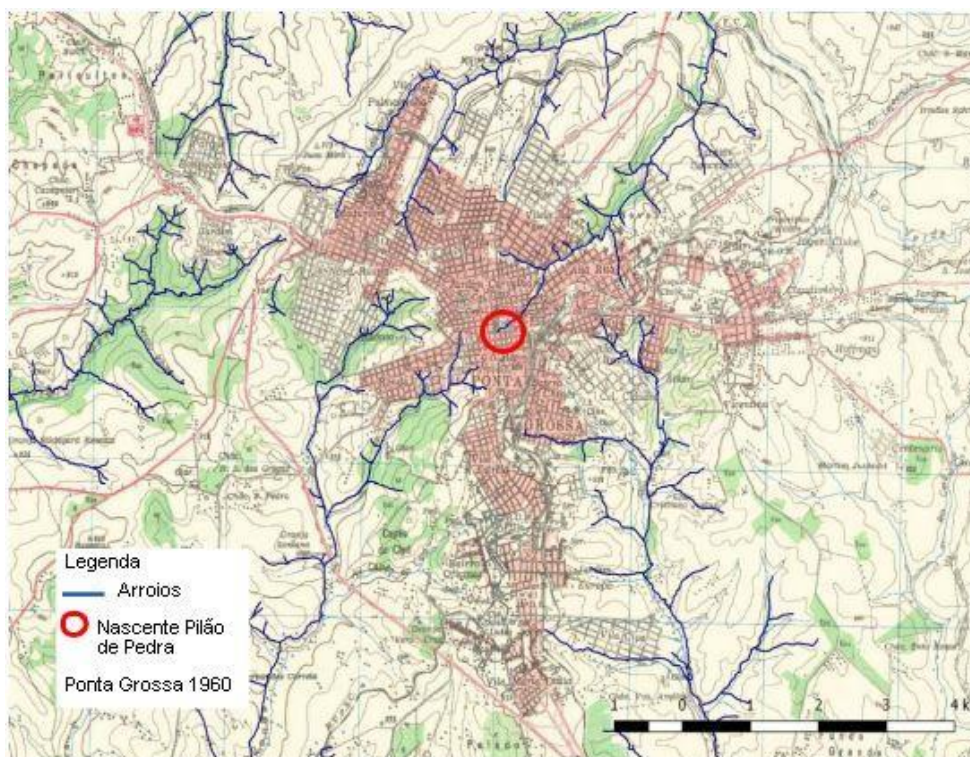
No processo de modernização da cidade e expansão urbana, a distribuição de água e escoamento de esgoto passou por adequações no início do século XX, buscou-se água para o abastecimento das casas e estabelecimentos comerciais e industriais cada vez mais distantes do centro, a contaminação dos cursos de água inseridos na área urbana, o escoamento de esgoto realizado (e ainda é realizado em alguns casos) diretamente nos arroios sem o devido tratamento tornou-se incomodo para os moradores da região central (SILVA, 2017). Canalizações e aterramentos de arroios ocorreram para “esconder” o esgoto que era despejado sem tratamento nesses corpos de água e para criar ligações entre ruas e facilitar a mobilidade urbana. O arroio Pilão de Pedra foi canalizado de sua nascente na Av. Bonifácio Vilela até a rua Cel. Catão Monclaro, e continua seu percurso até encontrar o arroio Lageado Grande, e esses dois deságuam no rio Verde.

Em 1939 foi construído sobre a nascente canalizada do arroio o Cine Império, o quarto cinema da cidade na época, o que contribuiu para a vida cultural dos pontagrossenses. Era o cinema considerado popular, destinado a classe pobre da cidade, contava com ingressos mais baratos e realizava promoções que propiciavam assistir a vários filmes com um ingresso apenas (sessão “pão-duro”). Faziam grande sucesso os filmes de faroeste e os de Mazzaropi, já próximo de encerrar as

atividades contavam com exibições de filmes pornográficos e acabou fechando as portas em 1992 (SILVA JUNIOR, 2008). Em 2014 o prédio foi demolido devido a problemas estruturais causados pelo arroio em seu subsolo e pela falta de manutenção.

Destaca-se na figura 3 e nas fotos 1 e 2 a posição peculiar da nascente do arroio Pilão de Pedra no espaço intraurbano da cidade. Esquina entre a rua Engenheiro Chamber e Rua Cel. Cláudio (atual calçadão), muito próximo da Avenida Bonifácio Vilela.

Figura 4 - Localização da nascente do arroio Pilão de Pedra



Fonte: Silva, (2016).
Adaptado: Deus (2019)

Fotografia 2 - Canalização do arroio Pilão de Pedra



O serviço de canalização do arroio Pilão de Pedra, dentro do quadro urbano.

Fonte: SILVA (2016)

As avenidas da cidade fazem a ligação entre os bairros, Visconde de Mauá, Ernesto Vilela, Bonifácio Vilela e Cel. Carlos Cavalcanti formam os eixos de ligação, os fundos de vales tornaram-se obstáculos para estas avenidas e para as ruas adjacentes. Estas avenidas encontram-se nos espigões do terreno (divisores topográficos), mas em certos trechos precisam transpassar pelos arroios na passagem de uma bacia hidrográfica para outra (MEDEIROS; MELO, 2001). Para realizar essa ligação entre os pontos da cidade, uma das medidas adotadas pelos gestores públicos foi a canalização de alguns arroios e realizar aterramentos (LÖWEN SAHR, 2001), e sobre os fundos de vale a Löwen Sahr (2001) destaca que:

O primeiro plano diretor de Ponta Grossa, datado de 1967, identificava os fundos de vales como importantes fatores de impedimento para a integração espacial da cidade e já se sugeria seu melhor uso e ocupação (CODEM, 1967, p.111). Por parte do governo municipal, a medida adotada foi, durante muito tempo, a canalização de arroios e o aterramento de vales. Paralelamente a essas ações do poder público, os fundos de vales foram escolhidos como locais preferenciais da população de baixa renda para a formação de favelas. (LÖWEN SARH, 2001, p.24).

Frémont (1979) alerta sobre o importante papel dos deslocamentos para a configuração do espaço vivido. Associando as imagens (figura 3 e foto 2) com a citação de Löwen (2001) um aspecto peculiar em relação ao arroio Pilão de Pedra é justamente o fato das ocupações irregulares por pessoas de baixa renda, mas que tem um acesso facilitado de algumas estruturas funcionais da cidade – esse fato não pode ser desconsiderado quando da percepção ambiental do sujeito individual. Assim, também refere ao poder público de Ponta Grossa que desenvolveu três planos diretores, o primeiro em 1967, já mencionado, o segundo em 1992 e o terceiro em 2006.

Com dois anos de atraso iniciou-se em 2018 o quarto plano diretor e ainda segue em desenvolvimento. Segundo Manzur (2010), o Plano diretor de 1992 previa a transformação das margens dos arroios em parques lineares, nos moldes dos parques lineares construídos em Curitiba-PR, uma vez que a equipe contratada para a elaboração do plano era proveniente da capital paranaense, porém esse projeto não foi concretizado efetivamente, somente em dois trechos do Arroio Madureira foi efetivada a construção de pequenos parques, no entanto, na execução da obra priorizou mais os aspectos estéticos do que os aspectos ambientais. A autora destaca ainda que no Plano Diretor Participativo de 2006 nenhuma nova medida foi planejada em relação aos arroios da cidade, uma vez que as medidas pensadas no plano anterior não foram efetivadas (MANZUR, 2010).

As margens dos arroios na área urbana de Ponta Grossa desde os “primeiros anos de existência da cidade” foram utilizados para a construção de moradias, esses terrenos próximos aos arroios não contavam com uma fiscalização que impedisse a ocupação. Ocupações irregulares ocorrem, segundo Löwen (1990) e Löwen Sarh (2001) em áreas que, sem as devidas obras de melhorias, não poderiam ser ocupadas, como margens sujeitas a inundações, áreas com alta declividade; áreas protegidas³ por leis ambientais, de uso coletivo, como praças e que apresentam alto risco de acidente, como margem das rodovias e das estradas de ferro.

A favelização em Ponta Grossa não é um fenômeno recente na história da cidade, já na década de 50 do século XX surgiram as primeiras e esse fenômeno continuou a crescer ao longo dos anos, na década de 70 houve um aumento

³ As definições de áreas protegidas ambientalmente mudaram com o passar dos anos, mas para os fins desse trabalho utiliza-se a definição de área de preservação segundo a lei 12.651 de 25 de maio de 2012 (Novo Código Florestal).

significativo e em 1991 já existiam em Ponta Grossa 96 favelas, no entanto são relativamente pequenas se comparadas aquelas dos grandes centros. As áreas ocupadas pela população de baixa renda e que são denominadas favelas possuem diferentes características, encontram-se em áreas mais afastadas do centro da cidade (exceto o caso das margens do arroio Pilão de Pedra), próximas a rodovias e linhas férreas, em áreas alagadiças e de difícil acesso devido à declividade, e em terrenos no qual, esses moradores, não possuem a propriedade da terra (LÖWEN, 1990; LÖWEN SAHR, 2001).

Em Ponta Grossa é comum encontrar nos fundos dos vales casas nas margens dos arroios, são terrenos ocupados por pessoas, na maior parte dos casos, de baixo poder aquisitivo, e que encontraram na ocupação desses terrenos os meios para a sua subsistência, sendo assim, são espaços segregados e que não possuem as garantias legais da posse da terra. O arroio Pilão de Pedra teve suas margens ocupadas desde o início da urbanização da cidade, sua nascente localizada na região central da cidade, foi canalizada para dar lugar a ruas e lotes, mas um trecho de seu curso continua a céu aberto, é sobre esse trecho que se desenvolveu a pesquisa sobre a percepção ambiental dos moradores das margens do arroio. Portanto, faz-se necessário elencar alguns aspectos físicos e de ordem técnica sobre o arroio em questão para que se possa compreender quais fatores estão relacionados, direta ou indiretamente, com essas características físicas do arroio.

2.2 O ARROIO PILÃO DE PEDRA–ASPECTOS FÍSICO

O arroio Pilão de Pedra tem 5.929 metros de extensão (BAHR, 2005), nasce próximo à Praça Barão do Rio Branco, antigamente conhecido como Praça do Ponto Azul, no espaço central da cidade, mais especificamente no terreno em que ficava o Cine Império, demolido depois que sua estrutura foi deteriorada devido a falta de manutenção e a ação do arroio canalizado logo abaixo, a canalização teve sua estrutura parcialmente destruída, o que acabou danificando o prédio do cinema. O trecho canalizado do arroio possui aproximadamente 1 km, e ressurgue nas proximidades do número 479 da Rua Catão Monclaro, seguindo seu percurso até desaguar na margem esquerda do rio Verde. O arroio faz divisa entre os bairros Jardim Carvalho (margem esquerda), Uvaranas e Neves (margem direita).

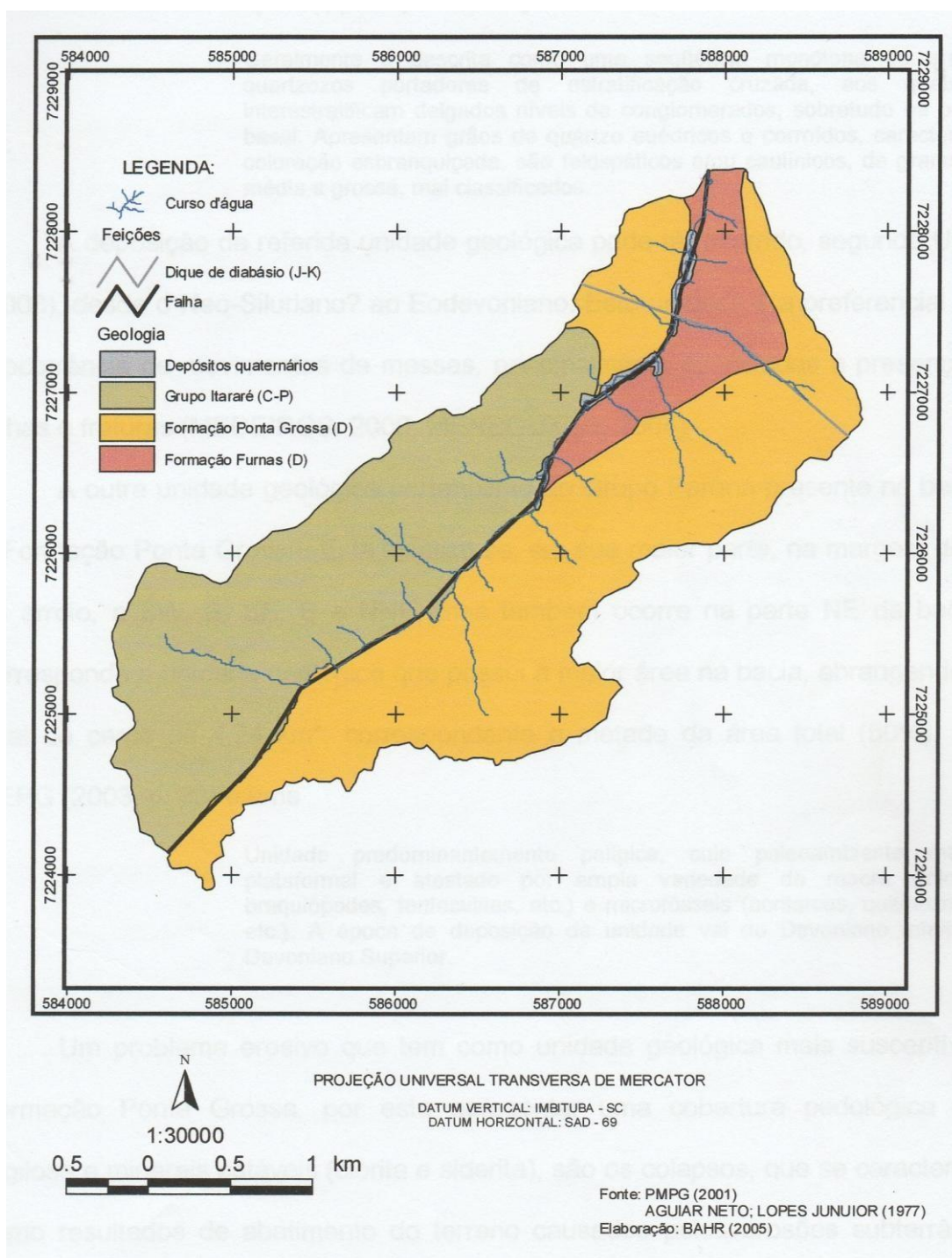
A bacia hidrográfica do arroio Pilão de Pedra apresenta uma drenagem assimétrica devida ao graben de Ponta Grossa, que durante sua formação estruturou o relevo de tal forma que as vertentes da margem esquerda apresentam maiores declividades que as da margem direita. Em uma destas falhas, que apresentam indicação do movimento relativo de blocos, com direções predominantes SW-NE, o arroio Pilão de Pedra está encaixado, apresentando nítido controle estrutural. Sendo assim, esse é caracterizado por estruturas rúpteis (falhas, fraturas e diques). (BAHR, 2005, p.49).

Poucas casas são encontradas próximas⁴⁴ à margem esquerda do arroio, essa declividade acentuada dificulta a edificação de casas, no entanto, na porção do arroio mais próxima ao centro encontram-se algumas casas em terrenos que foram aplainados, mas de maneira geral não ocorre a ocupação próxima da margem esquerda do arroio. Nas margens há uma vegetação mais densa, embora já bastante modificada com a entrada de espécies exóticas, corresponde a uma vegetação típica dos campos gerais, com fundos de vales cobertos por mata de galeria.

É válido destacar da figura 5 a presença de um dique de diabásio localização em que se operou uma pedreira nos 60 do século XX para utilização no processo de “modernização” do espaço urbano (calçamento). Muito embora poucos moradores saibam da pedreira, em grande parte do trecho do arroio em que foi feita a pesquisa (entre as Vilas 31 de Março e Mariana) o local é reconhecido popularmente como Pedreira.

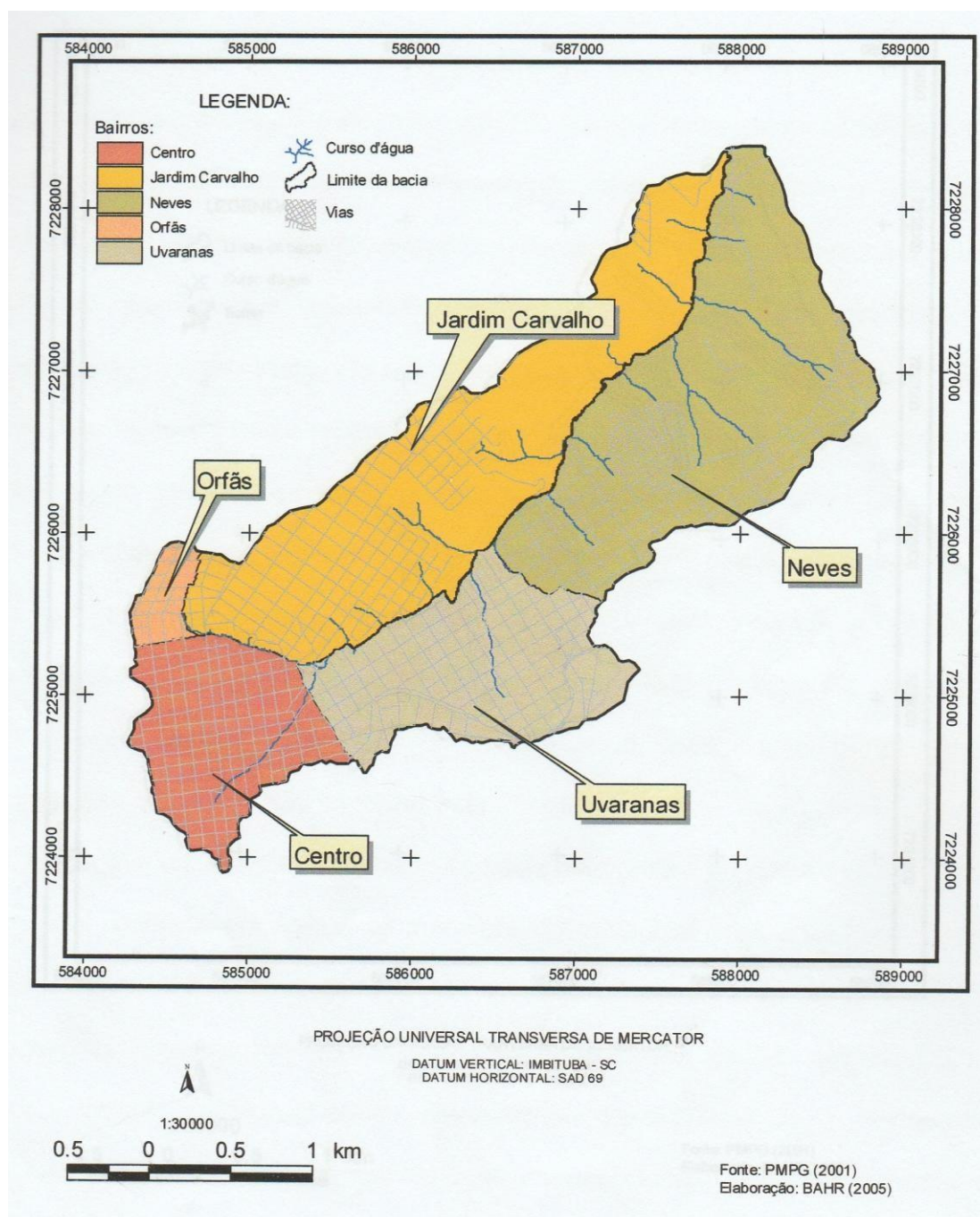
⁴ Considerou-se próximo das margens do arroio edificações dentro ou que tangenciam a faixa dos 30 metros da área de preservação permanente

Figura 5. Encaixe do arroio Pilão de Pedra na falha geológica



Fonte: Bahr (2005)

Figura 6. Divisão dos bairros dentro da Bacia Hidrográfica do Pilão de Pedra



Fonte: Bahr (2005)

É possível observar na foto 3 a diferença na vegetação nos fundos da casa, essa área com ocorrência de pinus (*Pinus elliottii*) faz parte do terreno onde localizava-se a antiga pedreira em que se extraía o diabásio do dique anteriormente citado para o calçamento das ruas da cidade.

Fotografia 3 - Localização da antiga pedreira



Fonte: Nabozny (2019)

A moradora da casa em destaque na foto relatou que acompanhou as

mudanças espaciais, apesar de morar nesse local a poucos anos, contou que na infância morou próximo ao arroio a algumas quadras acima de onde mora agora, destacou que no arroio encontrava-se peixes, e que seu pai fazia previsões sobre as condições preocupantes do arroio, e segundo ela, ele acertou, *“você vão vê, com o tempo, quando chegarem a minha idade, esse aí não vai ser mais rio!”*

2.2.1 O Arroio Pilão de Pedra Hodiernamente

Estudos realizados sobre a qualidade da água do arroio demonstram alto grau de contaminação por diversos elementos químicos e orgânicos lançados no arroio provenientes de esgoto das casas, água das galerias pluviais e de lodo lançado pela Estação de Tratamento de Água (ETA) da Sanepar localizada no Jardim Carvalho (FONSECA, 2014; KLOC; LAIRD, 2017; STROMBERG, 2017).

Empreendimentos imobiliários de médio e alto padrão estão sendo instalados na margem esquerda do arroio Pilão de Pedra. Com técnicas de construção e alto investimento de capital, os agentes imobiliários estão construindo condomínios verticais e horizontais para aqueles com capacidade financeira para adquirir apartamentos ou lotes com infraestrutura e cercado por muros.

A foto 4 foi efetuada a partir da margem direita do arroio, na margem direita próxima ao arroio e a mata há presença de carros velhos e peças automotivas provenientes de um espaço de “desmanche de carros”, atividades complementar as oficinas de carros velhos também com presença frequente na área. Uma moradora entrevistada ressaltou que grandes empreendimentos estavam para acontecer do outro lado do arroio, ela frisou que durante sua participação em um culto (igreja protestante), o celebrante exaltava os avanços que viriam ocorrer próximo as margens do arroio. Ela relatou ao pesquisador como se fosse um “segredo”, que não devia cair em “ouvidos errados”, ela se referia o loteamento EcoPark Pilão de Pedra (fotos 5 e 6), apesar da tentativa de discrição, já era possível avistar o início de terraplanagem do empreendimento da vila 31 de Março.

Fotografia 4 - Construção de condomínios na margem esquerda do arroio Pilão de Pedra.



Fonte: Nabozny (2019).

Fotografia 5 - Loteamento Ecopark Pilão de Pedra (vista da margem esquerda do arroio).



FONTE:Roth Imóveis (2019). Disponível em:
<<http://www.rothimoveis.com.br/imovel/20368.022>>. Acessado: 10/02/2019

Fotografia 6- Loteamento Ecopark Pilão de Pedra (vista da margem direita do arroio).



Fonte: Roth Imóveis (2019). Disponível em:
<<http://www.rothimoveis.com.br/imovel/20368.022>>. Acessado: 10/02/2019.

Ao fundo da foto 4 é perceptível o avanço da terraplanagem e das edificações de alto padrão em direção a mata ciliar. A ocupação da vertente esquerda da bacia do arroio ocorre há muitos anos, contudo nos últimos 10 anos aumentaram o número de condomínios fechados e loteamentos abertos nas proximidades do arroio Pilão de Pedra.

O empreendimento EcoPark Pilão de Pedra é o mais recente loteamento aberto que está sendo implantado, com lotes de no mínimo 300 m². Está no planejamento do empreendimento uma ligação com Jardim Giana, em que será construída uma ponte sobre o arroio a cargo da prefeitura.

Nas fotos 7 e 8 é perceptível a forte presença de mata ciliar, já na margem direita do arroio onde ficam as habitações no fundo do vale temos a presença de dejetos oriundos tanto da produção dos moradores das margens quanto oriundos da população a jusante do arroio. Se por um lado apropriação de alto nível goza das benesses do ambiente natural os moradores da outra margem convivem com maus cheiros, proliferação de insetos, aracnídeos, ratos, entre outros.

Fotografia 7. Área na margem direita do arroio desocupada.



FONTE: Nabozny (2019)

Fotografia 8. Leito do arroio Pilão de Pedra.



FONTE: Nabozny (2019)

Os moradores dessa área desocupada da margem foram realocados para a vila Andorinhas, no bairro Neves, segundo o relato dos moradores que continuam morando na margem. Essa realocação é realizada pela prefeitura através programa

de saneamento de áreas de risco do município intitulado “Programa Casa Segura”⁵ em andamento desde 2010. Os entulhos e desnivelamento deixados na margem são propositais para desestimular a ocupação por outras pessoas, no entanto, no decreto que instituiu o programa está previsto a recuperação física do local e plantação de mata ciliar⁶.

Assim, no presente capítulo procurou-se produzir um contexto em que do ponto de vista macroestrutural o arroio Pilão de Pedra se apresenta para a constituição das *geografias pessoais*, ou seja, das percepções ambientais dos indivíduos pesquisados, pois, para Lowenthal (1982) cada pessoa tem uma visão única relativa ao mundo. O mundo físico é idiossincrático para cada pessoa. O modo próprio de ser de cada pessoa (reação a determinada externalidade). Contudo,

as avaliações são afetadas profundamente pela sociedade e pela cultura. Cada sistema social organiza o mundo de acordo com a sua estrutura e exigências particulares; cada cultura filtra a percepção do meio ambiente em harmonia com seu estilo e técnicas particulares. (LOWENTHAL, 1982. p.125).

Nesse caso o mote escolhido em torno da influência da cultura, das técnicas, entre outros aspectos foi o processo social de urbanização de Ponta Grossa-PR pelo qual decorreu o processo de uso e ocupação da margem direita do arroio Pilão de Pedra. É preciso recordar que as cidades estão sobre diferentes tipos de solos e rochas, que diferentes tipos vegetais foram retirados para a construção e pavimentação de ruas, classes de animais foram afastadas e até mesmos extintos das áreas urbanizadas. O ciclo hidrológico também sofreu alterações, que é constatado quando as águas dos arroios extravasam o leito e passam a ocupar as margens e várzeas, que lhes são pertencentes (OLIVEIRA, 2012).

Conforme os trabalhos de campo há um reconhecimento por parte dos sujeitos quanto a sua situação espacial singular, a exemplos que citam uma frequente presença de jornalistas, pesquisadores e representantes da prefeitura em

⁵ Decreto nº 4.067, de 21 de maio de 2010, Disponível: <<https://leismunicipais.com.br/a/pr/p/ponta-grossa/decreto/2010/406/4067/decreto-n-4067-2010>> institui-o-programa-de-saneamento-das-areas-de-risco-no-municipio-de-ponta-grossa-denominado-programa-casa-segura-2010-05-21.html>. Acessado: 27/02/2019.

⁶ Excede ao objetivo do presente estudo, mas o processo destacado em tela, isto é, relocação de moradores de baixa renda e em tese o plantio de árvores (na margem direita) pela Prefeitura Municipal não é mera coincidência com a ocupação da margem esquerda do arroio com condomínios de alto padrão (para um público de maior poder aquisitivo). Para mais detalhes consultar o estudo de Gledhill e Hita (2018) sobre os processos de gentrificação urbana e acumulação por espoliação

suas casas e imediações. No caso específico dos agentes públicos municipais, se têm um enquadramento espacial dos “sujeitos da margem” no âmbito da legislação ambiental.

O Programa “Casa Segura” têm entre suas metas identificar as áreas de risco no perímetro urbano, a quantidade de pessoas que moram nessas áreas, retirar essas pessoas destes locais e fazer a recuperação ambiental dessas áreas. Para tanto, considera-se que as margens de rios e arroios são áreas de risco, por conseguinte, considera-se por área de risco:

Área passível de ser atingida por fenômenos ou processos naturais e/ou induzidos que causem efeito adverso. As pessoas que habitam essas áreas estão sujeitas a danos à integridade física, perdas materiais e patrimoniais. Normalmente, no contexto das cidades brasileiras, essas áreas correspondem a núcleos habitacionais de baixa renda (assentamentos precários). (CARVALHO et al., 2007, p.26).

Esses fenômenos ou processos naturais “são tratados como deslizamentos de encostas ou desmoronamentos, quedas de barreira e desbarrancamentos, os quais se referem ao rápido movimento descendente de material inconsolidado ou intemperizado sobre um embasamento saturado de água” (HERRMANN, 2014, p.126), e quando se refere a enxurradas ou inundações bruscas, a Defesa Civil conceitua como “súbitas e violentas elevações do nível dos rios, provocando o transbordamento das águas, as quais escoam de forma rápida e violenta” (CASTRO, 2003 *apud* HERRMANN, 2014, p.123).

Não obstante, o conceito de *risco* é mais amplo, Marandola Jr. (2018), constata que nos estudos sobre riscos ambientais a perspectiva da experiência vivida é deixada de lado quando se fala dos riscos enfrentados por determinada população, que “é necessário compreender em que medida as condições de habitar interferem na vulnerabilidade existencial, pois é a partir desta que as pessoas organizarão suas ações e reações diante de situações de risco” (MARANDOLA JR., 2008, p.260).

Já em trabalho publicado alhures por Deus (2017) com moradores identificados em condições de futuras realocações espaciais, estes apresentam restrições para deixar o local. As pessoas construíram ali sentimentos afetivos e laços familiares, o lugar contribui para a afirmação individual de quem são aquelas pessoas no mundo (DEUS, 2017). Foi percebido a construção de pertencimentos

com a habitação, em especial com o ambiente, no âmbito da autoconstrução da casa, crescimento e reprodução do núcleo familiar, bem como identificados casos de *situações de ruralidades*, isto é, com práticas e vivências espaciais ancoradas em situações que antecedem ao êxodo rural como identificado nos trabalhos de campo no arroio Pilão de Pedra (exemplo de criação de galinhas e outros animais). A proximidade com o centro da cidade permite que seja percorrido o trajeto da casa ao Centro caminhando, o que é bastante vantajoso para uma população com poucos recursos financeiros ou sem meios próprios de transporte (carro ou moto). Ocorre também o desenvolvimento de trabalhos autônomos, oficinas de reforma de automóveis, massagistas e também uma serralheria foi identificada nos trabalhos de campo, além de pequenos comércios de venda de bebidas, entre outras atividades.

Assim, se no primeiro capítulo fora destacado a incursão da Geografia Humanista no estudo da percepção ambiental (História da Geografia), no capítulo segundo a discussão da ocupação humana das margens do arroio Pilão de Pedra no contexto de urbanização de Ponta Grossa ao ser textualmente articulado com algumas informações dos trabalhos de campo visou-se configurar o contexto ambiental de modo a romper com uma compreensão da percepção ambiental pré-determinadas e ao mesmo tempo com as ideias de percepção ambiental de um indivíduo isolado no mundo.

CAPÍTULO 3 – PERCEPÇÃO AMBIENTAL DOS MORADORES DA MARGEM DIREITA DO ARROIO PILÃO DE PEDRA EM SEU TRECHO NÃO CANALIZADO (PERTO DA FOZ)

Aproximando-se da grande cidade industrial, o riacho suja-se cada vez mais. As águas usadas das casas que o bordejam misturam-se à sua corrente; viscosidades de todas as cores alteram sua transparência, restos impuros recobrem suas praias lodosas, e quando o sol nasce seca-as, um fétido odor espalha-se na atmosfera. Enfim, o riacho tendo se tornado cloca, entra na cidade, onde seu primeiro afluente é um repugnante esgoto de enorme boca oval, cerrada por grades. (RECLUS, 2015. p.185).

Na ciência geográfica uma clássica apreensão da relação entre experiência humana e o Planeta Terra é a perspectiva ontológica do homem enquanto um ser terrestre. A relação entre o ser humano (pessoa) e a Terra foi descrito por Eric Dardel (1899-1967) em “O Homem e a Terra: Natureza da realidade geográfica” (2015), na qual o autor expõe como os seres humanos vivenciam o espaço geográfico e como ele possui a prerrogativa de construir nas pessoas entendimentos geográficos sobre esse espaço experienciado, em relações tão diversificadas e próprias da vida humana, pelo simples fato de ser o espaço heterogêneo e com nuances capazes de se fazer percebido nas esferas psicossociológicas e socioespaciais (DARDEL, 2015). Perceber o ambiente não é uma capacidade exclusiva das pessoas, sabe-se que os diferentes tipos de animais do Planeta Terra também o percebem, e fazem isso dentro de suas capacidades e limitações para a sua sobrevivência.

As pesquisas sobre a percepção ambiental desenvolveram-se durante a renovação do pensamento científico (críticas no interior da ciência moderna) e das pesquisas em diferentes áreas do conhecimento. Nesse trabalho enfoca-se a corrente da Geografia Humanista nas pesquisas de percepção ambiental desenvolvida com base fenomenológica.

Dessa forma, os trabalhos de Machado (1996) “Paisagem valorizada: A Serra do Mar como Espaço e como Lugar”; Bley (1996) “Morretes: um estudo de paisagem valorizada”; Amorim Filho (1996) “Topofilia, Topofobia e Topocídio em MG”; Tuan (2012) “Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente” e “Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência” (2013); Dardel (2015) “O homem e a terra: natureza da realidade geográfica”; Oliveira (2017) “Percepção do meio

ambiente e geografia: estudos humanistas do espaço, da paisagem e do lugar”, foram importantes para a realização e sistematização das entrevistas e do trabalho de campo.

Certamente esses autores não elaboraram uma receita a ser seguida, nem mesmo uma metodologia para ser aplicada nas entrevistas quando o pesquisador se lança na obtenção de elementos para a compreensão do fenômeno estudado, no entanto, suscitam por quais caminhos se devem seguir para a realização de pesquisas qualitativas com entrevistas e que tem por finalidade compreender a percepção ambiental.

3.1 O PRÉ CAMPO

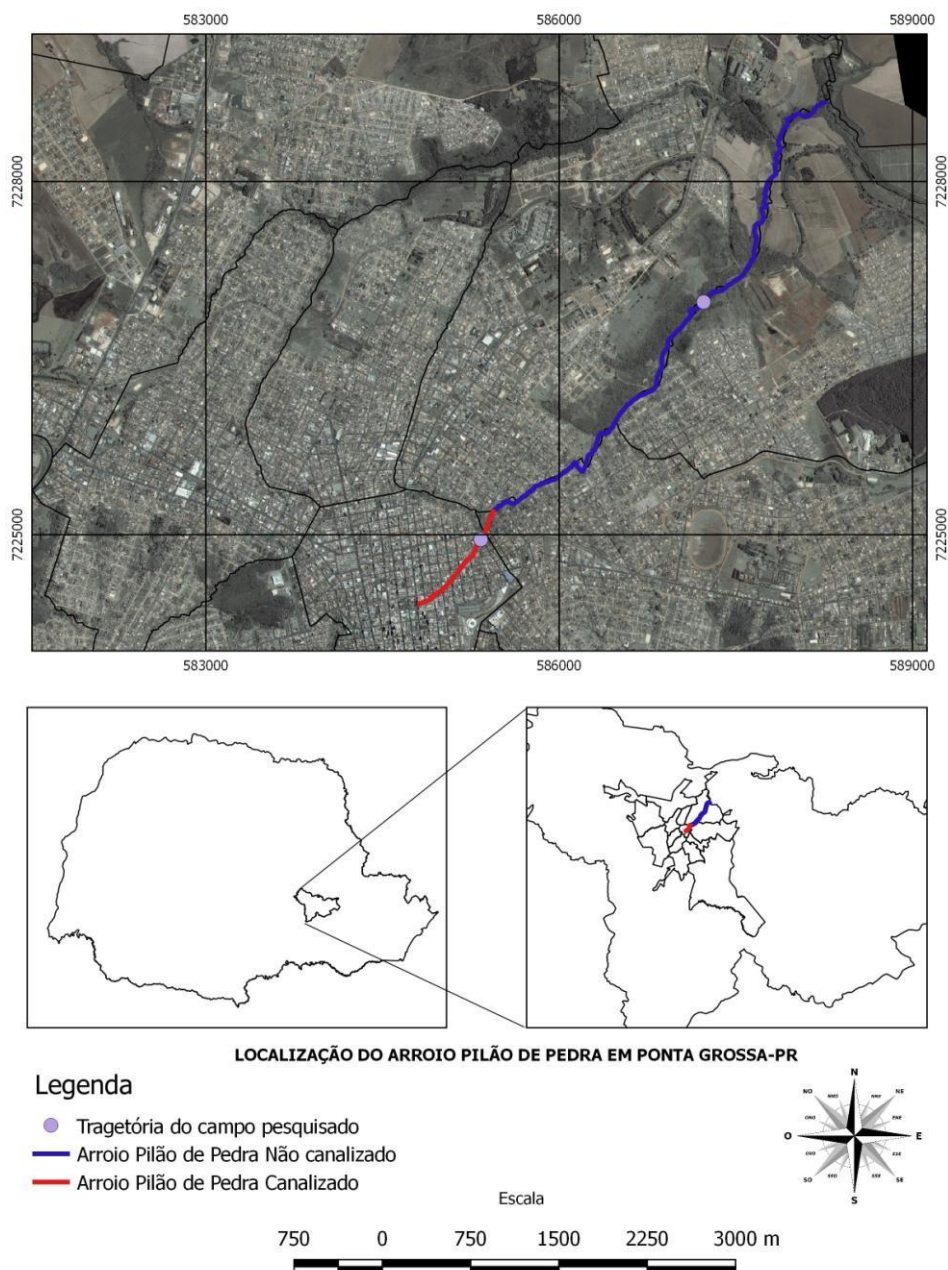
Para a realização dessa pesquisa, o trabalho de campo foi um elemento indispensável, à vista disso, foram realizadas pré-explorações ao local de desenvolvimento da pesquisa. Foi percorrida a extensão do arroio não canalizada, iniciando uma pré-investigação na Rua Catão Monclaro na vila Ana Rita, finalizando na Rua Washington Luiz na vila 31 de Março, que corresponde a uma distância de aproximadamente três quilômetros.

Nessa primeira aproximação, optou-se por realizar uma caminhada pelas ruas que são próximas ou que findam nas margens do arroio e pelos pontilhões e pontes que transpõem o arroio em diferentes pontos. Essa tarefa foi dividida em três etapas e em turnos alternados, o primeiro pela manhã, o segundo à tarde e o terceiro e último pela manhã. Por conseguinte, foi constatada durante a visitação aos três campos exploratórios que o período da tarde seria o melhor momento para dialogar com os moradores, nesse período a maioria das crianças estão na escola e os afazeres domésticos em fase de conclusão, muito embora, o período da manhã não foi descartado para a realização das entrevistas.

Durante o percurso, notou-se que as casas mais a montante do arroio, ou seja, próximas do Bairro Centro do espaço intraurbano, são na maioria dos casos, casas de alvenaria e em bom estado de conservação, no entanto, foram encontradas casas mais simples de madeira e alvenaria com alguns problemas estruturais, como paredes rachadas e muros caídos. Conforme se percorria a jusante do arroio, as casas vão se tornando mais simplórias, com características de

construção improvisada, sem os devidos cálculos de estrutura e proporção, mas também com a ocorrência esporádica de casas com boa estrutura e acabamento. Uma das peculiaridades locais foi à ocorrência de inúmeras oficinas mecânicas e de reformas de automóveis nas quadras próximas ao arroio.

Figura 7: Percurso realizado no pré campo e no campo.



Fontes

Base Cartográfica do Brasil ao Milionésimo (1:1000.000) - IBGE 2016 / Base Cartográfica do Paraná (1:250.000) - ITCG / Base Cartográfica de Ponta Grossa 2013 / Datum Horizontal SIRGAS 2000 / Mosaico Ponta Grossa IKONOS 2008 Org. DEUS, E.

Com essa etapa concluída, voltou-se para a elaboração do roteiro de perguntas que foram feitas aos moradores nos trabalhos de campo, nesse roteiro de perguntas o objetivo foi obter tanto aspectos quantitativos e qualitativos dos sujeitos entrevistados. Com este previamente elaborado, foi verificada a aplicabilidade e aceitabilidade das questões perante os sujeitos entrevistados, moradores da margem do arroio. Sendo assim, foi observada a necessidade de adaptações nas perguntas, tornando-as mais inteligíveis aos entrevistados.

3.2 O CAMPO E AS ENTREVISTAS: PERCEBENDO E PERCEBIDO

O âmago da pesquisa é o trabalho de campo, em que as fontes são as anotações no caderno de campo, registros fotográficos e entrevistas formais com os moradores (total de dezoito). As entrevistas foram realizadas em duas etapas, na primeira foram realizadas nove entrevistas com um roteiro de perguntas dividido em aspectos quantitativos e qualitativos (ver roteiro no apêndice A). Todavia, verificou-se a necessidade qualificar melhor as entrevistas, dessa forma, mais algumas questões de caráter qualitativo foram elaboradas (ver roteiro no apêndice B) e mais um novo campo foi realizado, novamente nove entrevistas foram realizadas com moradores das margens. A extensão do campo realizado foi o mesmo do pré-campo. As entrevistas são ferramentas importantes nas pesquisas qualitativas, contudo, a participação dos sujeitos nem sempre acontece de maneira esperada e imaginada pelos pesquisadores. Nos momentos da realização das entrevistas, diversos fatores contribuem para a aceitação, ou não, da participação na pesquisa, e a participação é um elemento fundamental de aquisição de dados e informações para o pesquisador. Foram inúmeras vezes em que os sujeitos abordados se recusaram a participar como entrevistados e as explicações para a recusa foram as mais diversas. Algumas pessoas alegavam falta de tempo, que já estavam de saída, e outras que estavam muito ocupadas naquele momento; em outros casos, os moradores simplesmente não se encontravam em suas residências.

Em um dos casos singulares, uma senhora que morava bem próximo a margem do arroio em uma casa de madeira, relatou que não poderia participar da entrevista, por que sua irmã, proprietária do terreno e de uma casa de alvenaria na parte da frente, não a autorizava a falar com “*pessoas da prefeitura*” a respeito da casa e as condições de vida ali existentes. Em outro episódio, a moradora, uma

senhora já idosa, não nos recebeu, alegando que o seu filho tinha acabado de sair e que ela não escutava muito bem. As argumentações e razões para não conceder a entrevista seguiram-se nessa mesma linha. Mais do que narrar idiossincrasias esses dois registros possuem o sentido de ilustrar que a percepção ambiental que é apresentada no presente trabalho ela é também composta pela percepção da presença do outro – o pesquisador, o agente público, o estranho, etc.

Uma das abordagens registradas mereceu um destaque especial. Trata-se de um senhor que aparentemente tem entre cinquenta e sessenta anos de idade. Quando nos aproximamos da cerca de seu terreno, ele estava consertando uma parte da pequena área que abrigava um tanque de lavar roupas o qual é utilizado por sua inquilina, a qual alugava uma pequena casa meia água ao lado da sua, nos apresentamos e ele sem “meias palavras” disse que não concederia a entrevista porque, nas palavras dele, *“não ia adiantar de nada”*. Continuou dizendo que muitos outros já tinham passado por ali, fazendo entrevistas, filmando, tomando notas e realizando medições e, absolutamente nada haviam feito para melhorar as condições de vida dos que moravam na margem do arroio.

Prosseguiu dizendo que já havia concedido uma entrevista para o telejornal local de uma emissora de TV, também a um jornal impresso, também disse que os funcionários da prefeitura já haviam realizado levantamentos e questionários com os moradores da margem do arroio, e que pesquisadores das universidades já haviam realizado suas pesquisas no local. Continuou dessa vez listando nomes de políticos conhecidos na cidade, aqueles que almejavam ascender a cargos no legislativo e executivo da cidade e do Estado, completou sua explanação expressando novamente sua descrença na participação da pesquisa. Neste caso destaca-se que a percepção ambiental ela é também composta pela percepção de si no mundo e embora ela seja individual (geografias pessoais), tal objetivação do mundo é elaborada na relação com os outros.

A descrença desse senhor é totalmente justificável para ele, toda aquela interação anteriormente realizada resultou em nenhuma ação prometida ou esperada por ele. No entanto, o papel da imprensa é informar aos seus leitores e espectadores sobre uma realidade, fazer uma denúncia ao público, o papel do pesquisador é compreender determinado fenômeno, fazer questionamentos sobre o determinado fenômeno, colaborar para o aumento do conhecimento de determinada área sobre os assuntos que lhes são pertinentes. Quanto aos políticos e aspirantes,

dentro de uma democracia representativa cabe-lhes a incumbência de verificar os anseios da população, principalmente daqueles que mais necessitam de assistência do Estado e tomar, dentro de suas competências, providências. Ainda assim, a “não ação” desses agentes perante os dilemas daqueles moradores, em especial para os desse senhor, faz surgir questões sobre o papel e a esfera de atuação de cada um deles.

Não obstante, não compete julgar as correspondências dos anseios desse homem e as pessoas com as quais ele tenha interagido, mas entender que todos os sujeitos por ele citados (de atitudes a ele abstratas: perguntar, entrevistar, medir, filmar, prometer, etc.) são percebidos como sujeitos que poderiam melhorar o seu ambiente então, percebido como carente de algo.

Em mais de uma ocasião um mesmo comportamento se repetiu, quando um senhor que alimentava seus numerosos animais de criação (galinhas, patos, gansos), e por estar ocupado preferiu “agendar” a entrevista para outro dia, quando questionado se poderia indicar um vizinho para a entrevista, prontamente sugeriu sua vizinha que morava na margem oposta do arroio, essa, por sua vez, por trabalhar com massagens terapêuticas não poderia nos atender no momento, pois realizava um atendimento e preferiu também agendar a entrevista para outro dia. Em outros dois momentos, também ocorreram o agendamento, mas quando efetivado o retorno nesses endereços os prováveis entrevistados não se encontravam em casa ou tinham outros afazeres. Essa prática de agendamentos mostrou-se contraproducente para a realização dessa pesquisa.

O mesmo pode-se dizer sobre a indicação para entrevistas pelos anteriormente entrevistados, em todas as entrevistas realizadas pedia-se para que o entrevistado indicasse um vizinho que potencialmente aceitaria participar da pesquisa. A maioria não soube indicar ninguém e apenas dois souberam indicar, um caso já foi aqui mencionado e apenas um indicado aceitou participar da pesquisa.

Importante ressaltar que durante o desenvolvimento dessa pesquisa contou-se com a participação, também no campo, do orientador o professor doutor Almir Nabozny na realização da segunda etapa de entrevistas e pelo registro fotográfico que constituem o texto imagético do presente trabalho, e do acadêmico de licenciatura em Geografia, pesquisador de Iniciação Científica Leonardo de Andrade. Esses foram os procedimentos iniciais e alguns desafios enfrentados para compreender como os moradores percebem seu ambiente, seu mundo vivido, lugar

de suas experiências e de construção de suas memórias no ambiente que diariamente vivem às margens do arroio Pilão de Pedra.

Diante disso, Holzer (2010) destaca a Fenomenologia como “volta as coisas elas mesmas”, como uma descrição do mundo cotidiano, o autor põe em evidência o trabalho de Relph (1970) que considera relevante no método fenomenológico “a descrição das essências das estruturas temáticas da percepção associadas com o fenômeno particular que é estudado; o exame das várias maneiras como esse objeto pode aparecer, a partir das intenções de quem percebe; a exploração da constituição dos fenômenos na consciência” (HOLZER, 2010. p. 38). Neste caso o fenômeno é uma manifestação plena de sentidos, sendo a percepção da experiência vivida uma etapa metodológica, procurando romper com a dicotomia sujeito e objeto (SPOSITO, 2004). No relato do trabalho de campo e a posição percebida do pesquisador, desse modo, também se enfatiza que o campo de pesquisa constitui em si uma experiência vivida.

Ainda de acordo com Holzer (2010) o método fenomenológico implica na intencionalidade e fundamenta a relação da consciência e o objeto, nesse caso o mundo é consciência na medida que é a presença do sujeito no mundo. Assim, perfazendo-se contrário aos postulados dedutivos e indutivos que configuram uma relação de objeto para um sujeito, verdade inerente ao objeto, pois na apreensão fenomenológica o pesquisador também compreende o mundo do objeto. Essa compreensão do mundo do objeto no tocante aos relatos dos trabalhos de campo corresponde ao no mínimo um embricamento entre o ser que tem a consciência de si (alteridade) e o ser reconhecido no plano do outro ser.

Portanto, se as entrevistas visam explicitar as intencionalidades objetivas, os extratos do caderno de campo registros nesse texto indicam também que o mundo dos moradores da margem direita do arroio Pilão de Pedra é também subjetivado, ou seja, compreende imaginários e relações que estão no “campo” das emoções (especialmente no plano do desejo), se o pesquisador quer saber, os moradores em diversos momentos questionam sobre o sentido desse saber e, o que eles podem se beneficiar e/ou serem prejudicados.

3.3 PROPOSTA PARA A COMPREENSÃO DAS ENTREVISTAS

Durante a realização das transcrições das entrevistas, foram percebidas

informações heterogêneas, algumas informações se mostravam, por vezes, confusas. Para melhor sistematizá-las foi elaborado um esquema com as ocorrências que se sobressaíam nas falas e que se relacionavam com o ambiente dos entrevistados.

Figura 8 - Referências ao ambiente evidenciado pelos moradores.



Fonte: O autor.

Essas referências apresentadas na figura 8 são as mais recorrentes nas entrevistas com os moradores sobre o ambiente em questão nesse estudo, algumas como “bons vizinhos”, “tranquilo”, “mau cheiro”, “esgoto”, “arroio” ocorrem de maneira afirmativa durante as entrevistas. As referências a “preservação da mata ciliar”, “deslocamento a pé”, “lugar especial”, “memórias da infância”, são ocorrências que aparecem de maneira subentendida nas declarações feitas, por essas ou por outras palavras. Já a evocação “pessoas que fazem uso de maconha” aparece em algumas entrevistas de maneira velada, colocada de forma genérica, como, por exemplo, “uns que ficam ai de noite”, ou “piaçada que vem fuma ai”, e, outras vezes, de forma mais clara e direta.

Dessa forma, pode-se compreender que essas declarações citadas sobre o ambiente dos entrevistados são significativas para essas pessoas, mas não respondem totalmente por todos os elementos experienciados pelos entrevistados e sobre o ambiente em que vivem. Portanto, com base nessas evocações elaborou-se uma proposta de identificação de mais elementos possíveis de serem compreendidos a partir das entrevistas. Essa proposta inspirou-se no trabalho de análise de conteúdo de Laurence Bardin (2014), no entanto, não se utiliza de sua metodologia a rigor para compreender os conteúdos das entrevistas realizadas com os moradores da margem direita do arroio Pilão de Pedra, a obra da autora suscitou a elaboração da proposta apresentada.

As declarações e evocações apresentam um indicador para compreensão sobre a percepção ambiental dos moradores das margens do arroio, dessa forma, se propõe a segmentação da entrevista em: referenciais espaciais, evocações de lugar, evocações temporais, eventos recorrentes, eventos esporádicos, relacionamentos, emoções e sentimentos e descrição do local.

Esses elementos propostos auxiliam na compreensão do núcleo comum e das singularidades, contribuindo para elucidar a percepção ambiental presente entre os moradores pesquisados, ao mesmo tempo que evidenciam a percepção ambiental em termos de configuração do lugar, e que na fenomenologia entende-se por mundo vivido. Tais elementos nas entrevistas se articulam com a síntese que Holzer (1997) traz da ideia de lugar e defendida por E. Relph:

Para ele o lugar é um modo particular de relacionar essas diversas experiências de espaço, podendo ser identificado a partir de três componentes que se inter-relacionam: traços físicos, atividades e funções observáveis e, finalmente, significados ou símbolos. (HOLZER, 1997.p.13).

Deste modo, as entrevistas foram observadas destacando esses critérios de seleção de elementos que conectam as informações concedidas nas entrevistas com a experiência espacial dos sujeitos em termos de percepção ambiental. Para tanto, se evidencia o modo como as entrevistas foram compreendidas, no quadro 1 o modelo replicado às demais entrevistas:

QUADRO 1. Segmentos de auxílio para a compreensão das entrevistas

(continuação)

NOME ENTREVISTADO	PONTOS EVIDENCIADOS PELOS ENTREVISTADOS	DESCRIÇÃO EVIDENCIADA NA ENTREVISTA
ENTREVISTADO F		
	REFERENCIAIS ESPACIAIS	Rua da casa, vila onde mora, cidade de Reserva (naturalidade), escola próxima, filha trabalha no distrito industrial, igrejas próximas, Aparecida do Norte – SP, caminha pela vila e da casa até o centro da cidade, arroio nos fundos da casa, olho d'água de uso cotidiano na frente da casa.
	EVOCAÇÕES DE LUGAR	Parentes moram e outros moravam ao lado, cuida do terreno para manter limpo, construiu a própria casa, era jovem quando veio morar no local.
	EVOCAÇÕES TEMPORAIS	45 anos no local, uma roça plantada que não deu certo na cidade natal.
	EVENTOS RECORRENTES	Aparecimento de ratos.
	EVENTOS ESPORÁDICOS	Chuva aumenta o mau cheiro.

QUADRO 1. Segmentos de auxílio para a compreensão das entrevistas

(conclusão)

NOME ENTREVISTADO	PONTOS EVIDENCIADOS PELOS ENTREVISTADOS	DESCRIÇÃO EVIDENCIADA NA ENTREVISTA
ENTREVISTADO F		
	RELACIONAMENTOS	Filhos e netos visitam, animais domésticos, esposa não gosta de morar ali, bons vizinhos, políticos com promessas
	EMOÇÕES E SENTIMENTOS	Luta” para construir a casa, um pouco de medo por morar perto do arroio, emoção por ser avô, vantagem no uso da água do olho d’água.
	DESCRIÇÃO DO LOCAL	Tranquilo, bom de morar, não tem a ocorrência de furtos, roubos ou assaltos.

FONTE: Deus (2018).

A partir dessas informações é razoável que se suscite alguns aspectos a respeito do entrevistado F em relação ao ambiente. As atividades realizadas por ele demonstram que a mobilidade espacial é bastante facilitada pela proximidade com o centro urbano de Ponta Grossa, tal posição espacial lhe permite fazer caminhadas para o exercício do corpo e frequentar as igrejas.

O arroio Pilão de Pedra é percebido pelo “mau cheiro” e a ocorrência de ratos, de maneira esporádica e não alarmante, nos dias de chuva apresenta preocupação pela possibilidade de inundação da casa, mas isso não chega a gerar no entrevistado uma ação de se retirar e morar em outro local, já aventou a possibilidade, mas a proposta não lhe agradou. Um olho d’água na frente de sua casa, no terreno do vizinho lhe proporciona o uso gratuito de água para a limpeza de ferramentas de pedreiro e limpeza do seu automóvel (Marca: Volkswagen. Modelo Fusca 1972).

No que tange aos relacionamentos, a relação com os vizinhos é muito boa, os filhos o visitam com frequência, possui animais de estimação, destaca também o aparecimento de candidatos a cargos eletivos que prometem melhorar as condições

do local, mas que não convencem mais o entrevistado. Seu casamento já dura 45 anos e moram este mesmo tempo no local, no entanto, a esposa não gosta de morar ali, nas palavras dele “não se acostumou ainda”. Demonstra sentimento de orgulho e de perseverança na sua trajetória quando fala que construiu a casa com as próprias mãos, de maneira gradual e que finalmente realizou seu objetivo.

O mundo vivido pelo entrevistado percorre por situações que lhe favorecem nos afazeres e responsabilidades diárias, é um ambiente que oferece vantagens para suas atividades de lazer e trabalho, preserva na memória as dificuldades vencidas e momentos felizes ao lado da família e sua trajetória, e apresenta certos desafios e riscos, mas ao que tudo indica, não trazem transtornos maiores ao entrevistado.

Portanto, foi buscado compreender através dos segmentos apresentados, as evocações comuns nas entrevistas realizadas, o quadro 2 representa o núcleo comum identificado em cada uma das categorias:

QUADRO 2 - Núcleo comum identificado nas entrevistas

(continuação)

CATEGORIAS	NÚCLEO COMUM
REFERENCIAIS ESPACIAIS	<p>Próximo do centro da cidade, da linha de ônibus, de farmácias, de distribuidora de gás, de escolas, das igrejas, do posto de saúde; migração de cidades do interior do Paraná; antigos estabelecimentos comerciais e industriais.</p> <p>Exemplos: “Eu gosto, porque é pertinho do centro né!? Pertinho de tudo né.” “É que o ponto de ônibus aqui é uma quadra só, pertinho...” “Eu frequento a Quadrangular ali, quarta e domingo.” “Eu morava em Reserva com minha vó, dai meu pai já trabalhava pra cá.” “Ele pega aqui de cima, mais pra cima aqui, quase no centro ali em cima do curtume, se desce aqui, vai para lá no Pitangui.”</p>

QUADRO 2 - Núcleo comum identificado nas entrevistas

(continuação)

CATEGORIAS	NÚCLEO COMUM
EVOCAÇÕES DE LUGAR	<p>Construção da casa, cuidado com pequenas hortas e criação de animais, preservação da mata ciliar, ofícios desenvolvidos na casa, lar onde foram criados os filhos.</p> <p>Exemplos: “Tudo, se criamos tudo, até aquele que tá ali é meu sobrinho, fio do meu irmão, mais velho, e tamo.... E como disse, aqui é difícil... só pra última morada!”</p>
EVOCAÇÕES DE LUGAR	<p>“Meu último serviço era cozinheira, então eu vinha, limpava até lá atrás (quintal da casa) até uma hora da manhã.”</p> <p>“Mais que vem ai é as pessoas já que me conhece já, há quarenta anos atrás ai, serviço...”</p> <p>“Nossa aqui era... aqui mesmo onde é minha casa era um buracão! Fui jogando pedra, cimento, arrumando, sabe!?”</p>
EVOCAÇÕES TEMPORAIS	<p>Morando no local a muitos anos, rápido deslocamento até o centro, mudanças atuais no ambiente e ocorridas ao longo dos anos.</p> <p>Exemplos:</p> <p>“O que ajuda muito a gente é esse mato ai, mas já da pra vê que tão desmatando muito ai, aos poucos eles tão retirando.”</p> <p>“Aqui vim mora em sessenta e nove! Não existia Trinta e um, nem a Afonso Celso, nem essas rua ai, não existia nada, aqui era tudo fazenda”.</p> <p>“Quando minha mãe veio, tem o abacatero, aquele que tá torto é abacatero, quando minha mãe veio mora aqui não tinha nada disso, foi tudo ela que pranto!”</p> <p>“Antigamente era tudo rio ai, agora é esgoto, mas já foi rio já ai.”</p>
EVENTOS RECORRENTES	<p>Aparecimento de ratos e mosquitos e o mau cheiro.</p> <p>Exemplos:</p> <p>“Tem mosca bastante, não cobra essas coisas não nunca vimo por aqui cobra.”</p> <p>“Vem bastante pernelongo, desses pernelongão ... rato eu já escutei bastante reclamação ... eu não vi ainda aqui, mas a minha cunhada mora aqui duas casas pra cima, vai rato na casa dela.”</p> <p>“só os mosquito sabe, é esses borrachudo né!?”</p> <p>“Ah sim, ele tem um, um chero forte principalmente quando esquenta o sol alto ele, vem bem forte o chero.”</p> <p>“tem dia que chove ai que você tem que sai pra cá! Num guenta ... o mau chero.”</p>

QUADRO 2 - Núcleo comum identificado nas entrevistas

CATEGORIA	NÚCLEO COMUM
EVENTOS ESPORÁDICOS	<p>As chuvas aumentam o nível de água do arroio.</p> <p>Exemplos: “Porque quando chove aqui que vem chuva grande a gente..., e é o esgoto enche, assim que faz um barulhão assim que gente quase morre de medo!” “Então quando dá essa chuva, que nem falei pra você, incomoda né!”</p>
RELACIONAMENTOS	<p>Filhos (as) ou outros parentes que moram nas vilas do entorno, na mesma vila ou próximo ao arroio, boa convivência com vizinhos, políticos com promessas sobre “melhorar” o local e agentes públicos.</p> <p>Exemplos: “Não, esse dai meu filho mora lá em cima na Vilela, dai na outra quadra aqui tem um genro, meu genro é marido da minha filha mais velha”. “É, me do com tudo mundo aqui, o vizinho da frente aqui nossa... tudo eles. Tão aqui em casa, vem conversa, não tenho encrenca com ninguém! Esse que passo aqui mora do lado aqui, tudo a vizinhança aqui é... não tenho queixa de ninguém né.” “dai cada, cada tempo de eleição sempre aparece um político ai sabe ... „Ai dexada uma oiadinha no esgoto, filma ai porque nós vamo arruma! „ Passo... (risos) tchau!” “É pá tira nós dai, até agora nada! Tamo esperando.”</p>
EMOÇÕES E SENTIMENTOS	<p>Orgulho pelas dificuldades superadas, saudades das experiências da infância e medos.</p> <p>Exemplos: “Mas acho que né nós quando viemo de lá, nós era em deiz com a mãe! Fora o pai né.[...] dai imagine nós numa peça e um banheiro! Haha (risos). E um quarto, uma cozinha e o banheiro! E sobrevivemo! Haha (risos).” “Passa muitas mulher sozinha nesse mato, mas da medo, nós já vimo moto robada nesse mato.” “Ali eu lavava as fraudas da minha fia.” (referindo-se a um tributário do Pilão de Pedra) “Quando eu era piquena, minha mãe morava ali, agora minha mãe já é morta, pro lado esquerdo em cima aqui, a gente vinha ali, olha era bonito de vê, tinha até peixe nesse rio!”</p>

(continuação)

QUADRO 2 - Núcleo comum identificado nas entrevistas

(conclusão)

CATEGORIA	NÚCLEO COMUM
<p style="text-align: center;">DESCRIÇÃO DO LOCAL</p>	<p>Descrevem o dia a dia vivendo próximo ao arroio como tranquilo, sossegado, próximo da natureza, sem infraestrutura.</p> <p>Exemplos:</p> <p>“Não, não tem, às vezes na semana assim tem uns vizinho que ficam assim sempre aqui nesse, nesse corredor bebendo, mas são tudo assim, eles não fazem nada, não tem perigo de ladrão aqui nada, são tudo ... ficam tomando os goles deles e ficam assim de boa não incomodam a gente.”</p> <p>“Aqui é gostoso de mora cara, sussegado, passarinho que canta de manhã cedo”</p> <p>“Mas o barulhinho (da água do arroio) é gostoso pra dormi ó!? Eu bem que ir dormi a hora que vocês bateram palma!”</p> <p>“Não, até agora não vi nenhum caso de violência por aqui.”</p> <p>“Ooh, tranquilo, pode pergunta pro home da frente aqui como não tem perigo nenhum.”</p> <p>“Tinha uma época que tinha muita gente ruim aqui, tinha uns cara que morava ali, era muito bandido demais, antigamente era feio aqui rapaiz, agora não é tanto, mas de primero era feio aqui.”</p> <p>“É gostoso, o povo são assim ... humilde né!? A gente vai ali tem a capela, vai ali, o povo tudo conhece.”</p> <p>“Nãoo, aqui é tranquilo, já foi brabo, Mariana já foi muito ... mas hoje não, tranquilo...antigamente tinha o ... mais era droga né ... antigamente tinha muito isso, mas hoje não.”</p> <p>“E ce vê, desde que eu moro aqui, quarenta e poco ano, minha mãe já dizia que vinha esse projeto de fecha, faze galeria! Até hoje!”</p> <p>“Aqui tem probrema de rua aqui é, fiz pedido, fui na câmara tudo, vereador vieram vê ai e não abrem a rua ai! Cês tão ... podia por ele sai ... ponharam uma máquina ai, em deiz minuto a máquina entupiu o buraco ali!”</p>

Fonte: De Deus (2018)

A interpretação das entrevistas ocorre a partir da relação com lugar, e é importante destacar que a experiência ambiental não tem no arroio um forte nó articulador de seus espaços de referências. Por outro lado, a centralidade na pesquisa amparada na ideia de morador da margem faz um profundo sentido com o habitar, isto é:

Habitar implica mais do que morar, cultivar ou organizar o espaço. Significa viver de um modo pelo qual se está adaptado aos ritmos da natureza, ver a vida da pessoa como apoiada na história humana e direcionada para um futuro, construir um lar que é símbolo de um diálogo diário com o meio ambiente ecológico e social da pessoa. (BUTTIMER, 1982, p.166).

O mundo vivido e experienciado constitui-se gradualmente ao longo dos anos, elementos do espaço combinados com os filtros culturais, pessoais e costumes internalizados no indivíduo produzem percepções ambientais que conduzem na apropriação desse espaço através elementos subjetivos de construção do lugar. As dimensões do lugar podem ser diversificadas, ligados a emoção, a aspectos culturais, políticos e biológicos “as pessoas não têm apenas concepções intelectuais, imaginárias e simbólicas do lugar, mas também associações pessoais e sociais com redes baseadas nos lugares de interação e ligação” (BUTTIMER, 2015, p.6).

O uso das águas de afluentes do Pilão de Pedra é comum pelos moradores próximos a esses corpos de água, alguns usam para lavar objetos e veículos, outros para abastecimento de pequenos tanques, um morador relatou que utiliza a água de uma mina para abastecimento doméstico, e que outros moradores fazem o mesmo, as águas do Pilão de Pedra não oferecem aos moradores nenhum uso, o arroio é “invisível” aos moradores pela característica de “esgoto” que lhe é atribuído, e entendem o “*esgoto a céu aberto*” como falta de infraestrutura. Em alguns pontos a falta de infraestrutura é identificada por não ocorrer o serviço de coleta de lixo, e nas promessas de campanhas políticas, em que a “rua sempre vai ser melhorada”, o arroio sempre vai ser “arrumado”, situações que não ocorrem na realidade, somente no discurso político.

A boa relação com os vizinhos suscita uma relação familiar e de cooperação para a manutenção das características de tranquilidade e sossego vivenciadas e percebidas pelos moradores. A proximidade com os familiares cria laços com o lugar que perpassa as diferentes gerações, o lugar onde os pais criaram a família, os irmãos e filhos que diariamente se visitam e se ajudam e estabelecem experiências e vivências significativas para/e com a família e com o lugar.

Mudanças de configurações espaciais são percebidas através das memórias da infância e juventude, que delimitam marcos temporais de crescimento da família, da comunidade com o surgimento e desaparecimento de comércios e indústrias, da

expansão da área urbana da cidade e da chegada de infraestrutura e até mesmo a falta dela. A proximidade com o centro da cidade e dos serviços disponibilizados nesse bairro é um fator percebido como positivo e que gera facilidades financeiras, espaciais e temporais, portanto “na experiência, o significado de espaço frequentemente se funde com o de lugar [...] O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que conhecemos melhor e dotamos de valor” (TUAN, 2013, p.14). Buttimer (2015) ressalta a existência de dimensões de significados atribuídos ao lugar, como o simbólico, emocional, cultural, político e biológico, são compreendidas também por vínculos pessoais e sociais e não somente dentro de concepções intelectuais.

As experiências com o lugar se desenvolvem cotidianamente, a percepção dos moradores é decorrente do mundo vivido que se manifesta em ações e omissões na reprodução diária da vida, é no trabalho desenvolvido no terreiro em frente da casa, durante a manutenção de hortas e jardins, na criação de animais soltos no terreno ou em cercados. O deslocamento a pé até comércios e serviços estabelece relações de apropriação dos espaços de maneira mais próxima ao corpo, “a experiência da percepção revela que o corpo é, ao mesmo tempo vidente e visível, tocante e tocado, sujeito e objeto; abre-nos a um mundo do qual ele mesmo faz parte” (COLLOT, 2013, p.37-38), o deslocamento considerado rápido até o centro da cidade é valorizado não somente pela praticidade mas também pelo baixo custo monetário, aqui mais uma vez se reforça o entendimento de que “quando o espaço nos é inteiramente familiar torna-se lugar. O homem é a medida; em sentido literal, o corpo humano é a medida de direção, localização e distância” (MACHADO, 1996, p.104).

As mudanças na configuração espacial são identificadas também na transformação da paisagem, a experiência de vivenciar e acompanhar essas transformações desde a infância, por alguns dos entrevistados, faz surgir naqueles que vivenciaram essas transformações o sentimento de pioneirismo, a chegada de vários moradores antes dessas transformações trazidas com a expansão urbana, constroem memórias “dos desbravadores”, quando as condições para a reprodução da vida eram mais difíceis. Paisagem e Lugar compõem a percepção do ambiente de maneira complementar, o indivíduo tem experiências no lugar e na paisagem, pois o indivíduo está inserido também na paisagem,

A paisagem também não é um simples objeto em face do qual o sujeito se situa em relação de exterioridade. Nela sujeito e objeto são inseparáveis, não somente porque o objeto espacial é constituído pelo sujeito, mas, também, porque o sujeito está envolvido pela paisagem. Em outras palavras, o sujeito está dentro da paisagem. (BLEY, 1996, p.125).

A paisagem como um fenômeno vivido e experienciado é o produto de um ponto de vista sobre o mundo, “se a paisagem pode aparecer como o lugar de emergência de uma forma de pesamento, é porque a experiência sensível é fonte de sentidos” (COLLOT, 2013, p.21). O arroio Pilão de Pedra tem uma antiga ocupação de suas margens, os moradores mais antigos entrevistados lembram das transformações ocorridas, contam que “antigamente” tudo era fazenda ou chácaras de famílias como “*as dos Nadal*” (referência a uma extensa fazenda pertencente a família Nadal), as vias de ligação como a Avenida Cel. Carlos Cavalcanti e Afonso Celso “não existiam” ainda. Portanto, não se pode relacionar a paisagem somente por suas características apreendidas pela visão, ela também é percebida por outros sentidos, que corroboram e enriquecem o lugar, que é percebido de diferentes maneiras e experimentado, implica em um sujeito que não se fecha em si mesmo, mas se abre para o que vem de fora (COLLOT, 2013).

Os moradores entrevistados reproduzem também relatos de membros mais velhos da família que diziam que “*antes isso aqui já foi um arroio, agora é esgoto.*” Para alguns o arroio deixou de existir, para outros o esgoto tomou seu lugar, e outros compreendem que o arroio se transformou com o passar dos anos em esgoto proveniente dos desejos de moradores do centro da cidade e pela ação de alguns moradores da margem.

O mau cheiro é percebido pelos moradores, no entanto, em situações e eventos distintos, para alguns moradores o mau cheiro ocorre o tempo todo, todos os dias, enquanto que para outros é durante os períodos de maior calor, quando as chuvas são mais espaçadas, enquanto outros percebem o mau cheiro somente quando ocorrem fortes chuvas. Somente um entrevistado relatou não sentir o mau cheiro proveniente do arroio, segundo ele, isso se deve ao fato de que ele preserva a mata ciliar do arroio, fazendo uma barreira natural para o mau cheiro. A ocorrência de insetos e ratos é percebido em eventos constantes por muitos entrevistados. O aumento do volume de água que passa pelo arroio foi destacado apenas duas vezes por dois moradores, esse fato não é compreendido pelos demais moradores como importante e que mereça destaque.

As relações com os vizinhos contribuem de maneira significativa no mundo vivido dos moradores, a cooperação é uma forma de manter laços de amizade e de preservação do patrimônio dos moradores, quando um vizinho “*dá uma olhadinha na casa do outro*” está ajudando a manter longe possíveis furtos na casa ao lado. Esse aspecto é muito valorizado pelos entrevistados, dessa forma se estabelece uma conexão com o lugar que perpassa pelo bem-estar do outro, a manutenção da propriedade próxima é uma forma de manter indiretamente a própria propriedade sempre zelada. Evidente que esse mecanismo de auxílio entre os moradores não visa somente salvaguardar os bens materiais um do outro, mas auxilia na boa convivência entre eles na manutenção de boas relações, dessa forma, o habitar é dependente do cuidar, e nessa experiência de manutenção de boas relações se estabelece a percepção de sossego e tranquilidade para os indivíduos.

A percepção se transfigura na linguagem utilizada para atribuir determinado valor ao lugar, a experiência do mundo vivido é exteriorizada e compreendida como relações de colaboração. O sentimento topofílico descrito por Tuan (2012), é valorização de determinados lugares, o apreço e o a valor sentimental em relação ao espaço, configurado como lugar ou paisagem, e as trajetórias dos indivíduos constroem vínculos que ultrapassam o espacial, e se estabelece nas relações intersubjetivas. O medo da criminalidade não é afastado, situações relacionadas a roubos e uso de drogas não legalizadas produzem certa dose de cautela nos deslocamentos espaciais, a percepção da violência está no entorno das margens do arroio, afastado, não está próximo, portanto, não chegam a configurar um sentimento topofóbico.

A descrição das particularidades do local contribui para a compreensão sobre a percepção ambiental dos moradores das margens do arroio, evidente que a descrição por si mesma não evidencia o que se percebe de maneira mais ampla, mas ela contribui para a compreensão de quais características os moradores identificam como significativas. Os elementos naturais, “os passarinhos que cantam logo cedo”, a presença de vegetação nativa (e até mesmo exótica), “o pinhão catado do chão todo ano”, água corrente “que é boa pra dormir” são percebidos como atenuantes para o ambiente vivido cotidianamente, esses elementos são evocados para descrever uma experiência mais íntima com a natureza, entendida como uma vantagem em uma cidade urbanizada e com problemas de prestação de serviços e de pouca infraestrutura. As experiências e memórias ligadas a uma infância em

idades do interior, em povoados rurais, são recordados e até mesmo mantidos em certa escala. Experiências negativas no passado relacionados ao tráfico de drogas ilícitas evidenciam que o momento atual está melhor para viver e se relacionar. As poucas ligações entre os bairros que transpõem o arroio são evocações recorrentes entre os entrevistados, a atuação do poder público é cobrada à “*arrumar*” o arroio. Completar a sua total canalização é compreendida como positiva, afinal “*o arroio não existe mais, em seu lugar está agora um esgoto*”, essa canalização foi prometida em diversas ocasiões por candidatos e essas promessas ainda não foram cumpridas.

Outros elementos se destacam devido a suas peculiaridades, são aqueles que se diferenciam dos elencados nos núcleos comuns das entrevistas, mas que também são importantes, no quadro 3 estão os identificados como evocações singulares. As evocações sobre Olho d’água São João Maria⁷⁷ ocorreram poucas vezes, portanto é significativo a sua baixa representatividade para os moradores, visto a sua fama na cidade, o local é marcado pelo sincretismo religioso, por muitos anos o local foi procurado para a realização de batismos, o local que é de propriedade da prefeitura encontra-se depredado e com acúmulo de lixo.

⁷⁷Os monges “Joões Marias” de um Paraná caboclo. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/os-monges-jooes-marias-de-um-parana-caboclo-2sqqvmcy0cwmigb0dl9z6fdce/>>. Acessado em 25/03/2019

QUADRO 3 - Singularidades identificadas nas entrevistas

(continuação)

CATEGORIAS	SINGULARIDADES
REFERENCIAIS ESPACIAIS	<p>“Sei que antigamente o é por que aqui acho que ele ... ele é continuação do olho d’água né, de São João Maria né, antigamente era feito batismo ali né, e hoje em dia já não fazem mais porque disque a água tá poluída, então ...”</p> <p>“Aqui embaxo é esgoto! Mas da onde que é isso aí?* Vem da cidade né!”</p> <p>“Do outro lado, onde tem aqueles bambu mora uns bugre lá, faz anos que eles moram lá também.”</p> <p>“Porque lá em São Paulo eles limpam né? O rio, dai eles colocaram, a gente passa pra i pra lá né”</p>
EVOCAÇÕES DE LUGAR	<p>“E quanto tempo que o senhor mora aqui nessa casa?* Eu acho que uns cinquenta, quarenta e cinco ... quarenta e cinco ano! [...] A minha esposa não acostuma aqui, ela qué sai né? [...] nóiscasamo lá e já viemo pra cá né, mas ela nunca gosto de mora aqui na verdade né.”</p>

QUADRO 3 - Singularidades identificadas nas entrevistas

(conclusão)

CATEGORIAS	SINGULARIDADES
EVOCAÇÕES TEMPORAIS	<p>“Putá! Isso aí, pra enche isso aí só se chove o meisintero! Nunca! Nunca, nunca ntchu, ntchhu, ntchu!”</p> <p>“É que na verdade agora que eu voltei a anda né, fiquei três ano sem anda!É, sofri um acidente dai agora que voltei a anda”</p> <p>“Então faz quanto tempo que o senhor mora aqui nessa casa, nesse terreno?” Eu memo quarenta e sete! Aqui, só aqui! Minha mãe moro sessenta e oito ano. Minha mãe já é falecida, morreu com oitenta e seis ano.”</p>
EVENTOS RECORRENTES E ESPORÁDICOS	Não identificado nas entrevistas.
RELACIONAMENTOS, EMOÇÕES E SENTIMENTOS	Não identificado nas entrevistas.
DESCRIÇÃO DO LOCAL	“Aqui era antigamente dos padre, do seminário ali em cima.”

Fonte: De Deus (2018)

A identificação da poluição do arroio por esgoto proveniente da “cidade” estabelece uma diferenciação espacial entre os “de dentro da cidade” com aqueles que ficam “fora da cidade”. Características que são geralmente ligadas a aspectos rurais como chácaras, a criação de cavalos, galinhas, patos, coelhos etc., são recorrentes e encontradas em diferentes pontos das margens do arroio, uma entrevistada indicou um carreiro “*para subir até a cidade*”, (foto 9) indicando que ali, de certa maneira não o era, pode-se aventar a ideia de que isso ocorre por não conter a infraestrutura que se espera de uma cidade urbanizada moderna naquele local, ou por suas características ligadas ao rural, ou até mesmo por guardar na memória os anos vividos fora dos limites da zona urbana e que ainda se manifestam em sua linguagem espacial.

Fotografia 9 - Carreiro de ligação entre as ruas próximas ao arroio



Fonte: Nabozny (2019)

Alguns moradores também indicaram o que, segundo eles, era o local onde moravam “bugres”⁸, referido a indígenas que moram em uma chácara na margem esquerda do arroio. A chácara é isolada na margem esquerda do arroio, não possui ligação de rede elétrica e não apresentou sinais de ligação de rede de

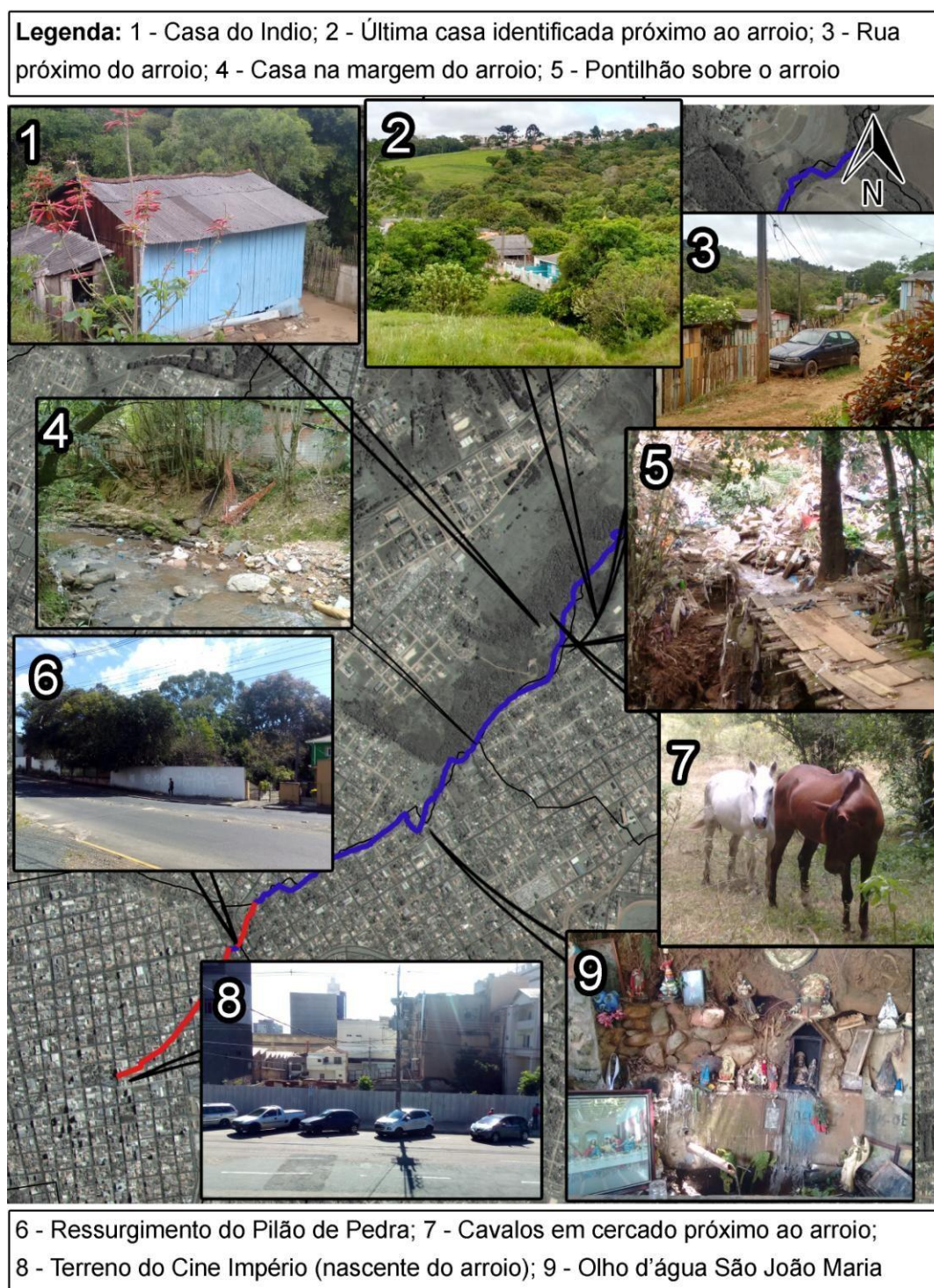
⁸ O termo bugre originou-se num movimento herético, na Europa, durante a Idade Média, representando uma força contrária aos preceitos ditados pela ortodoxia da Igreja. [...] No Brasil, os costumes dos índios, os hábitos alimentares, o fato de andarem nus, a cor da pele, os traços faciais, a “imoralidade” e a relação com o meio ambiente seriam vistos como sinais de proximidade ou mesmo plena imersão na natureza, configurando uma pré-humanidade que mal se distingue da animalidade – esta entendida como prova da privação das luzes da fé religiosa. [...] O ambiente rural parecia ser o ponto de origem da designação, que se estendia ao centro urbano da cidade. Os bugres eram indivíduos com características indígenas, sugerindo uma origem distante dos centros urbanos. (GUISARD. 1999. p.92-94). Embora o uso popular do termo bugre refira-se a um tratamento pejorativo dos indígenas, nas entrevistas e diálogos em campo essa expressão não se caracterizou com um sentido negativo, mas a expressão de uma herança ideológica em que o indígena é compreendido e especialmente em áreas rurais das quais os indivíduos entrevistados são oriundos

abastecimento de água. O “índio” foi entrevistado enquanto realizava um trabalho de servente de pedreiro em uma casa próxima ao arroio, mas em nenhum momento se identificou como indígena, por isso sua identificação como o tal referido “bugre” pelo pesquisador ocorreu posteriormente. A evocação aos “bugres” também têm referências e significados de que naquele ambiente preserva-se características que o tornam um lugar único e diferenciado na área urbana da cidade, como se guarda certo grau de mistério e selvagem pouco explorado pelas pessoas e pelo poder público.

Na figura 9, se dispõem espacialmente diferentes locais das margens do Pilão de Pedra em um croqui, esses locais elencados são citados pelos moradores de maneira direta e indiretamente, correspondem ao espaço vivido e experienciado pelos moradores e os locais percorridos pelo pesquisador.

As evocações temporais singulares se relacionam com eventos e qualidades que extrapolam de certa maneira o considerado normal espacialmente e temporalmente. Uma moradora que viveu por mais de sessenta anos próximo ao arroio evidencia que a ocupação da margem não foi concomitante a expansão da área urbana de Ponta Grossa, uma pessoa que fica por três anos sem poder andar modifica drasticamente sua relação espacial e seu mundo vivido, o uso do exagero para retratar uma situação pode ser compreendido como uma forma de reforçar a segurança do local, de que não apresenta riscos imediatos por morar na margem do arroio. A descrição do local como “pertencentes aos padres” são memórias de um passado de forte influência da igreja, onde os fiéis mantinham uma certa reverência a importância dos clérigos, em certo momento o terreno passou a ser ocupado e em algum momento posterior deixou de ser “dos padres.”

Figura 9 - Croqui com a disposição espacial dos locais citados nas entrevistas.



Esses locais elencados fazem parte do dia a dia dos moradores, as memórias e experiências ocorrem de maneira própria para cada uma daquelas pessoas, mas de maneira geral, essas imagens são representativas do ambiente experimentado e percebido. A referência à existência de indígenas faz parte do imaginário e as referências a um ambiente ainda pouco transformado, a última casa próxima as margens do arroio é cercada por uma densa vegetação, se observa que a ocupação nesse trecho da margem esquerda ainda não acontece, se mantêm como último espaço de mata remanescente, a casa bem próxima ao leito do arroio é uma das muitas que pode-se encontrar em vários trechos do arroio Pilão de Pedra, os entrevistados se referem a esse tipo de ocupação como “os moradores da área de risco”, e dessa forma, se colocando fora desse tipo de situação

A rua sem pavimentação “vai ser arrumada” inúmeras vezes nos discursos políticos, reflete os trechos percebidos como sem infraestrutura, o pontilhão improvisado sobre o arroio cheio de lixo acumulado faz a ligação com a margem direita do arroio e leva até a “*casa do índio*” é nesse local também que animais como galinhas e cavalos transitam descomplicadamente, elementos de vivências ligadas ao rural. O local de ressurgimento do arroio é a ponto que encerra o processo de canalização do arroio Pilão de Pedra, desse ponto a diante, volta a ficar à vista dos habitantes da cidade e compondo o mundo vivido dos moradores de suas margens. O olho d’água São João Maria faz referência a uma pessoa que se acredita ser abnegada, devotada a fazer o bem ao próximo e que deixou sua benção as águas daquele local para aqueles que acreditam poderem fazer uso delas. O terreno do Cine Império é marca das mudanças que ocorrem no ambiente urbano da cidade, o abandono do prédio e por fim a demolição de sua estrutura expuseram novamente a nascente do arroio.

Nesse íterim, o capítulo dois evidencia-se um processo de expansão urbana da cidade de Ponta Grossa em um sentido centro periferia. Por sua vez ao evidenciar a percepção dos moradores da margem direita do arroio Pilão de Pedra, nota-se que a ocupação em um ambiente ainda não integrado as características urbanas é precedente à urbanização. De modo que a memória (cenas de pescas⁹,

⁹ Alguns entrevistados relataram que os parentes já pescaram no arroio, um entrevistado relatou que os avós pescavam no Pilão de Pedra, segundo esse mesmo entrevistado o avó era pescador profissional, realizavam pescarias na represa dos Alagados, que é o lago artificial que surgiu do represamento do rio Pitanguí e seu tributário rio Jotuba em 1929 para a geração de energia elétrica, e mais tarde utilizado também para o abastecimento de água (LANGE; 1998, NOGUEIRA, 2018), e

brincadeiras no arroio, etc.) articulam-se a uma determinada experiência do arroio que é incompatível com as suas condições atuais em que a percepção do ambiente de algum modo adjetivado como “degradado” não é entendido enquanto um processo endógeno, mas decorrente da ocupação das imediações da nascente do arroio (considerando a direção do fluxo da água).

Não obstante, o ambiente percebido pelos moradores é o ambiente conformado pelas suas casas, histórias e geografias pessoais. Por sua vez, o arroio faz parte cada vez menos de seus espaços vividos uma vez que o esgoto, o sujo e o mal cheiro não são elementos desejados. Paradoxalmente o arroio (barulho da água corrente) e o seu vale, a mata ainda preservada (os pássaros, a sombra), a possibilidade das pessoas possuírem um terreno relativamente extenso, fora do mercado formal de terras (na forma irregular – muitas vezes) e que conseqüentemente viabilizam práticas rurais, entre outros aspectos, é o que possibilita a interpretação de morar-se em um ambiente gostoso para se viver.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Geografia, como as demais áreas do conhecimento, vem promovendo mudanças ao longo dos anos, sobre as formas de compreensão dos fenômenos e da realidade, estabelecendo relações interdisciplinares para o aprimoramento de metodologias e ampliação de correntes e campos de estudos. A Geografia Humanista surge na mudança de paradigma sobre a compreensão da relação do ser humano com o espaço, essa nova abordagem é desenvolvida dentro dos estudos de geógrafos culturais, influenciados por pesquisadores de diversas áreas, como da História, Filosofia, Psicologia, Arquitetura, Sociologia e outros sistemas de pensamento que contribuíram nos estudos para a ampliação e compreensão da relação humano/ambiente e do mundo, inicia-se, portanto, estudos sobre o ambiente humano.

A Geografia Humanista se contrapôs ao positivismo da Geografia Clássica que estabelecia metodologias ligadas a descrição empírica dos fenômenos, da quantificação, mensuração e estabelecimento de comportamentos a priori do ambiente e do ser humano. Portanto, no início essa nova corrente da Geografia abrigava estudos de diferentes bases teóricas que procuravam se distanciar da Geografia Clássica, algumas ainda ligadas ao positivismo, outros estavam ligados ao comportamentalismo e ao planejamento arquitetônico e urbanístico. Estando alicerçadas em diferentes bases epistemológicas, como a Axiologia, Anarquismo, Behaviorismo, Estética, Existencialismo, Fenomenologia, Idealismo, Semiologia, Teoria da Cognição, Teoria da Comunicação, Teoria da Gestalt e a Teoria da Percepção. Cada uma das diferentes epistemologias se entrelaçam, contribuindo assim para a complexidade e as reflexões existentes dentro da Geografia Humanista.

A Percepção Ambiental se desenvolveu em diferentes áreas do conhecimento, e também em diferentes campos dentro da Geografia, e sob a influência de bases distintas. Os estudos sobre Percepção Ambiental no início estão voltados para o planejamento urbano e comportamental, mais tarde a Fenomenologia apresenta novas possibilidades, indica uma nova direção que leva a compreensão das essências das coisas, dessa forma, se estabelecem novas bases que provocaram um processo de criação do que mais tarde seria estabelecido como Geografia Humanista. A Fenomenologia procura a compreensão das essências,

aquilo que está relacionado com o que é próprio dos fenômenos e que se manifesta como realidade do mundo vivido.

Portanto, a Percepção Ambiental de base fenomenológica ocupa-se da compreensão da relação humano/ambiente, e prioriza desenvolver e buscar nas memórias, trajetórias e experiências do e no mundo vivido, que é compreendido e pode-se estabelecer paralelo com o lugar e paisagem nos estudos dentro da Geografia, os indivíduos estabelecem nesse contexto suas percepções, apropriações, transformações e reprodução de seus mundos.

Está inserido nesse contexto de percepção do ambiente os elementos estruturais, históricos, espaciais e socioculturais de reprodução humana em uma sociedade. Os indivíduos ocupam espacialidades distintas dentro de uma mesma cidade, até mesmo dentro de uma área urbana. Ponta Grossa desde o seu estabelecimento como cidade contou com um elevado número de habitantes na área urbana, em comparação com outras cidades de mesmo porte e contemporaneidade, essa peculiaridade combinada com as características físicas e com as formas de ocupação espacial estabelecidos em diferentes momentos econômicos, inscreve no meio urbano áreas, que a princípio, não estão condicionadas para a ocupação, são os chamados fundos de vales. O arroio Pilão de Pedra está inserido nesse contexto, suas margens foram ocupadas e modificadas com o crescimento urbano da cidade, teve parte de sua extensão canalizada, o restante de seu curso permanece a céu aberto.

A ocupação das margens do arroio não acompanhou de forma linear a expansão da área urbana da cidade, as suas margens foram ocupadas por famílias em pontos distintos, antes mesmo do estabelecimento de loteamentos e vilas no seu entorno. Assim, concomitantemente ao processo de canalização do arroio na área central de Ponta Grossa durante a expansão da área urbana, ocorreu a ocupação das margens do arroio em pontos mais distantes do centro, depreendeu-se que a ocupação não acompanhou o crescimento da área urbanizada, mas ocorreu de maneira esparsa pelas margens. A poluição das águas do arroio ocorre antes mesmo da canalização na área central, a canalização foi a forma encontrada pelo poder público na época para promover a ligação de ruas e avenidas da cidade e de “esconder” a poluição realizada no arroio. O surgimento de novos loteamentos e condomínios na margem esquerda do arroio ocorre com a ajuda de novas técnicas de construção e equipamentos capazes de realizar a transformação necessário no

terreno. O investimento em condomínios fechados contrasta com a ocupação sem regramento e de investimento dos próprios moradores das margens. Sendo assim, o arroio Pilão de Pedra compõe o ambiente urbano de Ponta Grossa e se estabelece como área de lançamento de efluentes desde o início da expansão urbana da cidade, e suas margens com área para a ocupação e construção de moradias.

Para os moradores o ambiente das margens do arroio é percebido como um lugar calmo, tranquilo e sossegado, com boas relações de amizades e de ajuda mútua. O lugar dos moradores das margens do arroio Pilão de Pedra está relacionado com a construção de um ambiente para o habitar, o mundo vivido é estabelecido nas relações espaciais de proximidade com o centro da cidade e dos serviços oferecidos no entorno, o fácil deslocamento a pé como disserta Frémont (1979). Esses elementos são bastante valorizados e portanto, torna o ambiente conhecido e reconhecido por essa característica, a presença de vegetação é percebida como um elemento amortizador que contrasta com a poluição do arroio. No entanto, para alguns dos moradores entrevistados o arroio Pilão de Pedra é um elemento de pouca relevância na reprodução diária da vida, ele é apenas um detalhe, e em alguns casos até mesmo insignificante, naquilo que diz respeito a suas vivências cotidianas. Os moradores entrevistados destacam as transformações ocorridas no entorno das margens ao longo dos anos e de como superam as dificuldades iniciais e conseguiram perseverar.

Para os moradores mais velhos é como se tivessem desbravado um ambiente ainda sem transformações. As memórias da infância e dos familiares que ali conviveram por muitos anos ajudam a contar as suas trajetórias de vida e demonstram que os momentos vividos na margem do arroio aconteceram sem que o arroio fosse o catalisador de grandes emoções, e até mesmo não o percebem como elemento significativo de suas experiências e relações passadas. Em outros momentos cotidianos percebem o ambiente como sem infraestrutura, a não realização de serviços como a coleta de lixo, a falta de pavimentação nas ruas e pontos de ligação com outras vilas são elementos que se destacam nas conversas com os moradores.

O arroio passa a ser percebido como um elemento decorrente da omissão do poder público, ele já não é mais um arroio, passou a ser esgoto que escorre a céu aberto, muitos dos entrevistados fazem somente referência ao arroio devido ao mau cheiro, em decorrência do lançamento de esgoto doméstico proveniente do centro

da cidade e de algumas casas da margem, e até de animais mortos jogados no leito do mesmo, o surgimento de ratos e insetos também são referências a falta de infraestrutura percebida.

Portanto, acreditamos que a compreensão sobre o ambiente experienciado, o mundo vivido, *lugar* construído pelos moradores da margem do arroio Pilão de Pedra suscita o debate a respeito do ordenamento espacial na cidade de Ponta Grossa considerando o ambiente das margens do arroio e a sua relação com os moradores, a relação do poder público com os fundos de vale e margens de arroios nos ordenamentos legais e ambientais. O ambiente onde aquelas pessoas vivem deve ser adequado, sadio e seguro, deve respeitar as particularidades socioespaciais, as trajetórias, memórias e vivências daqueles moradores.

REFERÊNCIAS

- AMORIM FILHO, O. B. A evolução do pensamento geográfico e a fenomenologia. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, p.67-87.1999.
- AMORIM FILHO. Topofilia, topofobia e topocídio em MG. In: DEL RIO, V.; OLIVEIRA, L. (Orgs.). **Percepção Ambiental: a experiência brasileira**. São Paulo: Studio Nobel, 1996, p.139-152.
- BAHR, G. C. **Geoprocessamento aplicado ao mapeamento e análise socioambiental da bacia hidrográfica do arroio Pilão de Pedra, Ponta Grossa-PR**. 2005. 128 f. Monografia. (Trabalho de conclusão do curso de Bacharelado em Geografia). Departamento de Geociências, Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2005.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 3 ed. São Paulo/Lisboa: Edições 70, 2004.
- BLEY, L. Morretes: um estudo de paisagem valorizada. In: DEL RIO, V.; OLIVEIRA, L. (Orgs.). **Percepção Ambiental: a experiência brasileira**. São Paulo: Studio Nobel, 1996. p.121-138.
- BRASIL, 2012. **Código Florestal Brasileiro**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12651.htm> Acesso em fevereiro de 2019.
- BUTTNER, A. Aprendendo o dinamismo do mundo vivido. In: CHRISTOFOLLETTI, A (org). **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: DIFEL, 1985. p.165-193.
- BUTTNER, A. Lar, horizontes de alcance e o sentido de lugar. **Geograficidade**. Niterói, v.5, n.1, Verão, 2015. p.4-19.
- CARVALHO. C. S. et al. **Mapeamento de Riscos em Encostas e Margem de Rios**. Brasília: Ministério das Cidades; Instituto de Pesquisas Tecnológicas – IPT, 2007.
- COLLOT, M. **Poética e filosofia da paisagem**. Tradução: Ida Alves *et al.* Rio de Janeiro: Editora Oficina Raquel, 2013.
- CORRÊA, R. L. **O Espaço Urbano**. São Paulo: Ática, 1989
- CHAMMA, G. V. F. **Ponta Grossa: o povo, a cidade e o poder**. Ponta Grossa: PMPG, SMEC, 1988.
- CHAVES, N. B. et al. **Visões de Ponta Grossa**. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2001.
- CLAVAL, P. **História da Geografia**. Lisboa: Edições 70, 2006.
- DARDEL, E. **O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. Tradução WertherHolzer. 1º ed., 1º reimpressão: São Paulo: Perspectiva, 2015.
- DEL RIO, V.; OLIVEIRA, L. (Orgs.). **Percepção Ambiental: a experiência brasileira**. São Paulo: Studio Nobel, 1996.
- DEUS, E. Lugar e Pertencimento: Estudo de caso nas margens do arroio Gertrudes

em Ponta Grossa – PR. In: **Anais do XII Encontro Nacional da ANPEGE, Geografia, Ciência e Política: Do pensamento à ação, da ação ao pensamento.** Porto Alegre 2017, vol.1, p. 5229-5310. Disponível:

<<http://www.enanpege.ggf.br/2017/anais/arquivos/GT%2017/624.pdf>>. Acesso em agosto de 2018

DE PAULA, J. C. M. Poder local em Ponta Grossa: algumas considerações sobre sua evolução. In: DITZEL, C. de H. M; LÖWEN SAHR, C. L. (Orgs.). **Espaço e Cultura: Ponta Grossa e os Campos Gerais.** Ponta Grossa: Editora da UEPG, 2001. p.53-63.

DE PAULA, J. C. M. **População, poder local e qualidade de vida no contexto urbano de Ponta Grossa – PR. 1993.** 192 p. Dissertação (Mestrado em Organização do Espaço). UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “Júlio de Mesquita Filho”, Campus Rio Claro. 1993.

FONSECA, R. I. D. **Ocorrência e determinação de triclosan em águas de abastecimento na Bacia do Rio Pitangui.** 2014. 88 f. Dissertação (Mestrado em Química Aplicada) – UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA, Ponta Grossa, 2014.

FRÉMONT, A. **A Região, espaço vivido.** Coimbra: Livraria Almedina, 1979.

GLEDHILL, J; HITA, M. G. Requalificação urbana e despejos em centros novo e antigo de Salvador. **Caderno CRH** (online), Salvador, v.31, n.82, p.39-58. Jan/Abril 2018. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-49792018000100039&script=sci_abstract&lng=pt>. Acesso em 11 de abril de 2019.

GUERRA, A. T.; GUERRA, A. J. T. **Novo dicionário geológico- geomorfológico – 7 ed.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

GUISARD, L. A. de M. O bugre, um João-ninguém: um personagem brasileiro. **São Paulo em Perspectiva.** Vol.13 nº 4, São Paulo, p. 92-99. Out./Dec. 1999.

HARARI, Y. N. **Sapiens: uma breve história da humanidade.** Tradução: Janaína Marcoantonio. 33 ed. Porto Alegre: L&PM, 2018.

HERRMANN, M. L. DE P. **Atlas de Desastres naturais do Estado de Santa Catarina: período de 1980 a 2010.** 2 ed. Florianópolis: IHGSC/Cadernos Geográficos, 2014.

HOLZER, W. A Geografia Humanista: Uma revisão. **Espaço e Cultura,** Rio de Janeiro (UERJ), n.03, p.08-19. Janeiro de 1997.

HOLZER, W. O Método Fenomenológico: Humanismo e a Construção de Uma Nova Geografia. In: ROSENDAHL, Z; CORRÊA, R. L (Orgs.). **Temas e Caminhos da Geografia Cultural.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010. p.37-71.

HOLZER, W. **Geografia Humanista: sua trajetória 1950-1990.** Londrina: Eduel, 2016.

IBGE. **Glossário dos termos genéricos dos nomes geográficos utilizados no mapeamento sistemático do Brasil.** Vol. 1. Rio de Janeiro, 2010.

- KLOC, A. P.; LAIRD, Y. V. **Avaliação do impacto de lodo de Estação de Tratamento de Água (ETA) na qualidade das águas do arroio Pilão de Pedra**. 2017. 75 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Engenharia Química) - UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ, Ponta Grossa, 2017.
- LANGE, F. L. P. **Os Campos Gerais e sua princesa**. Curitiba. Copel, 1998. 328 p.
- LIMA, A. B. M. O que é Fenomenologia. In: LIMA, A. B. M. (org.). **Ensaio sobre Fenomenologia: Husserl, Heidegger e Merleau-Ponty**. Ilhéus: Editus, 2014. p.09-14
- LENCIONI, S. **Região e geografia**. São Paulo: Edusp, 1999.
- LÖWEN, C. L. **Favelas: um aspecto da expansão urbana de Ponta Grossa –PR**. Rio Claro, 1990, 174 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA, Campus Rio Claro, 1990.
- LÖWEN SAHR, C. L. Estrutura interna e dinâmica social na cidade de Ponta Grossa. In: DITZEL, C. de H. M; LÖWEN SAHR, C. L. (orgs.) **Espaço e cultura**. Ponta Grossa e os Campos Gerais. Ponta Grossa: Editora UEPPG, 2001. p. 13-36.
- LOWENTHAL, D. Geografia, Experiência e Imaginação: em direção a uma epistemologia geográfica. In: CHRISTOFOLETTI, A (org). **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: DIFEL, 1982. p.103-141.
- LYNCH, K. **A imagem da cidade**. Tradução: Maria Cristina Tavares Afonso. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1982.
- MACHADO, L. M. C. P. A serra do mar como espaço e como lugar. In: DEL RIO, V.; OLIVEIRA, L. (Orgs.). **Percepção Ambiental: a experiência brasileira**. São Paulo: Studio Nobel, 1996, p. 97-119.
- MAACK, R. **Geografia física do Estado do Paraná**. 4 ed. Ponta Grossa: Editora UEPPG, 2012.
- MARANDOLA JR. E. J. **Habitar em risco: mobilidade e vulnerabilidade na experiência metropolitana**. 2008. 266 f. Tese (Doutorado em Ciências, na área de Análise Ambiental e Dinâmica Territorial) – UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS, Campinas, 2008.
- MAZUR, E. T. **Políticas públicas e arroios urbanos em Ponta Grossa/Paraná uma análise a partir dos planos diretores**. 2010. 107 f. Dissertação (Mestrado em Gestão do Território: Sociedade e Natureza) - UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA, Ponta Grossa, 2010.
- MEDEIROS, C. V.; MELO, M. S. de. Processos erosivos no espaço urbano de Ponta Grossa. In: DITZEL, C. de H. M; LÖWEN SAHR, C. L. (Orgs.). **Espaço e cultura: Ponta Grossa e os Campos Gerais**. Ponta Grossa, EdUEPPG, 2001. p.109-136.
- MELLO, J. B. F. A Geografia Humanística: a perspectiva da experiência vivida e uma crítica radical ao positivismo. **Revista Brasileira de Geografia**. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia Estatística – IBGE. Rio de Janeiro, v.52, n.4, p.91-114. 1990.
- MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. Tradução: MOURA, C. A. R. de. São Paulo: Martins Fontes, 1996. 662 p.

MORAES, A. C. R. **Geografia: Pequena História Crítica**. São Paulo, 15 ed. Hucitec, 1994.

MONASTIRSKY, L. B. A mitificação da ferrovia em Ponta Grossa. In: DITZEL, C. de H. M; LÖWEN SAHR, C. L. (Orgs.). **Espaço e cultura: Ponta Grossa e os Campos Gerais**. Ponta Grossa: EdUEPG, 2001. p.37-51.

MONASTIRSKY, L. B. **Cidade e ferrovia: a mitificação do pátio central da RFFSA, em Ponta Grossa (PR)**. 1997. 208 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, Florianópolis, 1997.

NOGUEIRA, M. K. F. De S. **Estrutura e distribuição espacial das florestas ripárias do Rio Pitangui, Paraná, Brasil**. 2018. 178 f. Tese (Doutorado em Geografia) – UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA, Ponta Grossa, 2018.

OLIVEIRA, A. C. R. de. **A perspectiva mercadológica do planejamento urbano: um estudo sobre a promoção da especulação imobiliária pelo poder público municipal – o caso de Ponta Grossa – PR**. 2012. 159 f. Dissertação (Mestrado em Gestão do Território: Sociedade e Natureza) - UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA, Ponta Grossa, 2012.

OLIVEIRA, L. Percepção Ambiental. **Revista Geografia e Pesquisa**, Ourinhos, v.6, n.2, p.56-72. jul./dez. 2012.

OLIVEIRA, L. **Percepção do Meio Ambiente e Geografia: estudos humanistas de espaço, da paisagem e do lugar**. MARANDOLA JR., E; CAVALCANTE, T. V. (orgs). São Paulo: Cultura Acadêmica, 2017.

PINTO, E. A. **Ponta Grossa – um século de vida: 1823 – 1923**. Ponta Grossa: Kugler Artes Gráficas, 1983.

PONTA GROSSA-PR. **Decreto nº 4.037, de 15 de maio de 2010**. Declara Área de Risco os Locais que Menciona e dá outras providências. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a/pr/p/ponta-grossa/decreto/2010/404/4037/decreto-n-4037-2010-declara-area-de-risco-os-locais-que-menciona-e-da-outras-providencias>>. Acesso em julho de 2017.

RECLUS, E. **História de um Riacho**. Tradução Plínio Augusto Coêlho. São Paulo: Intermezzo Editorial, 2015.

RELPH, E. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de lugar. In: MARANDOLA JR.; HOLZER, W. OLIVEIRA, L. (Orgs). **Qual o espaço do lugar**. São Paulo: Perspectiva, 2014, p.17-32.

RIBEIRO, W. C. Notas sobre Fenomenologia, Percepção, e Educação Ambiental. **Sinapse Ambiental**. Betim, MG, p.42-65, set. 2009

SILVA, T. L. B. da. **Os arroios no processo de urbanização de Ponta Grossa – PR (1900 – 1950)**. 2017. 118 f. Dissertação (Mestrado em História), UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA, Ponta Grossa, 2017.

SILVA JUNIOR, N. **O fechamento dos cinemas em Ponta Grossa: particularidades**

de um processo histórico-cultural. 2008. 171 f. Dissertação (Mestrado em Sociedade, Direito e Cidadania) - UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA, Ponta Grossa, 2008.

SOUZA, M. L. de. Lugar e (re[s])significação espacial. In: SOUZA, M. J. L de. **Os Conceitos Fundamentais da Pesquisa Sócio-Espacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014. p.111-134.

SPOSITO, E. S. **Geografia e Filosofia: Contribuição para o ensino do pensamento geográfico**. 1 reimpressão. São Paulo: Unesp, 2004.

STROMBERG, A. C. **Avaliação da qualidade da água do arroio Pilão de Pedra no município de Ponta Grossa utilizando ferramentas de análise ambiental**. 2017. 69 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Engenharia Química) - UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ, Ponta Grossa, 2017.

TUAN, Y-F. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Tradução Lívia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012.

UAN, Y-F. Geografia Humanística. In: CHRISTOFOLETTI, A. (Org.). **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: Difel, 1982.

VASCO, A. P; ZAKRZEWSKI, S. B. B. O Estado Da Arte Das Pesquisas Sobre Percepção Ambiental No Brasil. **Perspectiva**, Erechim. v.34, n.125, p.17-28, mar.2010.

VIOTTO FILHO, I. A. T; PONCE, R. de F.; ALMEIDA, S. H. V. de. As compreensões do humano para Skinner, Piaget, Vygotski e Wallon: pequena introdução às teorias e suas implicações na escola. **Psicologia da Educação**, São Paulo, v. 2, n. 29, p.27-55, dez. 2009.

WRIGHT, J, K. Terraecognitae: o lugar da imaginação na Geografia. Tradução Leticia Pádua. **Geograficidade**, v.4, n.2, p.04-18, Inverno 2014.

**APÊNDICE A – Roteiro para entrevista aberta com os moradores das margens
do arroio Pilão de Pedra em Ponta Grossa-PR**

1. Caracterização dos Sujeitos. Aspectos quantitativos

Quantos membros da família moram atualmente nessa casa?

Possuem animais de estimação ou criação? Quais? Se não, por que não?

Quantos cômodos a residência possui? (Incluindo jardim e quintal).

A casa é feita com qual estrutura material?

A casa foi construída pelo próprio morador?

A casa é própria, alugada ou cedida?

Você considera uma casa grande, média ou pequena?

Os filhos/netos/sobrinhos estudam? Qual a idade deles?

Os filhos trabalham? Em que área?

2. Aspectos qualitativos

Gostam do local onde mora? Por quê?

Há quanto tempo mora no local?

Como era a casa, a vizinhança e o arroio quando veio morar aqui?

Trabalham fora de casa? O que faz? Trabalha-se na casa qual é a atividade desenvolvida?

No período em que mora no local vivenciou algum evento significativo?

Exemplo: inundação da casa ou do terreno.

Qual período do ano isso ocorreu?

Qual período do ano considera ideal/pior de morar nessa casa?

Como o morador (a) "vê" o arroio? Quais as características podem destacar do arroio ou de morar próximo ao arroio.

Qual é sua relação com os vizinhos?

Qual é a sensação de segurança? É um local violento?

Qual é a sua relação com o Olho d'água São João Maria? Qual história do local conhece?

O Estado (poder municipal) alguma vez realizou alguma ação com o morador ou nas proximidades? Exemplo: cadastro em programa de habitação ou ações de infraestrutura no arroio.

O que acredita que poderia ser feito pelo poder público para melhorar as condições do local onde mora? Desenvolve alguma atividade na comunidade?

APÊNDICE B – Tópicos guia para um diálogo

TÁTICAS DE APROXIMAÇÃO E EMPATIA

Bom dia/boa tarde, tudo bem? “Olha sei que já deve estar acostumado com pessoas que vem aqui entrevistá-los, preencher questionários, etc. Eu estou aqui precisando de um auxílio do Sr/Sra. Eu faço um curso na universidade em que tenho que desenvolver uma pesquisa, etc. Sabe? Eu escolhi fazer uma pesquisa em que eu pudesse conversar com as pessoas, saber de suas vidas. Será muito bonito se o senhor (a) puder conceder um pouco do seu tempo para eu aprender com a sua experiência de vida, etc... Podemos conversar um pouco (>>>)? Por exemplo, o que é aquilo a li nos fundos do terreno?...segue o guia depois.

TÓPICOS GUIA PARA UM DIÁLOGO

1. O que tem nos fundos de sua casa/terreno? (Compreendendo o papel da linguagem como forma de dar sentido as coisas. O nome dado ao arroio irá compor em caráter individual a lacunas inerentes as perguntas procedentes)
2. Por favor, me conte como o senhor (a) veio morar aqui (do lado ao lado, próximo ...) do {_____}?
3. Como é viver ao lado do {_____}?
4. Que tipo de sentimento o/a {_____} desperta no senhor (a)?

APÊNDICE C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



Universidade Estadual de Ponta Grossa
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

COMISSÃO DE ÉTICA EM PESQUISA EM SERES HUMANOS

Av.: Gen. Carlos Cavalcanti, 4748 CEP: 84030-900 Bloco M, Sala 100

Campus Uvaranas Ponta Grossa Fone: (42) 3220.3108 e-mail: seccoep@uegp.br

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você _____, está sendo convidada (o) a participar da pesquisa **sobre a percepção ambiental dos moradores das margens do arroio Pilão de Pedra, Ponta Grossa – PR**, tendo como pesquisador responsável **o mestrando Everton de Deus** e como pesquisador orientador **o Prof. Dr. Almir Nabozny** da Universidade Estadual de Ponta Grossa. O objetivo da pesquisa é **compreender como o arroio Pilão de Pedra compõe a percepção ambiental dos moradores de suas margens**.

A sua participação no estudo será de informar através de entrevistas abertas as suas percepções do ambiente onde vive, a entrevista será gravada em formato digital de áudio com um gravador. Depois serão transcritas para o formato digital de texto, e aí então serão analisadas pelos pesquisadores. A transcrição das entrevistas será sigilosa, ou seja, o entrevistado não será identificado pelo nome, apelido ou endereço. Estes dados serão utilizados na dissertação do mestrando do Programa de pós-graduação em Geografia Everton de Deus e prováveis artigos escritos pelo pesquisador, e pelo Prof. Dr. Almir Nabozny em prováveis artigos escritos pelo pesquisador.

Sua participação é voluntária, portanto não receberá recompensa ou gratificação nem pagará para participar. Será garantido o livre acesso a todas as informações e retirada de dúvidas sobre o estudo, enfim, tudo o que você queira saber antes, durante e depois da participação na pesquisa. Você poderá deixar de participar do estudo a qualquer momento, sem apresentar justificativas e, também, sem prejuízo ou perda de qualquer benefício que possa ter adquirido, tendo também todas as dúvidas esclarecidas sobre a sua participação neste trabalho. Em caso de dúvidas, você poderá entrar em contato com qualquer um dos membros da pesquisa ou com a Comissão de Ética em Pesquisa da UEPG.

Everton de Deus

Rua Manoel Machuca, nº 211 Apto 14, Uvaranas 84020-540 – Ponta Grossa /PR

Telefone: 42 99973-4626

Almir Nabozny

Universidade Estadual de Ponta Grossa, Departamento de Geociências / DEGEO.

, Av. Carlos Cavalcanti nº 4748. Bloco L Sala 116, Uvaranas, 84030900 - Ponta Grossa, PR, Telefone: (42) 32203046

Comitê de Ética em Pesquisa

UEPG campus Uvaranas,

Bloco M, sala 100 Telefone: (42) 3220-3108.

Assinatura do convidado (a) para a pesquisa _____

Assinatura pesquisador responsável _____

Assinatura orientador _____

pesquisador _____

Ponta Grossa, ____ de _____ de 2018.